Nº 66 — Cr$ 100,00 — AGOSTO DE 1981

coojornal

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

O Rio Grande falido

A economia gaúcha está em crise e o Estado mal pode pagar seus funcionários

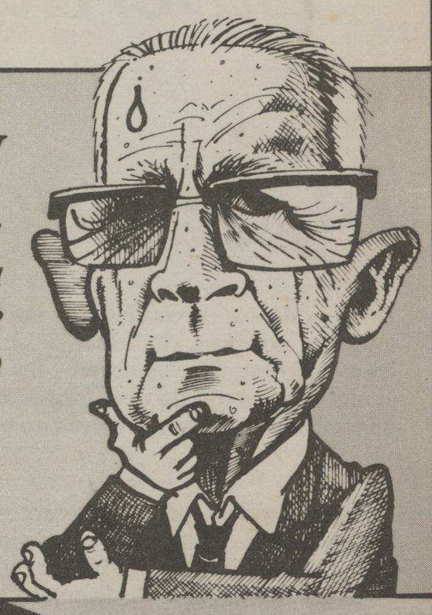


Rango

Pela primeira vez, em pele e osso, o Rango é entrevistado

Golbery

As razões da queda da eminência parda do Planalto, que pode afetar o equilíbrio interno do poder.





OS EMBALOS DO BOM FIM

Na primeira metade deste ano, as noi tes do Bom Fim, o antigo bairro judeu de Porto Alegre, ficaram mais tensas. Faltou maconha, aumentou o consumo de álcool,a repressão policial e tudo terminou numa rebelião.

Entrevista com MILLÔR

Cinco jornalistas conversaram três horas com o maior humorista do país. Uma façanha, já que Millôr detesta falar de si mesmo. O trabalho foi feito para a revista *Oitenta*. O **Coojornal** adianta uma parte da entrevista

Pela Liberdade de Informação



Um mês depois da condenação dos quatro jornalistas gaúchos, sindicatos e entidades da área de comunicação abrem um debate nacional sobre o direito de informação e sua importância na redemocratização do país.

Preocupadas com as crescentes restrições impostas aos jornalistas, a Federação Nacional dos Jornalistas e a Associação Brasileira de Imprensa, ao lado de diversos sindicatos da categoria, iniciaram uma campanha pela liberdade de informação. A campanha foi iniciada dia 3 de agosto, quando completou um mês da condenação dos jornalistas Osmar Trindade, Carlos Rafael Guimarães Filho, Rosvita Saueressig e Elmar Bones da Costa, com base no Código Penal Militar, pela publicação, no **Coojornal,** de relatórios do Exército sobre a guerrilha, reportagem que mereceu o Prêmio Esso, de jornalismo em 1980.

Naquele dia, às 18 horas, todas as redações do país pararam para ouvir a leitura de uma nota da Federação, em que "os jornalistas brasileiros denunciam à Nação que não se sentem seguros para desempenhar suas funções com plena liberdade". A nota acrescenta: "A Federação Nacional dos Jornalistas, interpretando o sentimento de 17 mil jornalistas brasileiros, afirma categoricamente que o julgamento de jornalistas pela Justiça Militar não se coaduna — nem jamais se coadunará — às normas de qualquer democracia". E ressalta que "os jornalistas querem uma ordem constitucional justa e democrática, onde a imprensa seja livre para expor seus pontos de vista e os jornalistas não trabalhem sob a diuturna ameaça da drástica Lei de Imprensa, da Lei de Segurança Nacional e, absurdo dos absurdos, do Código Penal Militar.

À noite, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, foi realizado um ato público com a presença de líderes partidários, sindicais e religiosos (*). Na abertura dos trabalhos, foram lidos telegramas do presidente regional do PDS, deputado Victor Faccioni, desculpando-se por não poder atender a "tão honroso convite", do presidente da Associação Nacional dos Jornais, Roberto Marinho, explicando que os estatutos da entidade impedem a presença de seus dirigentes em atos públicos, mas desejando "em seu nome pessoal, que Deus inspire os participantes deste encontro, baseando os pronunciamentos no conceito amplo de liberdade de imprensa que nós, jornalistas ocidentais, sempre defendemos", e da Federação Internacional dos Jornalistas, com sede em Bruxelas, que reúne mais de 100 mil profissionais em todo o mundo, apoiando a campanha.

O presidente da Federação, Washington Tadeu de Mello, iniciando os trabalhos, afirmou que a sentença da Auditoria Militar de Porto Alegre "não puniu apenas os quatro colegas gaúchos, mas também os jornalistas brasileiros e, mais do que isto, a democracia que se anuncia". Ele observou que outros 25 jornalistas estão sendo processados pela Lei de Segurança Nacional e explicou: "Não queremos privilégios e sim o direito de informar que também é o da sociedade de ser informada. Não se chama jornalista quem não aceitar este desafio".

Em nome das bancadas federal e estadual do PMDB, o deputado federal Odacir Klein expressou solidariedade aos jornalistas condenados afirmando que "a punição foi baseada numa legislação ilegítima que visa a proteger os interesses de minorias". O presidente do sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, Adão Haggstram, representando a Intersindical gaúcha, enfatizou: "Se hoje são condenados jornalistas que informam bem, não podemos falar em democracia", enquanto o presidente da Assembléia gaúcha, Aldo Pinto, falando pelo PDT, conclamou aos jornalistas: "Não se limitem a registrar a História, mas nos ajudem a fazê-la".

No encerramento, o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, Lauro Haggeman, explicou a campanha em defesa da liberdade de imprensa: "Pretendemos ir às associações de bairro, às vilas, e às igrejas, explicar o que entendemos por liberdade de imprensa e o que a comunidade pode esperar de nós jornalistas".

Apoio aos condenados

Quando o presidente João Figueiredo esteve em Porto Alegre, na semana seguinte à condenação dos quatro jornalistas gaúchos, recebeu uma carta aberta, no qual o Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre manifesta "preocupações com o que têm ocorrido, especialmente na área da imprensa". Segundo o sindicato, "as posições do Governo em favor da abertura política não têm coincidido com os fatos, reinando entre nós, dúvidas e incertezas, senão angústias, sobre os dias de amanhã".

A carta ressalta que "passados mais de dois anos, ficaram impunes e sem maiores explicações os casos de atentados a bancas de jornais". Por outro lado, constata: "Os processos contra jornalistas profissionais se têm acentuado no país, iniciados e desenvolvidos sob a égide da Lei de Segurança Nacional, do Código Penal Militar e de leis de exceção vigentes, quando achamos que assuntos de imprensa, suas responsabilidades e eventuais infrações, são de ordem civil e devem ser tratados nos termos da Lei de Imprensa".

Finalizando, o sindicato observa: "Vinculada intimamente ao processo democrático, o adequado exercício da liberdade de informação, como o das liberdades sindicais, é condição básica para o funcionamento da democracia, única forma de Governo capaz de conduzir a Nação brasileira à equação de seus problemas".

Durante o mês de julho, os jornalistas condenados pela Auditoria Militar de Porto Alegre a cinco meses de prisão pela publicação de relatórios do Exército sobre a Guerrilha — que deu ao **Coojornal** o Prêmio Esso de Jornalismo de 1980 —, receberam centenas de manifestações de solidariedade. A Federação Internacional dos Jornalistas, com sede em Bruxelas, que reúne mais de 100 mil profissionais em todo o mundo, enviou telex protestando energicamente contra "esta violação flagrante da liberdade de informação".

A Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) mandou telegramas ao presidente da República e aos Ministros da Justiça e do Exército, protestando contra "este ato que fere o princípio fundamental da liberdade e conseqüentemente de um país que pretende atingir sua plena democracia". O Comitê de Proteção aos Jornalistas, sediado em Nova Iorque, igualmente afirmou que "a sentença viola as normas internacionais de liberdade de Imprensa".

Também se solidarizaram com os jornalistas, as seguintes autoridades e entidades: senador Pedro Simon, secretário geral do diretório nacional e presidente do diretório regional do PMDB; deputado João Satte, presidente regional do PDT; Olívio Dutra, vice-presidente nacional e presidente regional do PT; Sinval Guazzelli, presidente regional do PP; senadores Teotônio Vilela e Paulo Brossard; deputados federais Odacir Klein, Alceu Collares e Audálio Dantas; deputado Nelson Friedrich, líder da bancada do PMDB, no Paraná; deputado Aldo Pinto, presidente da Assembléia gaúcha; deputado Gerson Shirmer, líder da bancada do PMDB gaúcho; vereador Arnildo Müller, em nome da Câmara dos Vereadores de Santa Maria-RS; vereador Antonio Apoitia, e Oliovaldo Greceller presidente do diretório do PMDB, de Livramento; vereador Carlos César Araújo, do PP de Livramento; deputados Ibsen Pinheiro, Antenor Ferrari, Carlos Augusto de Souza, José Fogaça, Lélio Souza e vereadores Antonio Cândido, Rubem Thomé, Glêmio Peres, Marcos Klassmann de Porto Alegre; Adelmo Genro Filho, de Santa Maria; e José Vieira, de Quaraí.

Os jornalistas receberam manifestações de solidariedade das seguintes entidades: Federação Nacional dos Jornalistas, Sindicatos dos Jornalistas de Porto Alegre, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo; Associação Brasileira de Imprensa, Associação Riograndense de Imprensa; Sindicato Profissional de Relações Públicas; Clube de Criação do RJ; Clube de Criação do RS; Associação Brasileira de Documentaristas-RJ; Federação Riograndense de Associações e Clubes de Amigos de Bairros (Fracab), Organização das Cooperativas de Goiás; Cooperativa dos Jornalistas de Natal (Coojornat), Cooperativa dos Jornalistas de Pernambuco (Coojornape), Cooperativa dos Jornalistas de São Paulo (Jornacoop), Cooperativa dos Jornalistas de Goiás (Projornal), Associação dos Veículos de Comunicação das Cooperativas (Ajocoop), Instituto dos Arquitetos do Brasil-RS, Comissão de Justiça e Paz-SP, Movimento de Justiça e Direitos Humanos-RS, Centro de Aconselhamento do Pequeno Produtor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Comitê Brasileiro pela Anistia-SP, Associação dos Militares Cassados (Ampla), Rádio Educacion do México, Clube dos Repórteres Políticos de Porto Alegre, Intersindical-RS.

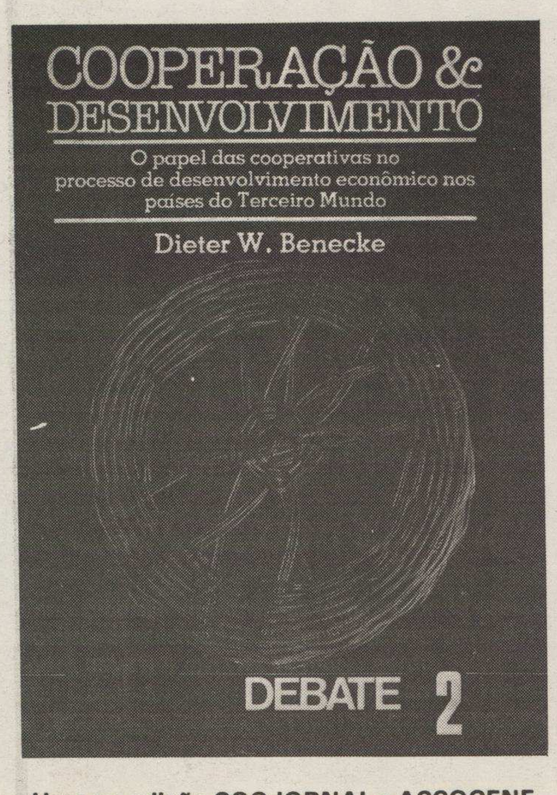
Agora, os quatro jornalistas aguardam o julgamento do recurso interposto pelos advogados Marco Tulio de Rose e José Paulo Pertence. Eles já entregaram ao Superior Tribunal Militar as razões finais de defesa, enquanto a Procuradoria Militar igualmente apelou da decisão e prepara seu arrazoado. A defesa dos jornalistas fundamenta-se no fato de que a publicação dos documentos não se constitui em dolo contra a administração militar.

(*) Estiveram presentes: Aldo Pinto, presidente da Assembléia gaúcha, representando o PDT, o deputado federal Odacir Klein, pelo PMDB, o vice-presidente do PT, Olívio Dutra, o vice-presidente regional do PP, Mario Ramos, o presidente do sindicato dos Metalúrgicos Adão Haggstram pela Intersindical, o arcebispo da Igreja Episcopal, dom Artur Kratz, o vice-presidente da seccional sul da OAB, Nereu Lima, os representantes dos sindicatos dos jornalistas de Brasília, Helio Doyle, de Minas Gerais, Tilden Santiago, do Rio de Janeiro, Fichel Davit Chargel, de Porto Alegre, Lauro Haggeman e o representante da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Comunicação e Publicidade, Walson Miranda.

As cooperativas nos países subdesenvolvidos

O que uma cooperativa pode fazer na economia de um país do Terceiro Mundo? As cooperativas podem realmente contribuir para a mudança de estruturas econômicas? "Cooperação e Desenvolvimento" é um raro livro sobre o papel das cooperativas, analisando estes assuntos em profundidade. São 240 páginas de informação e análise sobre a importância deste sistema econômico para a estratégia de crescimento de um país como o Brasil.

O autor, Dieter W. Benecke, aprofunda estudos sobre a economia dos países em desenvolvimento; o que se pode esperar das cooperativas neste processo; os fatores positivos e negativos da atividade cooperativa; o Estado controlador da atividade cooperativa; a busca de novos caminhos para superar o fracasso da política de desenvolvimento nos países capitalistas e socialistas.



Uma co-edição COOJORNAL e ASSOCENE

Preencha o cupom anexo e remeta-o junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — 90000 — RS.

Solicito enviar...exemplar(es) do livro "Cooperação e Desenvolvimento", ao preço unitário de Cr$ 500,00 cada.

Nome:_____

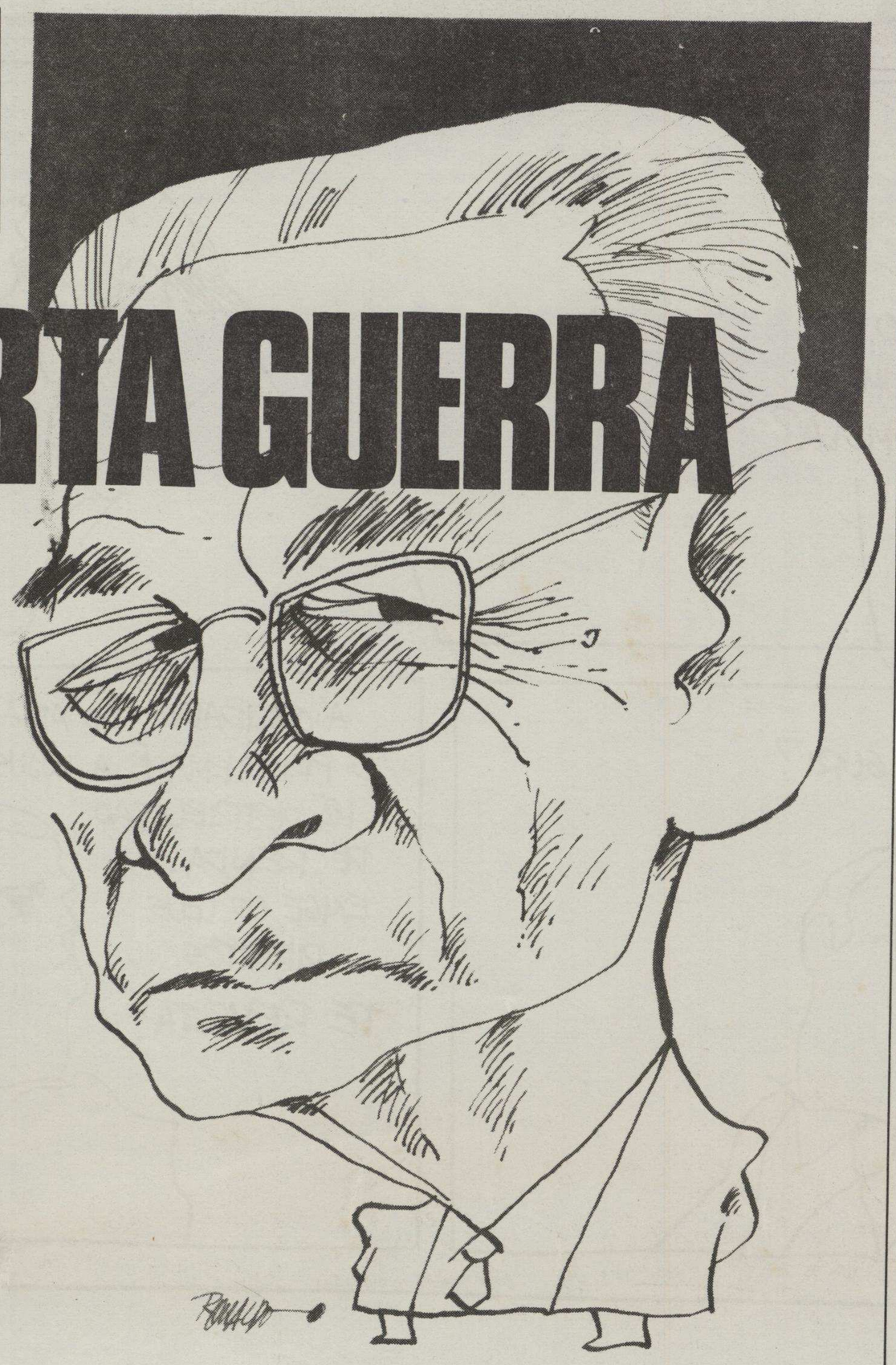
Endereço:_____

Cidade:_____ CEP:_____

Estado:_____

O que está por trás da renúncia do general Golbery? Irritado com a incompetência dos executores da política governamental, o ex-chefe da Casa Civil queria uma varredura no ministério Figueiredo, a começar pelos ministros Delfim Netto e Jair Soares. Mas, apesar da queda, poucos acreditam que o conspirador Golbery, a 50 quilômetros do Planalto, seja carta fora do baralho.

A QUARTA GUERRA



Por Luis Recena Grassi

Quarenta e oito horas depois do fato, a corte ainda estava em estado de choque. Embora sonhada por muitos, a queda de Golbery jamais entrou na bolsa de especulações, tão comum nas rodas políticas de Brasília. O chefe do gabinete civil, para efeito de raciocínio sobre o poder, sempre foi tido e havido como homem que puxava os cordões, o articulador maior de tudo quanto de bom ou de ruim se passava no País.

Na noite de quinta-feira, 6 de agosto, entrou definitivamente para a história da capital da República. O general Golbery do Couto e Silva pediu demissão e provocou uma reunião na granja do Torto que se estendeu madrugada adentro. A causa imediata da renúncia: um malogrado plano de fazer uma reforma ministerial para valer com o objetivo de dar mais oxigênio ao Governo e criar expectativas positvas para a Nação, segundo explicaram colaboradores íntimos do general, que completa 70 anos dia 21 de agosto.

A reforma sonhada por Golbery visava, como disseram as mesmas fontes, melhorar a imagem governamental, descobrir melhores caminhos para o sucesso no pleito de novembro do ano que vem. Ela previa inclusive, a substituição do ministro Delfim Netto, que voltou a ser identificado como a causa principal de todos os males da economia brasileira.

Duas outras causas suplementares foram apontadas como determinantes da decisão de Golbery: a irritação e o cansaço. O velho articulador de tantas jogadas de sucesso estava ficando cada dia mais irritado com a incompetência dos quadros governamentais em executar o que ele planejava. Integrantes do ministério ou membros importantes do partido do Governo, todos estavam pondo a perder o que Golbery articulava. Isso foi cansando o general. Sentindo-se mal servindo ou mesmo desprezado como conselheiro, desconfiou que estaria sobrando e tratou logo de pegar seu paletó, seu chapéu, pedir as contas e ir embora.

As versões mais fiéis de sua queda dizem que ele anunciou sua intenção ao presidente Figueiredo na segunda quinzena de julho, quando foi ao Rio de Janeiro participar do casamento de um filho do médico Guilherme Romano, com quem mantém sólida amizade e pela qual era acerbamente criticado em algumas salas palacianas. Na crônica dessa festa consta uma frase, do general, dita em francês, anunciando que estava na hora de ir embora. Todos pensaram que era apenas do jantar, mas depois interpretaram que tinha sido o primeiro anúncio público de seu cansaço.

Os lances seguintes foram a reforma eleitoral, que ele estaria querendo mais casuística do que anunciada pelo Planalto e a crise da Previdência, que ele pensava resolver com a punição, por incompetência, do ministro Jair Soares. Em uma das reuniões sobre esses dois temas, disseram seus amigos, houve discussões acaloradas, onde alguns desaforos foram trocados. O presidente Figueiredo teria dito, então, que costumava aceitar conselhos, mas não a tutela de ninguém.

A partir daí, a sucessão de lances foi rápida: na madrugada de terça para quarta-feira, Golbery escreveu o esboço da carta de demissão, mostrou-a a Figueiredo e combinou com seu grupo que faria o anúncio formal na sexta-feira. O vazamento da informação aconteceu em São Paulo, via agência central do Serviço Nacional de Informações. Jornalistas que souberam do boato, ao entardecer de quinta, telefonaram ao médico Guilherme Romano, que julgando ser a informação do domínio público, confirmou tê-la recebido confidencialmente, no início da semana, pela boca de seu amigo ministro. Golbery já estava em sua residência oficial da granja do Ipê, arrumando as malas para mudar-se rapidamente para um sítio que possui a 50 quilômetros de Brasília. A noite de sexta para sábado, ex-ministro, Golbery passou-a como morador definitivo do sítio da Amizade, em Luziania, Goiás.

O ex-ministro pretende residir no sítio. Trata-se de um sonho antigo: ler, escrever, permanecer no sítio rodeado pela família e os bichos de estimação que cria. Fica também no sítio por que ele é próximo de Brasília, à meia hora do Palácio do Planalto. Ninguém acredita que a demissão para Golbery, signifique o fim da atividade política. Conspirador há, pelo menos, quarenta anos dificilmente deixará de acompanhar atentamente o dia-a-dia da cena política brasileira.

O primeiro teste de sua popularidade acontece antes do final do mês, na comemoração de seus 70 anos. Nos sete anos que passou como eminência parda de dois presidentes, Golbery exerceu o poder em todos os seus detalhes. Calcula-se que 60% do segundo e terceiro escalões do Governo deva algum favor ao general. No ano passado, sem que houvesse festa programada, mais de trezentas pessoas foram ao sítio abraçar o padrinho.

Fora isso, é pensamento comum entre os políticos que a saída de Golbery altera o equilíbrio interno do Governo, com a perda de terreno pelos castelistas. O maior argumento para esse raciocínio é o comentário do ex-presidente Geisel sobre a saída do seu antigo colaborador ("eu temia que isso acontecesse"). A partir daí, colocam-se como personalidades em ascenção os ministros Delfim Netto, do Planejamento e Otávio Medeiros, do SNI. A convocação do ex-ministro de Médici, Leitão de Abreu, foi recebida com reservas pelos políticos ligados a Golbery.

Esses mesmos políticos, embora afirmem que o projeto de abertura é um compromisso pessoal do presidente Figueiredo passaram a temer pela sua condução. Acreditam que o ritmo da redemocratização pode diminuir, a partir de uma ofensiva de argumentos sobre as dificuldades econômicas, a ser desfechada pelo Ministro do Planejamento.

Em palácio, as crises políticas pós-64 são tratadas como guerras mundiais. A primeira foi a sucessão de Castelo Branco, perdida pelos castelistas, a segunda foi a sucessão de Geisel, vencida por eles. A terceira acaba de ser perdida. Em Brasília, agora, espalha-se o comentário de que já começaram os movimentos iniciais de uma quarta guerra mundial.

O cidadão Golbery

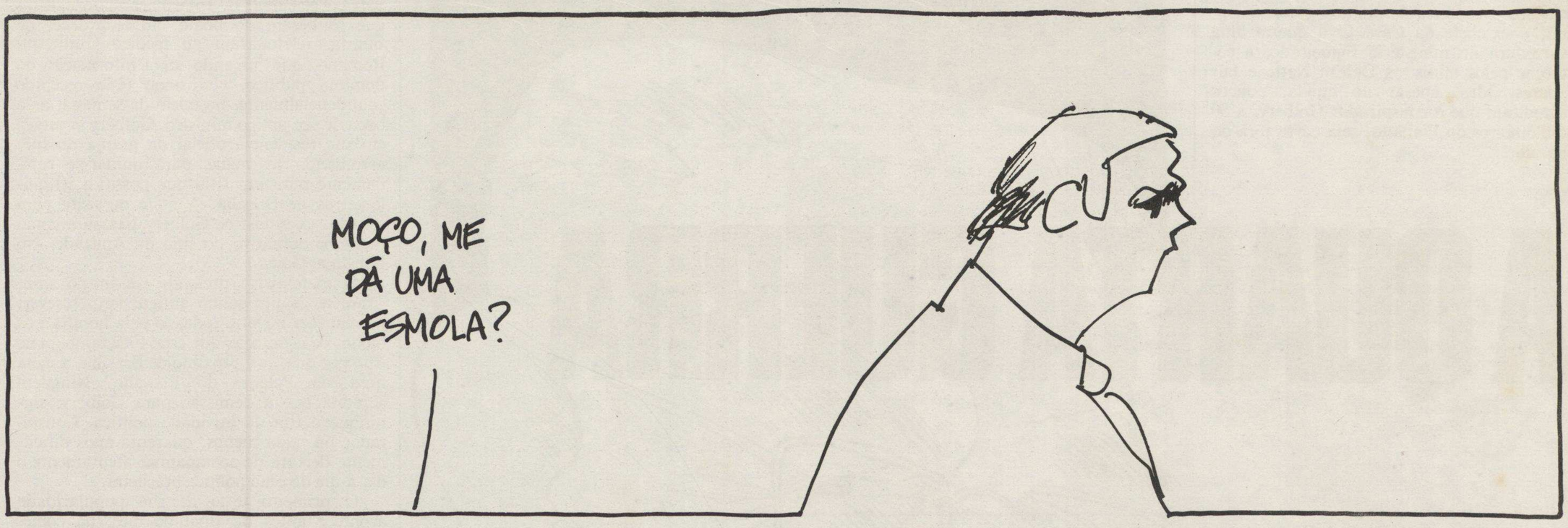
Por trás do general, ministro e homem forte de dois governos, havia a figura do cidadão comum. A esta conclusão chegou o Jornal de Brasília, *que dedicou uma página de sua edição de sábado, 8 de agosto, para contar a rotina do Golbery do Couto e Silva na capital quando estava fora de suas obrigações políticas.*

A reportagem revelou que, há mais de 7 anos, o general fazia compra de adubos e implementos agrícolas em uma casa especializada, na periferia da cidade. Seu dono disse que presumia a importância do cliente, falava com ele sobre assuntos políticos do País, mas jamais entrou em maiores discussões com o ex-ministro. Uma lanchonete e uma sorveteria eram paradas diárias do general para tomar suco de laranja e comprar gelados. Ninguém imaginava quem ele era.

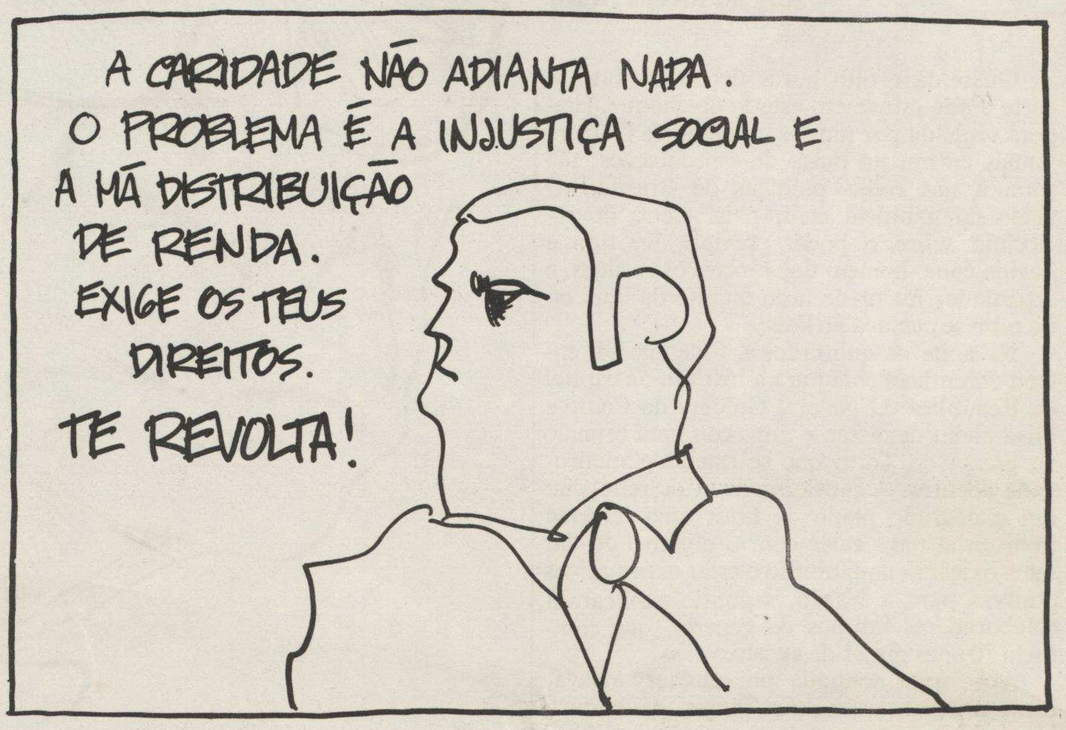
Recentemente, um colégio da cidade, após anos e anos vendo aquele senhor de cabelos brancos parar o carro oficial para deixar as netas, identificou o ex-ministro. Houve tempo suficiente para o pedido de asfaltamento da rua da escola. Foi talvez o último pedido que Golbery do Couto e Silva atendeu antes de deixar o cargo de chefe do gabinete civil de Figueiredo.

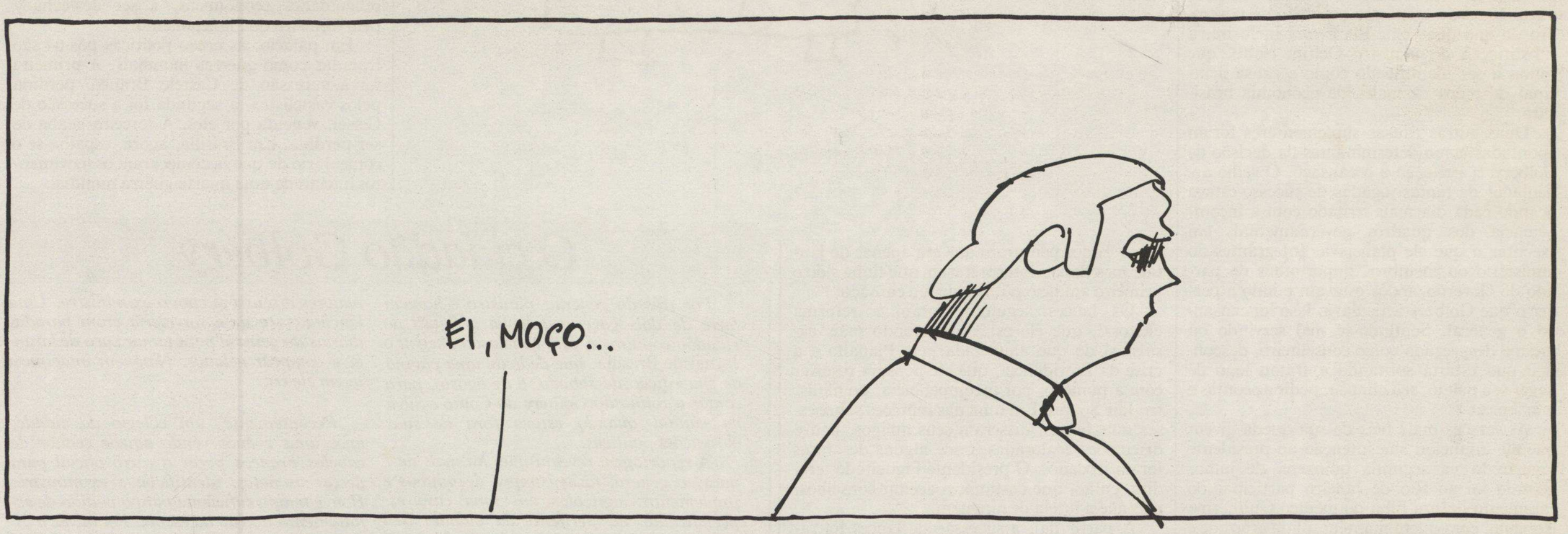
O brique das idéias gostosas.
Móveis. Louças. Cerâmicas. Palhas. Livros.
Luminárias e aquelas coisinhas pra presente.
tempos modernos
AV. INDEPENDÊNCIA, 925 FONE: (0512) 25.4453
MÓDULO

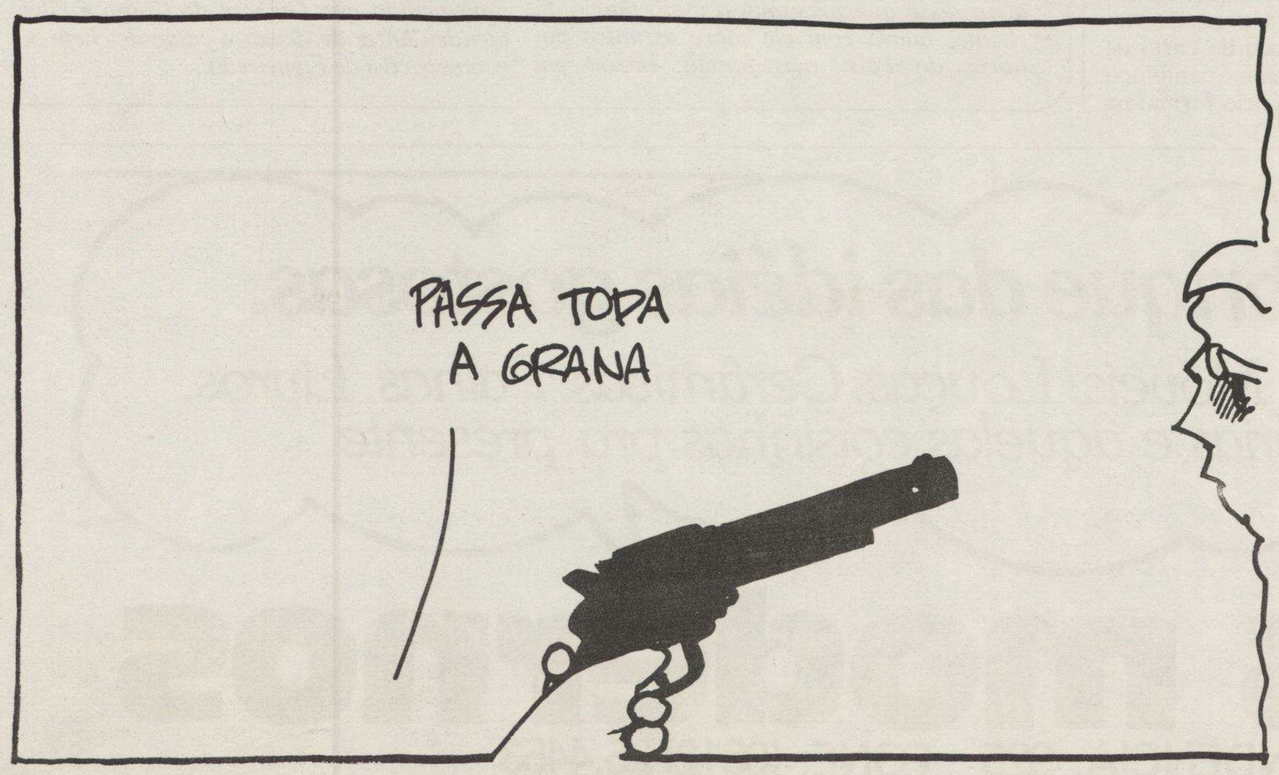
veríssimo


MOÇO, ME DÁ UMA ESMOLA?
CU


MAS QUE ESMOLA, GURI?


A CARIDADE NÃO ADIANTA NADA.
O PROBLEMA É A INJUSTIÇA SOCIAL E A MÁ DISTRIBUIÇÃO DE RENDA.
EXIGE OS TEUS DIREITOS.
TE REVOLTA!


EI, MOÇO...
CU


PASSA TODA A GRANA


POLÍCIA

Aos Leitores

De repente, uma comoção tomou conta do país. Caiu o único ministro considerado intocável, o homem que se identificava, como nenhum outro do Governo, com o processo de abertura. Muitos até atribuiam a ele a estratégia da democratização prometida pelo Presidente. A Nação ficou perplexa e houve gente que viu nuvens escuras rondarem o Planalto Central. Voltou-se a falar em fechamento, em democracia ameaçada e pedido de exoneração do general Golbery do Couto e Silva da chefia da Casa Civil da Presidência da República foi tratada, nos meios políticos, como a mais grave crise do país desde 1964.

Muito se especulou sobre os motivos do afastamento do "mago da abertura", desentendimentos com outros ministros, insatisfação com o ritmo da redemocratização, precoces disputas pela sucessão presidencial e até razões de saúde — ou todas juntas. Certamente a queda do general Golbery não foi contada com todos os detalhes, mas o que chama a atenção é que sua saída trouxe à tona os receios latentes da sociedade civil sobre o destino institucional do país, como ocorrera recentemente com o episódio do Riocentro, mas agora com gravidade ainda maior.

Setores da oposição falam em intraqüilidade nacional, enquanto os governistas fazem coro repetindo o jargão de que nada é capaz de demover o presidente João Figueiredo de seu firme propósito de promover a normalização democrática. Se é certo que a abertura política é perceptível em muitos aspectos, o que é reconhecido mesmo por ferrenhos opositores do regime, por outro lado os esforços do Governo não parecem ter atingido um estágio capaz de apagar da lembrança os anos negros do arbítrio e de tranqüilizar a Nação sobre sua efetiva concretização.

A imprensa conquistou espaços, não está mais sob censura oficial, mas a prática de apreender jornais persiste e os casos de condenação de jornalistas com base em legislação oriunda do arbítrio repetem-se com freqüência incômoda. Generais já comparecem à televisão para debater temas outrora delicados, mas não se cogita nos meios palacianos da supressão, por exemplo, da Lei de Segurança Nacional, como é aclamado por setores representativos e amplos da opinião pública.

A tortura a presos políticos foi abolida, embora continue sendo ministrada a detentos comuns. Mas prosseguem impunes os atos terroristas dirigidos, direta ou indiretamente, a entidades críticas ao Governo. E as pistas deixadas por estas forças obscuras, em vez de facilitarem a descoberta dos culpados, pelo contrário acabam causando constrangimentos no seio do regime, mesmo que porta-vozes afirmem que é ele, o Governo, o maior atingido por estes atos.

Temos aí o quadro de uma Nação ainda assustada, reticente, incrédula, interrogante, à espera de sinais objetivos da normalização política. No cardápio deste mês de agosto ainda lhe servem o indigesto prato de uma crise econômica que a cada dia se torna mais aguda. O que se espera é que esta Nação continue reagindo como soube fazer nos últimos anos, que não perca de vista o objetivo maior — a conquista do direito de participar de decisões que hoje ainda são exclusivas de uns poucos e que por isso mesmo são fatores de contestação permanente.

Os Editores



EDIÇÃO

"Nós, humoristas, temos extrema importância para sermos presos e nenhuma para sermos soltos". A frase é de Millôr Fernandes, entrevistado nas páginas 15, 16 e 17. Millôr fala sobre imprensa, Deus, tecnologia, Marx, Hélio Fernandes, Carlos Castelo Branco, militares, socialismo, capitalismo, Igreja Católica e, ao final, admite que ainda não se leva a sério.



Ruy Guerra a favor do regime

Pobre Rio Grande: De chapéu na mão e humilhado em Brasília

6

A receita dos partidos para os problemas do Estado

8

Rango avisa: "O povo não pode ser voto vencido em 1982"

12

As trepidações do Bom Fim. Houve até uma rebelião no bairro judeu

26

22

Diretor-Editor
Osmar Trindade
Editores
Ayrton Centeno (Geral), Antonio Manoel de Oliveira (Política), Manoel Canabarro (Cultura), Victor Hugo Sperb (Comportamento), Daniel de Andrade (Fotografia), José Antonio Vieira da Cunha (Cooperativismo), Edgar Vasques (Arte).
Redação/Fotografia
Rafael Guimarães, Elaine Lerner, Luiz Edurado Achutti, Luiz Fernando Flores, Juarez Fonseca, Marcelo Auler, Thais de Mendonça, Neusa Ribeiro, Delmar Marques, Luiz Carlos Merten, Nelson Jobim, José Guaraci Fraga.
Diagramação/Arte
Luiz Antonio Pinheiro, Eugênio Neves, Luiz Gustavo Machado.
Correspondentes
Geraldo Hasse (São Paulo), Riomar Trindade (Rio), Ariosto Teixeira (Brasília).
Secretária Executiva
Vera Maria Moreira
Endereço: Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Porto Alegre, RS.
Distribuição exclusiva em todo o território nacional: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A — Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.563
Assinaturas: País: Cr$ 1.100,00 por 12 edições; América Latina: 50 dólares; Demais países: 60 dólares.
Números atrasados: À venda somente a partir da edição nº 30, ao preço da última edição na banca. Os pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor em cheque ou vale postal em nome da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.
(Associado à Ajeccep)

A UNIDONTO PROPÕE A TODAS AS COOPERATIVAS UM BOM NEGÓCIO

A Unidonto oferece assistência odontológica pelo sistema cooperativista.
A Unidonto oferece consulta e tratamento odontológico com hora marcada.
A Unidonto oferece seu plano de assistência familiar.
A Unidonto oferece preços mais baixos.
Solicite a presença de um executivo da Unidonto.

unidonto PORTO ALEGRE
sociedade cooperativa de serviços odontológicos ltda.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380 Av. Borges de Medeiros, 596 4º andar G. 42

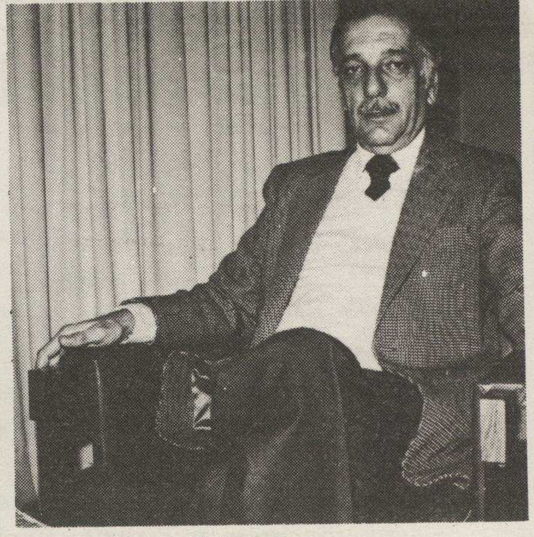
SEM RESPEITO E SEM PODER

A agricultura e a pecuária vão mal, a indústria teve uma queda de 15% nos últimos doze meses e o governo estadual, sufocado por dívidas e humilhado em Brasília, teve sua capacidade de investir reduzida a zero e mal consegue pagar seus funcionários.

Este é o quadro sombrio que a economia gaúcha vive neste começo de década. Hoje, se fosse tratado como uma empresa privada, o Rio Grande do Sul estaria à beira da falência.



Knijnik: "O Rio Grande não agüenta"



Guimarães: "Crise nunca vista"

Por Delmar Marques

Cansado de esperar resposta aos ofícios enviados ao Ministério da Fazenda, o secretário da Fazenda do Rio Grande do Sul, Mauro Knijnik, fez as malas e embarcou para Brasília. Esperava arrancar do ministro Ernane Galvêas uma promessa de que as isenções de ICM — uma sangria nos cofres do Estado — seriam gradualmente eliminadas. Knijnik porém, esbarrou na porta do gabinete de Galvêas. Ao saber o que o secretário gaúcho pretendia, o ministro recusou-se a recebê-lo. Difícil imaginar melhor ilustração da perda de autoridade do governo estadual junto ao Planalto. De volta a Porto Alegre, Knijnik desabafou: "O ministro rompeu o diálogo e, desse jeito, o Rio Grande não agüentará muito tempo".

Como a questão do ovo e da galinha, poderia se indagar, afinal, quem veio primeiro: se a fraqueza política teve origem na dependência econômica ou se a perda de posição no campo político acabou gerando esta economia dependente e em crise no Rio Grande do Sul?

O vice-presidente da Confederação Nacional das Indústrias, Paulo Vellinho, uma das principais lideranças empresariais gaúchas, desvia o questionamento da origem para concluir apenas que um Estado com uma economia débil não tem condições de fazer valer interesses regionais no primeiro escalão da área administrativa federal.

"A causa básica disso tudo — garante o presidente da Assembléia Legislativa gaúcha, deputado Aldo Pinto (PDT) — está no desestímulo ao produtor rural e na política irresponsável que nos jogou na monocultura da soja". Para ele, até mesmo os fundamentos da economia gaúcha — agricultura e pecuária — retrocederam nos últimos cinco anos. As estatísticas da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) confirmam as palavras do deputado: enquanto a população gaúcha cresceu nos últimos oito anos, o rebanho bovino do Estado passou de 13 milhões de cabeças em 1973 para 12 milhões em 1981.

"Nossa agricultura passa por uma crise nunca vista", comenta o presidente das Cooperativas de Arroz (Fearroz), Homero Pegas Guimarães. Ele lembra que os produtores aprenderam uma lição quando saíram às ruas, ameaçando queimar a colheita e bloquear as estradas com suas máquinas: quem não reclama não é ouvido. Responsáveis por uma quarta parte do arroz produzido no Brasil, os lavoureiros gaúchos reclamavam das importações promovidas pelo governo para segurar o preço do arroz no mercado interno. O movimento teve uma vitória parcial, com a atualização do preço mínimo na atual safra e fixação antecipada para a próxima.

Butierrez: "Governador nomeado não é forte para reivindicar"

Outro a falar de política como causa dos problemas econômicos do Rio Grande do Sul é o economista Francisco Carrion Júnior. Carrion, que acaba de lançar seu último livro, "RS: Política Econômica e Alternativas", prevê um futuro ainda mais negro, com a crescente desgauchização da economia. Depois de observar que diversas empresas gaúchas foram forçadas a passar seu controle acionário ou parte do capital a multinacionais, casos da Metalúrgica Silber, Aços Panatlântica, Estaleiro Só, Grupo Synteko, Cervejarias Pérola, Polar e Serramalte, Springer-Admiral, Dreher e Marcopolo, Carrion afirma que "diante da fraqueza da economia regional e da inexistência a nível nacional de quaisquer limitações ao capital estrangeiro, só se pode esperar uma maior perda do poder decisório das empresas locais".

Uma perda que, naturalmente, também acontece a nível de governo. "O governador sendo nomeado não se sente forte para reivindicar pelo Rio Grande do Sul", queixa-se o presidente da Farsul, Elton Butierrez. Encurralado pelas dívidas, o governo estadual ameaçou atrasar o pagamento do funcionalismo nesse segundo semestre e conseguiu autorização para emissão de Obrigações Reajustáveis do Tesouro Estadual (ORTE'S), num total de Cr$ 8,5 bilhões. Com isto pretende cobrir parte de seu déficit orçamentário previsto para 1981, algo em torno dos Cr$ 20 bilhões.

No final do ano passado, a dívida pública do governo gaúcho atingiu os Cr$ 48,3 bilhões, enquanto sua receita de imposto somava Cr$ 50,4 bilhões. No entanto, desde 1971, a dívida cresceu 4.807%, enquanto a arrecadação tributária aumentou em apenas 3.253%, uma defasagem que leva a maior endividamento a cada ano e reduziu a capacidade de investimentos do Estado a zero. Nada mais se pode fazer sem aprovação e recursos do governo federal.

Com o fim das isenções para exportação, o governo local pretende estancar a sangria feita em seus cofres para beneficiar o equilíbrio da balança comercial do país. Somente em 1980, quando as exportações gaúchas atingiram a Cr$ 108,9 bilhões, o Rio Grande do Sul deixou de arrecadar Cr$ 8,5 bilhões sem receber nenhuma ressarcimento. A arrecadação deste ano, estimada em Cr$ 92 bilhões, mal consegue atender a folha de pagamento do funcionalismo, principal despesa do Estado, que anda por volta de Cr$ 7 bilhões mensais. Enquanto o governo federal dispõe de 11 impostos para abastecer seus cofres, o Estado conta com apenas dois, sendo que justamente um deles, o ICM, é escolhido para premiar os exportadores.

Schapke: 500 demitidos e um prejuízo de 90 milhões em três meses

Durante os anos de 1978 e 1979, o comportamento do produto interno gaúcho foi de descenso. Em 1980, um salto positivo de cerca de 10%, graças a recuperação das safras agrícolas que haviam enfrentado dois anos de frustração e apresentaram um crescimento de 28% no ano. Retomado o antigo patamar, as perspectivas de novos impulsos da agricultura em 1981 são bem menores. E a indústria, que aumentou seu produto bruto em cerca de 5% em 1980, apresenta um quadro de clara decomposição. O presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Sérgio Schapke, afirma que a taxa anuizada, ou seja, a performance dos últimos 12 meses até o final do primeiro semestre deste ano apresentava uma queda de 15% nas atividades industriais do Estado.

Schapke coloca seu próprio exemplo, como presidente da Companhia Geral de Indústrias, um complexo com seis fábricas, de parafusos a fogões: "Sofri um prejuízo de Cr$ 90 milhões em três meses. Em junho, faturei Cr$ 366 milhões quando tinha de atingir a Cr$ 500 milhões. Ainda estou acumulando prejuízo mês a mês e já demiti 500 funcionários num quadro de três mil", acrescenta. "O empresariado estadual não dispõe de força política para influir na decisões do governo e sofre as conseqüências", reclama. Lembra o caso dos fabricantes de máquinas e implementos agrícolas. Existe demanda mas o governo susteve o crédito, os pedidos de financiamento se acumulam no Banco do Brasil e as colheitadeiras ficam estocadas.

O superintendente regional do Banco do Brasil, Leônidas Maia Albuquerque, informa que os pedidos em carteira, em condições de serem aprovados, somam mais de Cr$ 3 bilhões e Schapke coça a cabeça: "Vamos fazer força para tentar liberar isso", comenta, mas reconhece a fragilidade de seu poder de pressão. Outro dia, conversando na entidade com o chefe do departamento de promoção comercial do Ministério das Relações Exteriores, embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, Schapke ouviu do diplomata uma explicação para a fraqueza política do empresariado gaúcho: "Por terem um setor industrial muito diversificado com poucas empresas de grande porte, a estrutura do empresariado gaúcho é muito democrática. O desenvolvimento do parque industrial regional está intimamente ligado ao processo de democratização do país", apontou Flecha de Lima.

Novamente, política e economia se confundem. Se a ausência de democracia no plano político refletiu-se no desenvolvimento industrial, contribuindo também com a centralização tributária para abrir um considerável rombo nessa empresa em fase de insolvência que se chama Governo do Estado do Rio Grande do Sul, espera-se que um clima de abertura política contribua para reverter o processo de deterioração da economia riograndense.

Os políticos gaúchos, mesmo os de oposição, muitas vezes confundem-se, entretanto, quando questões de ordem econômica entram em pauta. Caso típico foi a batalha desenfreada levada a cabo por todas as facções partidárias para instalação do III Pólo Petroquímico no Rio Grande do Sul. O ex-presidente da Associação das Indústrias de Ponta do Pólo Petroquímico, Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro, considera que toda a opinião pública foi iludida por fantasias difundidas pelo governo para aprovação desse projeto.

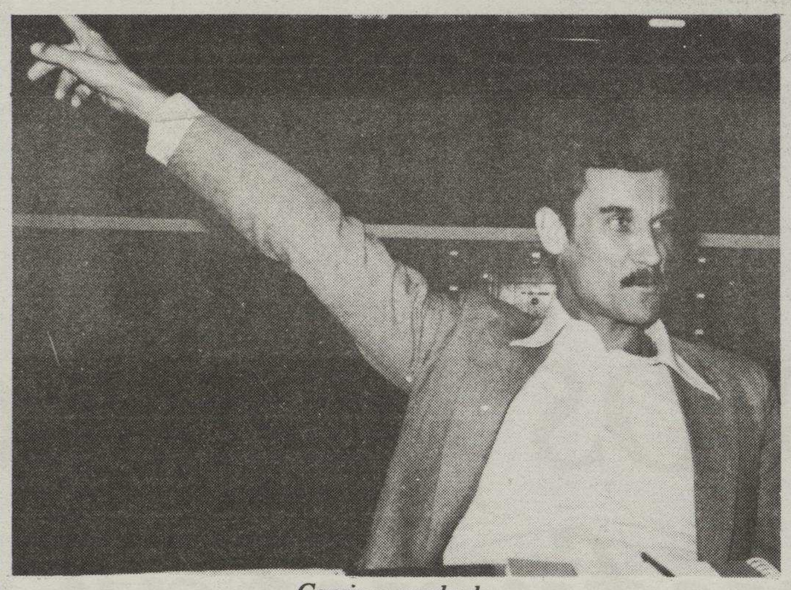
Ele compara os Cr$ 120 bilhões investidos no pólo com os Cr$ 9 bilhões que constituem o patrimônio líquido das 152 principais empresas e cooperativas do setor agropecuário: "Enquanto essas empresas agropecuárias geraram um faturamento, em 1980, de Cr$ 32 bilhões, o pólo nos dará um faturamento inferior a Cr$ 20 bilhões anuais. É uma disparidade incrível de valores. A agropecuária proporciona mais empregos. Segundo o governo, o pólo gerará mais quatro mil empregos na primeira geração, 15 mil na segunda e 43 mil na terceira. Ora, a Bahia, que já tem seu pólo, não conseguiu isso. Sequer aparece nas estatísticas como transformadora de plásticos, um setor onde São Paulo detém 61% do faturamento, Rio de Janeiro tem 16%, Santa Catarina 13% e nosso Estado meramente 0,66%. Colocaram o pólo aqui para poluir o sul e fornecer matérias-primas para os grandes centros?", indaga Mendes Ribeiro.

Política e economicamente não seria melhor para o Rio Grande do Sul aplicar esses Cr$ 120 bilhões na agropecuária? Comprar terras para os colonos que farão o desenvolvimento do centro-oeste do país caso persista a migração? Ou, quem sabe, aplicar na carboquímica. Embora o Estado disponha de 69% das jazidas medidas da reserva nacional de carvão fatura somente 8% no setor. Santa Catarina, em contrapartida, com 29% das reservas tem um faturamento de 82%. O Secretário de Minas e Energia do Rio Grande do Sul, Romeo Ramos, na sua luta para conseguir aprovação para os projetos gaúchos de carvão num Ministério de Minas e Energia acarpetado de cearenses, lamenta a ausência de técnicos especializados da região produtora nos altos escalões de decisão na área carboquímica à nível federal: "Tem gente metendo a colher que não entende nada do assunto", costuma reclamar.

No setor financeiro, o processo de fusão promovido pelo governo federal deixou o Rio Grande com apenas um banco comercial privado de certo porte, o Sulbrasileiro. Agora, uma mudança de orientação do Banco Central, que busca recursos para cobrir prejuízos decorrentes de intervenções em instituições falidas, está promovendo a distribuição de cartas patentes pelos Estados. Os grupos financeiros gaúchos já conseguiram abocanhar três, por mais de Cr$ 400 milhões cada, para montagem de novos bancos. Maisonnave, Iochpe e Grupo Habitasul chegam ao mercado financeiro com um banco comercial, porém, num momento em que o governo restringe a expansão monetária. Em conseqüência, o Banco Comercial Maisonnave, o único

O Estado possui 69% do carvão nacional mas só fatura 8% no setor

instalado e em atividade até o momento, tem um volume de financiamentos concedidos muitíssimo inferior ao seu total de depósitos, quando normalmente deveria ser o dobro, restringido que está pela limitação de aplicação de recursos próprios imposta pelo Banco Central. Péricles Druck, presidente do Grupo Habitasul e com projeto para montagem de uma estrutura bancária voltada para o varejo, ou seja, atendimento do grande público — os outros bancos comerciais regionais são elitistas, dedicados a financiamentos de vulto e poucos clientes relacionados — afirma que "a descentralização bancária somente será uma realidade com a fixação de limites especiais de crédito para os estabelecimentos em instalação". Caso contrário, será mais uma falácia do governo federal. Roberto Maisonnave, defensor ardoroso da regionalização bancária, pergunta inquieto "como um banco com sede no centro do país terá sensibilidade para os problemas do pequeno e médio empresário gaúcho?".



Carrion: perda do poder decisório



Butierrez: dez anos de reivindicações sem resultado

Mais paciente, o presidente da Farsul ainda espera uma resposta positiva ao manifesto dos produtores que entregou pessoalmente ao presidente João Figueiredo no início de 1981. Adepto do "diálogo com o governo" que acha "mais democrático" repelindo qualquer outra forma de pressão — "não somos como os políticos e a classe operária que têm tempo para fazer política", diz — Elton Butierrez admite que, até agora, a Farsul não teve maior sucesso com seus métodos. "As reivindicações que encaminhamos ao presidente Figueiredo são basicamente as mesmas que entregamos ao presidente Geisel e antes ao presidente Médici". Nenhuma delas foi atendida.

FORA DE FOCO

Fotógrafos criticam projeto

Dificultados pelos altos preços e a má qualidade dos materiais, fruto do monopólio multinacional, os fotógrafos brasileiros poderão sofrer um novo golpe. Está tramitando no Congresso o projeto nº 822 B, de autoria do deputado Adhemar Ghisi (PDS), que pretende regulamentar a profissão de fotógrafo. O projeto foi "descoberto" pela União dos Fotógrafos de Brasília, já aprovado pela Comissão de Trabalho e Legislação Social da Câmara e, segundo ele, são considerados fotógrafos profissionais os diplomados em Escolas ou cursos de arte fotográfica oficiais ou oficialmente reconhecidos que, por sinal, não existem no país. Os fotógrafos preocupam-se com o surgimento de escolas de baixo nível e interesses estritamente comerciais, já que o projeto não prevê tempo de duração nem conteúdo dos currículos.

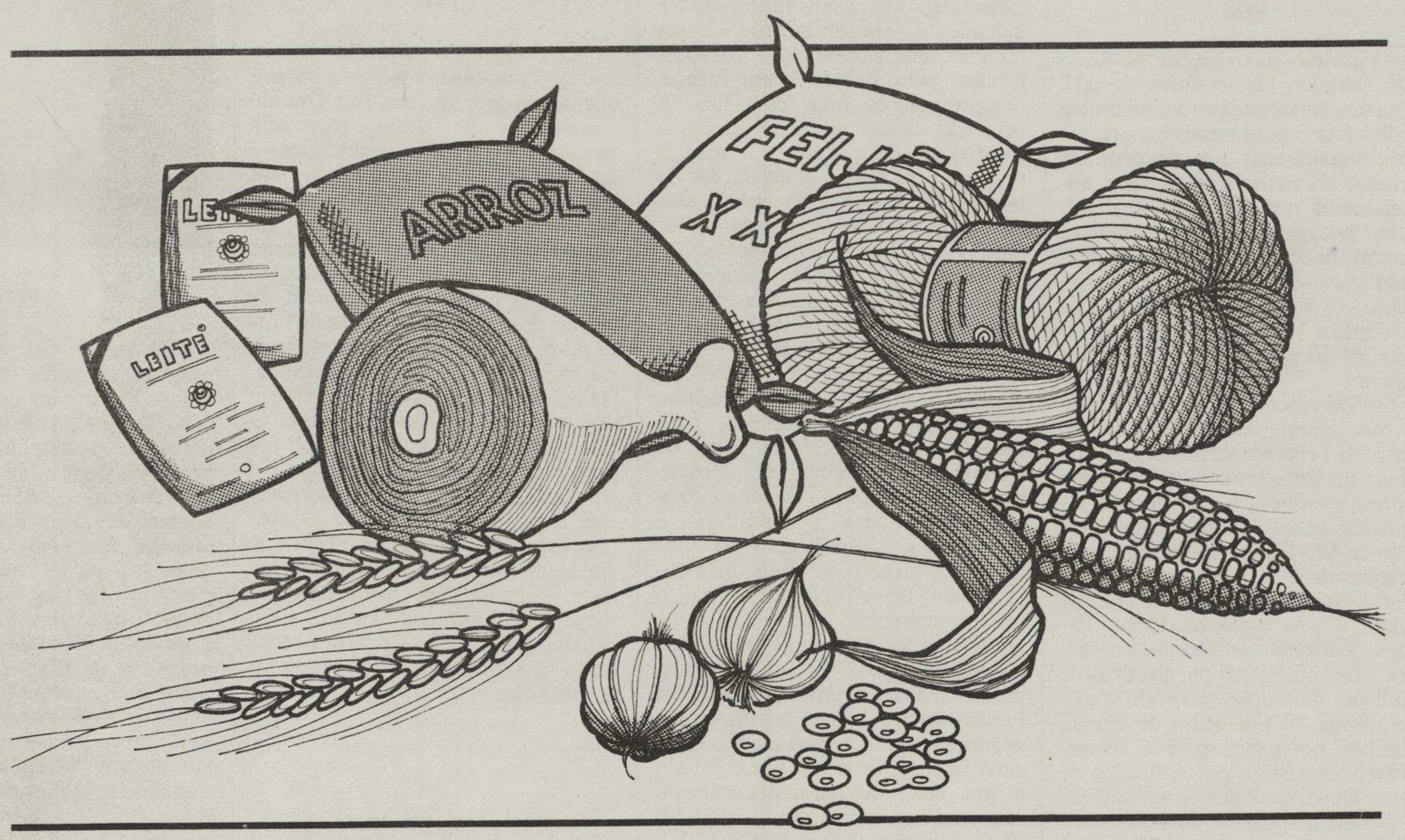
Outra queixa dos profissionais é que o projeto não leva em consideração as diferenças entre as áreas de atuação dentro da fotografia. Por isso, os repórteres fotográficos de Porto Alegre entraram na briga pela não aprovação do projeto — pelo menos sem uma maior discussão das partes interessadas sobre a conveniência ou não da desvinculação dos jornalistas. Alguns pontos, em princípio, encontram franca resistência por parte dos fotógrafos: o projeto não faz referência ao crédito obrigatório nas fotos publicadas, não cita a legislação referente a Direito Autoral, estabelece que a fiscalização do exercício profissional deve ser feita pelo Ministério do Trabalho e não por Conselho de Fotógrafos, e omite questões como salário mínimo da categoria e tabela de preços para prestação de serviços.

Reunidos no Encontro Nacional dos Fotógrafos, durante a reunião da SBPC, em Salvador, os fotógrafos iniciaram um movimento buscando uma profunda discussão sobre o assunto e criaram uma comissão nacional encarregada de elaborar um projeto, com base nestas discussões.

Eduardo Tavares

A palavra de ordem é policultura. De ordem e de progresso.

Policultura é diversificação.
Muitas culturas, maior produção de alimentos, mais benefícios para o País e para o produtor.
Isso é progresso. Um grande passo para o futuro.
A união da força cooperativista com a segurança da policultura. Essa idéia vai dar frutos.



COTRIJUI
A FORÇA DA UNIÃO.

Respeito ao Homem, à Terra e ao Futuro. Policultura é isso.

Como os políticos vão enfrentar os problemas do Estado

Recuperar imagem de Celeiro do Brasil?

Assumindo o Governo do Estado após as eleições de 1982, a qual setor e com que programa o Partido dará prioridade na Administração do Rio Grande do Sul, visando recuperar sua imagem de Estado economicamente forte?

PDS

"Vitorioso nas eleições de 82, o PDS (Partido Democrático Social) vê na descentralização administrativa e tributária o ponto mais importante para proporcionar um desafogo de recursos disponíveis para uma administração que deve seguir o trabalho desenvolvido pelo governador Amaral de Souza, predominando, como recomenda o programa partidário, os aspectos sociais sobre os econômicos", diz o Presidente do Diretório Regional, deputado Victor Faccioni.

O PDS entende que o Rio Grande do Sul jamais perdeu sua imagem dentro da Federação e prossegue uma trilha de progresso em inúmeros setores, e embora o processo de industrialização ainda não chegue perto do de São Paulo, apresenta características de segurança, sem os saltos e retrocessos que ocorrem em outras regiões. Como todos os demais Estados, enfrenta problemas energéticos, mas oferece as perspectivas de condições de reação, pois tem o solo que abriga 80 por cento do carvão existente no país, reservas consideráveis de xisto e possibilidades de extrair álcool da cana e da mandioca.

No ângulo político, o PDS destaca as lideranças nacionais como Nelson Marchezan, Jair Soares, Mário Andreazza, Golbery do Couto e Silva, Rubem Ludwig; e de Leonel Brizola, Pedro Simon e Odacir Klein, pela oposição, para mostrar que continua com prestígio no país.

PT

"A agricultura e a pecuária de nosso Estado devem estar voltadas para a satisfação das necessidades básicas do povo gaúcho. A monocultura ou o binômio trigo x soja só servem ao processo de acumulação do capital e da propriedade do meio rural. É urgente a diversificação da produção agrícola, voltando-a para atender o interesse da maioria de pequenos produtores rurais e de trabalhadores sem terras que hoje, enxotados pelo capital financeiro que penetra no campo transforma a todos em vítimas do êxodo rural. Este, para o presidente regional do PT, Olívio Dutra "é o ponto de partida para qualquer administração voltada para o interesse da maioria, pois, o Rio Grande do Sul é um Estado com vastas extensões de terras agricultáveis ainda não aproveitadas, ou mal aproveitadas, situação que contrasta com a presença de cerca de 200 mil famílias de trabalhadores que perambulam sem terras para morar ou trabalhar. E sem ter perspectiva de futuro digno para seus filhos". O PT defende o reassentamento dessas famílias em fazendas já desapropriadas pelo Estado e em futuras desapropriações para esse fim. A ocupação destas terras seria com a construção de pequenos e médios projetos com base nas aspirações do homem do campo e do trabalhador da cidade. Projetos auto-sustentados, para evitar maior endividamento.

Para que o Estado recupere o dinamismo de sua economia e volte a ser o celeiro do país "é indispensável que a estrutura agrária seja alterada, no sentido de atingir os latifúndios e democratizando a propriedade; remanejando os minifúndios para impedir a atomização da posse da terra e sua conseqüente improdutividade. A ocupação de toda a área aproveitável para a agricultura e pecuária; a diversificação da produção; a fixação de toda mão-de-obra rural no seu habitat natural, o redirecionamento do modelo de política agrícola que hoje privilegia a concentração da propriedade em poucas mãos e a produção de grãos para a exportação, em detrimento da produção de alimentos para o mercado interno, levariam nosso Estado a um nível de harmonia entre o econômico e o social que ele há muito não experimenta", conclui Olívio.

PP

"Para o Rio Grande do Sul recuperar sua força econômica é importante que se dê um novo impulso ao setor primário, ampliando cada vez mais o consórcio entre lavoura e pecuária, integrando ao máximo as duas atividades de forma que uma ampare a outra e as duas se complementem. Produzindo a carne e o leite onde apenas se cultivem grãos e cultivando estes nas tradicionais áreas de pecuária, o Rio Grande veria aumentar espetacularmente o volume de sua produção, e ainda com a vantagem de uma melhor remuneração ao setor, uma acentuada redução de custos e própria adoção de uma prática aconselhável à conservação e melhoria do solo".

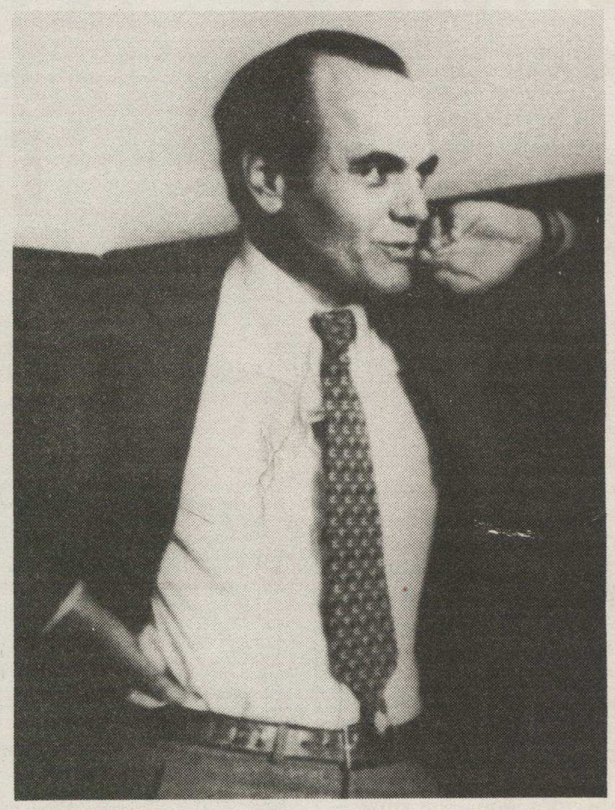
Na opinião do presidente regional do PP (Partido Popular, ex-governador Sinval Guazzelli, "tal política haveria de se complementar no setor secundário, com um programa de ampla expansão das agro-indústrias, agregando novos valores e ampliando de forma significativa um importante mercado de trabalho. Registre-se ainda a conveniência de uma intensificação no aproveitamento em maior escala do nosso carvão mineral".

PDT

Para o PDT (Partido Democrático Trabalhista) o que importa é que a imagem de um Rio Grande economicamente forte não seja modelada pelos critérios abstratos — anti-sociais e antinacionais — dos tecnocratas e dos prepostos do regime implantado em 64. O decisivo é que nossa economia esteja socialmente orientada em função de critérios concretamente humanos de trabalho, de saúde, de educação e cultura do nosso povo, e não atrelada às exigências das minorias e à imposição de exportar grãos em detrimento da produção destinada ao consumo popular. O presidente regional do PDT, deputado João Satte, afirma que "o governo trabalhista do Estado exercerá a democracia em todas as suas dimensões. E para isto o PDT, que apresenta em seu programa uma clara proposta de transformação social, está levantando subsídios em debates junto às bases para a definição das prioridades de seu programa de governo".

A questão da terra e sua distribuição

A questão agrária é hoje um dos pontos nevrálgicos do Rio Grande do Sul, não apenas em termos de reforma da propriedade, mas também como setor cada vez mais relegado a segundo plano pelo Governo Federal. Como se situa o Partido?



Sinval Guazzelli

PDS

"O nosso interior já foi inteiramente ocupado, ao contrário de muitos Estados em que existem enormes latifúndios improdutivos nas mãos de poucos proprietários. O problema agrário do Rio Grande do Sul decorre especialmente do fenômeno de um êxodo rural que se assemelha ao acontecido em quase todos os países que tiveram um processo de desenvolvimento econômico acelerado. A questão agrária é um dos pontos mais importantes do programa do PDS, que vê soluções, como criar e fortalecer o crédito fundiário, com o amparo à compra de terras num sistema permanente pelas famílias que desejam e sabem nelas trabalhar". O presidente regional do PDS, Victor Faccioni, apóia a propriedade do tipo familiar, que sempre serviu para a produção de alimentos básicos e é o fundamento básico da economia agrícola do Estado. E salienta que o Estado também deve partir para buscar glebas mais extensas, para projetos mais amplos, com financiamentos especiais, para famílias com tradição agrícola.

PT

"Qualquer limitação ao poder dos Estados de desapropriar para fins de reforma agrária é uma violência ao princípio federativo e demonstra que ao povo não interessa apenas que as oposições ganhem eleições mas que, fundamentalmente, conquistem o poder a nível nacional através do trabalho permanente de mobilização e organização popular", para Olívio Dutra.

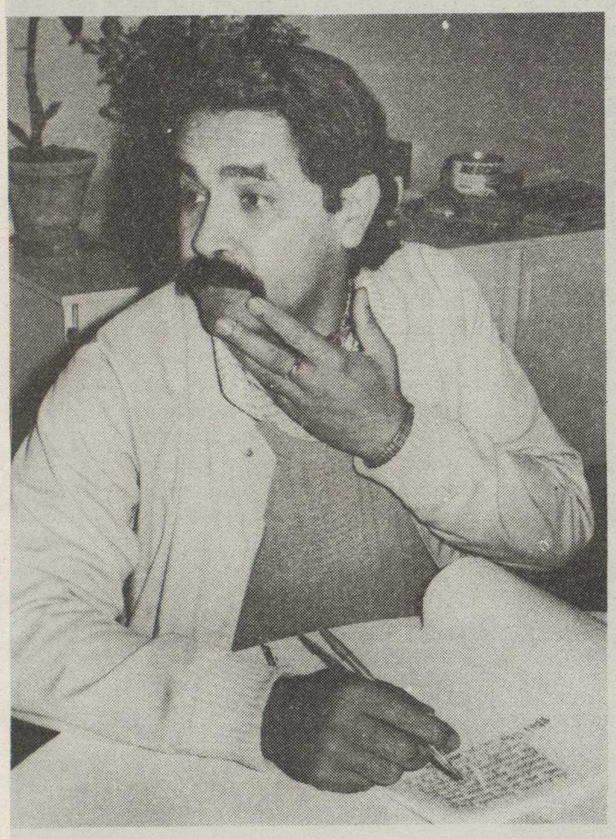
PP

"O Partido Popular defende uma reforma agrária que, corrigindo as distorções do sistema fundiário, elimine o latifúndio anti-social, promova melhor utilização econômica das pequenas áreas com a efetiva conservação do solo agrícola, crie estímulos especiais para uma política de produção de alimentos e dê emparo aos pequenos agricultores. Apoio às empresas rurais e de agroindústrias, estendendo a proteção legal, assistencial e previdenciária aos assalariados e posseiros", diz Guazzelli.

PDT

O PDT defende a democratização do uso e posse da terra através de uma reforma agrária que atenda às diversidades regionais. O trabalhismo entende a reforma agrária como um programa global. "Uma reforma agrária, embora tenha na descontração da propriedade fundiária a sua condição básica, não se reduz a isto", afirma Satte. Segundo o PDT, devem ser criadas novas formas associativas de exploração agrícola, como as cooperativas e as médias

O processo de redemocratização que se desenvolve no País só poderá ser garantido de uma maneira: com a organização de partidos com forte apoio popular, onde serão encaminhadas as discussões dos problemas do Brasil. E o Coojornal abre o debate fazendo com que os partidos se posicionem sobre assuntos de relevante importância para o Rio Grande do Sul e defendam os programas que têm para resolver os problemas do Estado.
As mesmas perguntas foram encaminhadas a todos os partidos implantados no Estado (PDS, PT, PP, PMDB e PDT) e nesta edição publicamos as respostas a três delas, devendo as demais serem divulgadas nas próximas edições.
Pelo PDS (Partido Democrático e Social), as respostas são do presidente do diretório regional, deputando federal Victor Faccioni, que ressalta: "Estas posições se tratam de um esboço de linhas de conteúdo programático partidário, sujeito a alterações, ao sabor pessoal daquele que vier a ser escolhido candidato a governador. Até agora são apontados os nomes de Octávio Germano, Nelson Marchezan e Jair Soares".
Olívio Dutra, presidente regional do PT (Partido dos Trabalhadores) salienta que "a questão básica e preliminar para que o povo pobre chegue ao poder e tenha condições de sustentá-lo com um programa de Governo popular e democrático, é a sua própria mobilização e organização. Um programa de Governo com base nos interesses populares, portanto, só poderia ser montado mediante uma intensa e aprofundada participação de seus agentes: os trabalhadores do campo e da cidade e os assalariados de todas as categorias".
Dentro do respeito a estes critérios as respostas do PT são dadas com base" em apontamentos que o Partido já tem para a elaboração de um programa, que, naturalmente, precisa e deve ser detalhado", afirma Olívio.
O PMDB está destacado dos demais partidos por ter feito ligação nas duas primeiras perguntas, por entender que seu programa de Governo dará prioridade ao setor primário, e as respostas são da assessoria do presidente regional, senador Pedro Simon.
Pelo Partido Popular, as posições são do ex-governador Sinval Guazzelli e pelo PDT encaminhadas pelo deputado João Satte, também presidentes regionais dos partidos.



Olívio Dutra



Victor Faccioni

Prioridade para o setor primário

A prioridade do PMDB, em termos de política econômica para o Rio Grande do Sul é o setor primário, por três motivos básicos. O primeiro diz respeito à importância deste setor em termos de produção e ocupação. É o responsável por 25% do produto do Estado e ocupa — ou subocupa, por distorções — quase metade da força de trabalho do Estado.

O segundo refere-se à importância derivada do setor. O desenvolvimento industrial do Estado sempre se fundamentou na transformação da produção primária e, mais recentemente, no crescimento da indústria química de defensivos e fertilizantes químicos, indústria de máquinas e equipamentos para agricultura e no desenvolvimento do próprio parque industrial de transformação da produção primária, como a capacidade de esmagar nove milhões de toneladas de soja.

O terceiro motivo fundamenta-se na tentativa de neutralizar as distorções causadas pela *prioridade agrícola,* que transformou o Rio Grande do Sul e o Brasil de exportadores a importadores de alimentos, está destruindo a agricultura diversificada mais avançada no país a de São Paulo, e introduzindo a cana-de-açúcar, ocasionando a concentração de propriedades, que redefiniu as propriedades do crédito rural, concentrando-o em poucos produtos e produtores, além de torná-lo mais caro.

Nossa prioridade visa fortalecer a produção diversificada de alimentos, redirecionando os fatores capital e propriedades familiares; a nacionalização de empresas agrícolas e agroindustriais estrangeiras; o desenvolvimento do programa integrado de apoio técnico e financeiro, de saúde e promoção cultural ao homem do campo; uma nova política de comercialização que crie um sistema direto de armazenamento e transporte para o produtor, assegurando preço compensador e incentivos às culturas necessárias ao consumo popular e ao fornecimento de matérias-primas para a indústria nacional. Satte afirma que "o trabalhismo rejeita a proposta de uma agricultura dita *moderna,* dependente de insumos importados, que dá prioridade ao mercado externo e expulsa a população para a periferia das cidades. O PDT recusa-se a admitir que milhares de agricultores sejam deportados do Rio Grande, quando há imensas áreas de terras improdutivas no Estado".

trabalho para a produção de mercado interno para garantir melhores níveis de alimentação ao povo. Fortalecendo o produtor, procuraremos diminuir a pressão da indústria de insumos e de transformação, através do incentivo ao cooperativismo para que ele participe do processo de produção destes insumos. Com isto, estaremos garantindo melhores níveis de renda para os nossos produtores, além de aumentarmos a independência de nossa economia que em 10 anos aumentou sua abertura de 21% para 50% ao exterior, e ficarmos independentes dos setores estrangeiros da produção industrial: adubos, defensivos e produtos como uva e fumo.

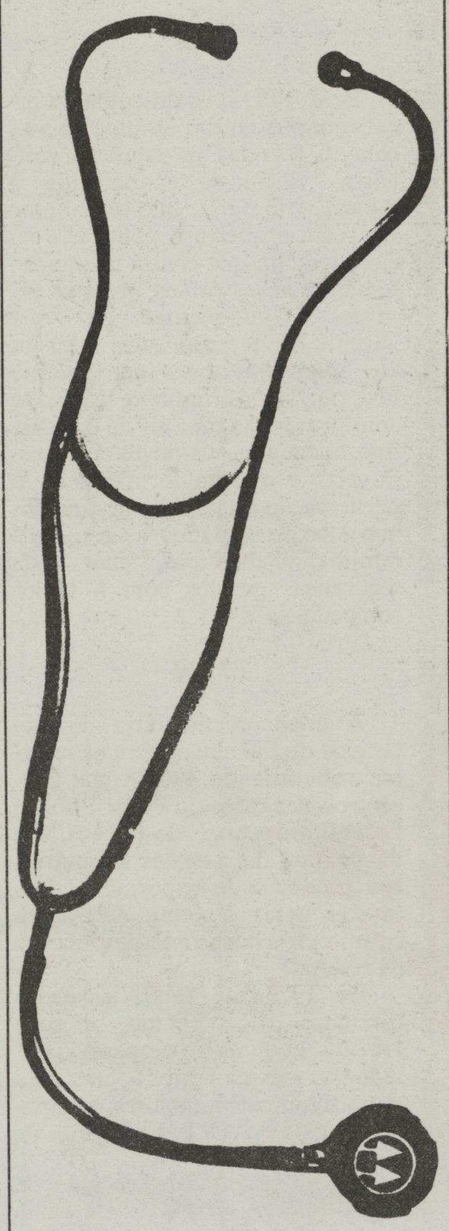
Será impulsionada a agroindústria e teremos uma agricultura de alimentos onde a renda ficará com quem produz. Mas para que estes resultados sejam alcançados será fundamental o apoio ao cooperativismo. Deste modo, o maior grilhão de nossa produção agrícola, — o capital financeiro — poderá ser quebrado pelo incentivo à Federação das Cooperativas de Trigo e Soja e da criação de um banco de crédito cooperativo.

Podemos garantir que, embora os resultados desta implementação sejam inimagináveis, muitas distorções atuais serão eliminadas. A primeira delas será a erradicação das causas do êxodo rural e de agricultores sem terra. Garantindo a participação dos produtores no fruto de seu trabalho, o homem rural ficará no campo. Incentivando a diversificação estaremos pressionando a distribuição da posse, eliminando irracionalidades como o latifúndio e o minifúndio.

A segunda é o combate à inflação pelo incentivo à produção de alimentos e pela garantia de preços justos ao produtor e consumidor. O incentivo ao cooperativismo se estenderá aos centros urbanos, pela criação de cooperativas conjuntas de produtores de hortigranjeiros e consumidores de baixa renda, assegurando maior nível de renda aos produtores e maior qualidade de vida aos consumidores.

A terceira é a recuperação do ritmo de crescimento econômico agora integrado — agricultura e indústria — do nosso Estado. Pelo incentivo à produção agrícola e à agroindústria oportunizaremos que os gaúchos demonstrem sua capacidade e qualidade de trabalho, já que privilegiaremos o fator trabalho como agente gerador de bem-estar social. É óbvio o efeito de tal política sobre níveis de desemprego, o que na verdade significa assegurar um dos mais primários direitos humanos: trabalhar para viver e progredir.

UMA COOPERATIVA DE MÉDICOS



A segurança de um atendimento com cobertura em todo o território nacional.
A qualidade do *Sistema Unimed* com atendimento no próprio consultório particular do médico escolhido.
O custo mais baixo, conseqüências de um sistema sem intermediários.
Estes são os fatores que fazem do *Sistema Unimed* o melhor para a Assistência Médico-Hospitalar da sua empresa ou família.

UNIMED

Porto Alegre — RS
Rua Santa Terezinha, 345
Fones: 31-1162 e 31-1677

PARTIDOS NO PODER

Salvação só com uma reforma tributária

Como resolver a crise orçamentária do Rio Grande do Sul?

PDS

Para o PDS, as dificuldades orçamentárias do Rio Grande do Sul, comum a todos os estados brasileiros, vincula-se diretamente à reforma tributária, que certamente virá com a abertura política. Faccioni ressalta que com a tributação tomando novos rumos, virão os encargos conseqüentes e que "aceitará com prazer estes encargos até agora nas mãos do Governo Federal. Temos tradições técnicas e administrativas capazes de dar destino adequado aos novos recursos. O certo é que na forma atual, a participação do povo no destino dos impostos arrecadados nos estados é mínima. Saberemos, com toda segurança, geri-los com a maior competência"

PMDB

A crise orçamentária do Rio Grande do Sul tem origem na reforma tributária de 1967 e que concentrou nas mãos do Poder Público Federal os recursos do IPI e ICM e da política de isenções tributárias aos produtos de exportação. Isto causou uma crescente defasagem entre o crescimento da despesa e o da receita.

De 1973 até 1980, a receita tributária do Estado cresceu 1.577%, enquanto a despesa do Estado, no mesmo período, cresceu a taxas significativa maiores, atingindo a 1915%. O índice geral de preços, de dezembro de 1973 a dezembro de 1980 aumentou 1.832%. Para, compensar este aumento de despesa, estando as fontes de receita próprias contidas ao nível do aumento de preços, ocorreu aumento significativo ao volume de operações de crédito contratadas, com um acréscimo de 6.929%.

Ou seja, foi através do endividamento que o Estado conseguiu fazer com que o montante de sua despesa crescesse durante todo este período a um ritmo superior ao da inflação. Em função disto, a dívida do Rio Grande do Sul no final do exercício de 80, segundo o Tribunal de Contas do Estado, era de Cr$ 48 bilhões e 442 milhões, enquanto a receita tributária foi de Cr$ 50 bilhões 407 milhões. Em outras palavras, a dívida do Estado já é quase igual à receita tributária. Vale lembrar que em 1972 ele correspondia a 47,15%.

Sem dúvida, o perfil da dívida pública do Estado atinge níveis assustadores, comprometendo mesmo as futuras administrações do Estado, que serão responsáveis pelo seu pagamento. Já há vários anos vimos fazendo considerações e alertando as autoridades procurando demonstrar que a continuidade da política tributária acabaria por nos conduzir à situação de pré-falência.

A raiz estrutural desta atuação, como sabemos, é a enorme concentração de poder político e de poder econômico e financeiro nas mãos da União, a qual, além de explicar porque encontra-se privilegiada a esfera federal no que diz respeito a competência tributária, explica também a raiz das intervenções federais no exercício da atividade tributária confiada precipuamente aos estados.

Embora a necessidade de uma reforma tributária seja reconhecida e que os Secretários da Fazenda já tenham tomado posição publicamente sobre a necessidade imperativa que há em diminuir as isenções sob pena de conduzir as finanças estaduais à mais triste bancarrota, as decisões do Conselho Fazendário, órgão máximo de definição de política tributária de que são membros natos, além do ministro da Fazenda, os secretários dos Estados, continuam a ser tomadas medidas no mesmo sentido e, em muitos casos, por unanimidade. Isto atesta que estes problemas não se resolverão sem que haja transformações políticas profundas, sem que se reestabeleçam eleições diretas para os Governos Estaduais e um mínimo de efetividade à opção constitucional pela forma federativa da Organização da República. Isto significa dizer que há uma vinculação essencial e irrecusável entre o problema das finanças estaduais e a necessidade da reordenação política do País.

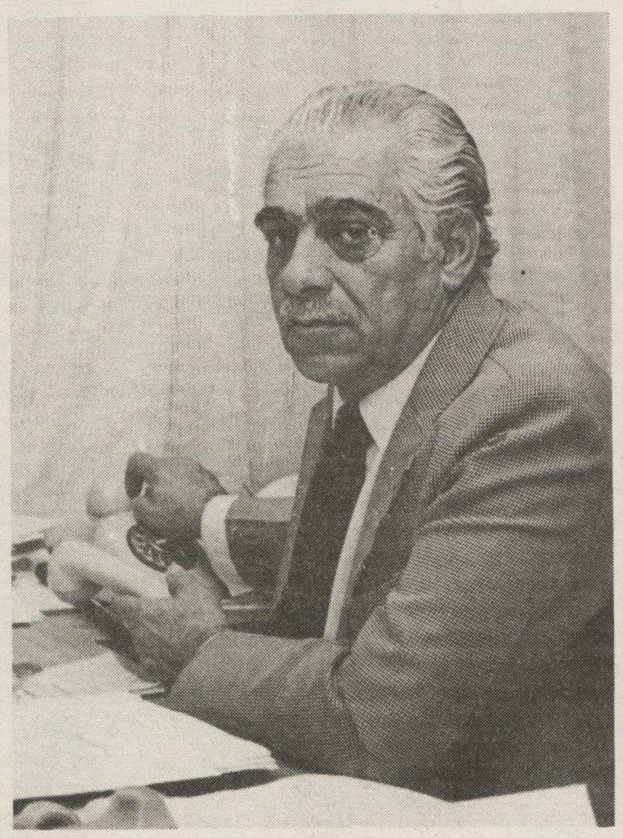
PP

"A crise orçamentária do Rio Grande, de resto, uma situação presente na quase totalidade dos demais Estados, está a evidenciar a absoluta conveniência de retornarmos ao princípio federativo do qual estamos muito distanciados nestes tempos de escalada centralizadora.

"A luta que nosso Estado tem desenvolvido para um tratamento mais equânime face a uma injusta política de isenções, a se alcançar êxito, poderá minorar o aflitivo problema. Mas, a solução definitiva, esta só haverá de vir com o restabelecimento do princípio federativo, a começar por uma reforma tributária mais justa e eqüitativa com os princípios municípios e estados brasileiros", diz Sinval Guazzelli.

PT

Olívio vê a crise orçamentária do Rio Grande do Sul intimamente ligada à perda de prestígio e poder político do Estado no contexto da Federação. Por isso, o PT tem bem claro que a vitória eleitoral neste ou



João Satte (PDT)

naquele Estado é apenas um pequeno passo para a solução de grandes problemas criados pelas distorções geradas pelo modelo econômico e social imposto pelo regime há 17 anos. O orçamento do Estado reflete a sua situação econômica e social. A dinamização do setor de produção agrícola com a incrementação da agro-indústria, ocasionaria reflexos positivos na arrecadação tributária, equilibrando receitas e despesas. Uma reforma tributária que, sem criar novos tributos, torne mais justa a tributação existente, fazendo-a recair com mais peso sobre os chamados bens de raiz particularmente a terra não somente na área rural mas também na área urbana.

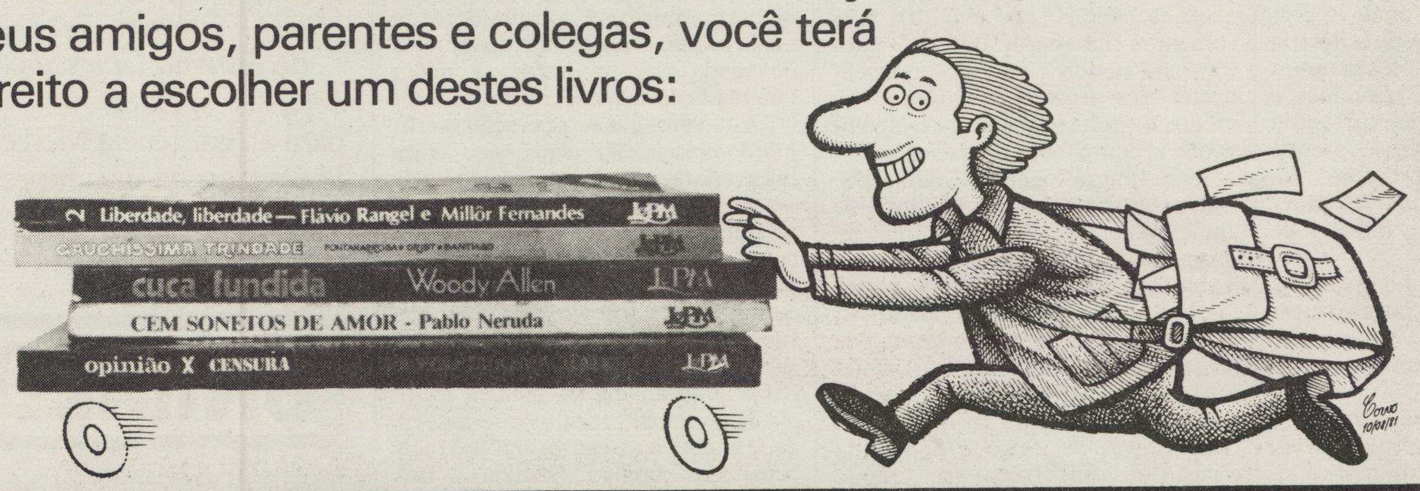
PDT

Para que o PDT defina uma orientação capaz de solucionar a crise orçamentária do Rio Grande do Sul, conseqüência de 17 anos de autoritarismo, de concentração e centralização de poder nas mãos do Governo Federal, inúmeros problemas devem ser equacionados pelos assessores especializados. Além de lutar pela reformulação do atual sistema fiscal e tributário, é preciso revisar as condições de intercâmbio com os estados industrializados, que são muito nocivas. Além disso, devem ser extintas, segundo os planos do PDT, as empresas estatais criadas, algumas delas, sem outro objetivo senão proporcionar altos cargos e mordomias. Outro problema que deve ser enfrentado é o endividamento externo do Estado, que, para o trabalhismo, ocorre justamente devido a queda de receita do próprio Estado e dos municípios.

O *Coojornal* tem presentes para os amigos

Você, que é amigo e leitor do **Coojornal**, está convidado a participar de nossa campanha de assinaturas e ganhar livros de presente.

É fácil: a cada três assinaturas do **Coojornal** que vender para seus amigos, parentes e colegas, você terá direito a escolher um destes livros:



- ☐ *Liberdade, Liberdade*, de Millôr Fernandes
- ☐ *Cem Sonetos de Amor*, de Pablo Neruda
- ☐ *Cuca Fundida*, de Woody Allen
- ☐ *Opinião x Censura*, de J. A. Pinheiro Machado
- ☐ *Gauchíssima Trindade*, de Santiago, Crist e Fontanarrosa

Se você vender cinco assinaturas do Coojornal terá direito a escolher dois livros!

Para ganhar os livros você precisa encaminhar:

1) Nome, endereço e profissão de cada assinante.

2) O valor das assinaturas, através de vale postal ou cheque nominal para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda. — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS

Assinatura para o exterior: US$ 60.00
Cada assinatura anual custa apenas Cr$ 1.100,00

DOCUMENTO PARA ESTUDO TÉCNICO NÃO DIVULGAR MEC – DSU

Quanto custa o "telecurso mais barato do mundo"

Por NILSON LAGE

O Telecurso 1º Grau — que se anuncia na televisão como "o curso mais barato do mundo" — está custando Cr$ 1 bilhão e 350 milhões, só em verbas federais diretas, repassadas pelo Ministério de Educação e Cultura à Federação Roberto Marinho. Desde julho de 1980, o dinheiro sai diretamente da Seplan, cabendo aos órgãos do MEC — em particular à Secretaria de Aplicações Tecnológicas, comandada pelo sr. Cláudio Figueiredo — entregá-lo aos interessados, como dita o acordo de Cooperação e Amparo Técnico e Financeiro, firmado entre o MEC e a Fundação Roberto Marinho.

Para evitar repercussões negativas, já que a quantia é superior à dotação orçamentária para todo o ensino supletivo do país e à soma do dinheiro aplicado em todas as televisões educativas oficiais, o acordo menciona apenas os desembolsos de seis meses de 1980, no total de Cr$ 400 milhões. Deixa claro, no entanto, que haverá pagamentos posteriores.

Estes 15 milhões de dólares, cujo destino inevitável é compensar a Rede Globo pelos efeitos da recessão econômica, não são, contudo, os únicos ingressos previstos no plano do telecurso. A Fundação Roberto Marinho, segundo suas próprias estimativas, espera arrecadar quantia equivalente com a venda dos exemplares do *Jornal do Telecurso,* impressos pela Rio Gráfica Editora, com 33 números, tiragem de 800 mil exemplares e preço de capa de Cr$ 50, o que equivale a Cr$ 1 bilhão 320 milhões. Deve-se considerar que a colocação dos fascículos cobriu os custos do Telecurso 2º Grau, realizado pela própria Fundação Roberto Marinho, com produção da Fundação Padre Anchieta.

Adicionalmente, o MEC colocou à disposição do Telecurso 1º Grau vários outros instrumentos de captação de recursos na ordem de centenas de milhões de cruzeiros, todos previstos no acordo; estímulo para que as secretarias de educação organizem centros de recepção em prédios públicos; custeio e promoção de exames "com questões compatíveis com seus conteúdos"; produção e copiagem dos programas de rádio do Telecurso pelo serviço de radiodifusão do MEC, transmissão das rádio-aulas nas emissoras do Projeto Minerva, e garantia de transmissão das aulas televisionadas pelas emissoras do Sistema Nacional de Televisão Educativa, bem como emissão gratuita nas estações comerciais nos horários compulsórios destinados à matéria educativa.

A Fundação Roberto Marinho conseguiu, além de tudo isto, que a Universidade de Brasília se incumbisse da avaliação dos resultados do Telecurso 1º Grau, que é a etapa mais sujeita a críticas e restrições. Mas não param por aí as perspectivas financeiras abertas pelo "curso mais barato do mundo". O item 1.3 do acordo abre caminho para outros patrocínios ou inserções de *merchandising,* pois refere-se ao "apoio e colaboração de quaisquer entidades voltadas ou não ao ensino e à pesquisa, nacionais ou internacionais".

A cláusula nona do acordo estabelece que os direitos autorais "relativos aos textos, aos programas-aulas de televisão, aos materiais impressos e aos textos básicos das rádio-aulas, pertencerão à Fundação", durante e após a vigência do documento. Isto é importante, pois sabe-se que os telecursos costumam ser repetidos durante anos. No entanto, afirma-se que o Ministério não poderá utilizar futuramente as aulas radiofônicas sem prévio acerto de contas como grupo da Rede Globo.

O acordo omite e ignora uma série de importantes restrições contidas no parecer elaborado por técnicos da Secretaria de 1º e 2º graus do MEC. Eles criticam, por exemplo, a escolha do tablóide para a veiculação de material impresso, adotada para o *Jornal do Telecurso,* no qual reconhecem apenas a vantagem do baixo custo para a Fundação Roberto Marinho. Segundo o parecer, a clientela do ensino de 1º Grau é constituída de pessoas carentes da periferia dos grandes centros que não têm hábito de ler jornal, sendo provável até que rejeitem o material por considerar sua informação passageira.

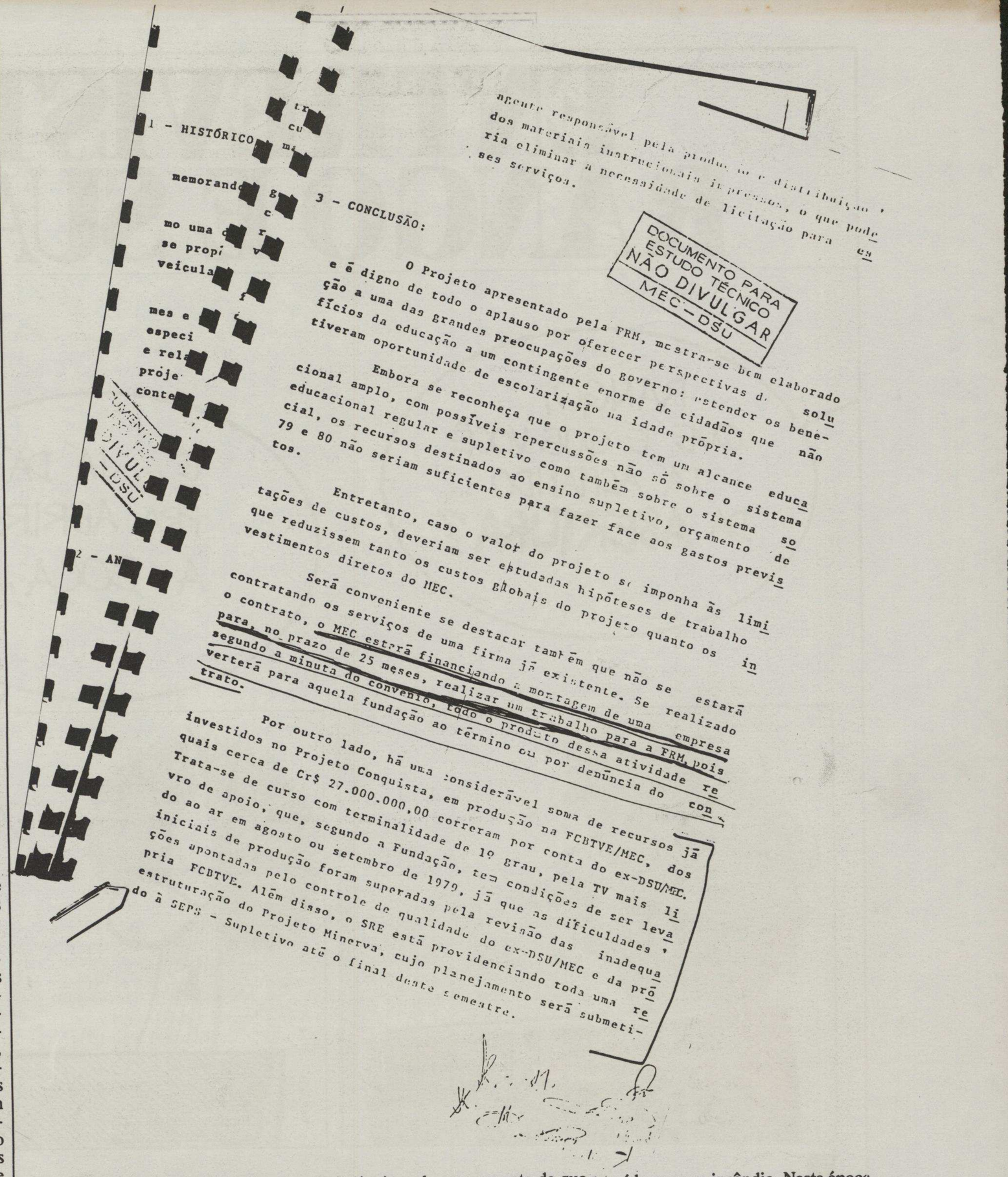
Outras restrições são alinhadas no relatório, entre elas o elevado custo do projeto, que previa investimentos da ordem de Cr$ 366 milhões e 500 mil, em moeda do primeiro semestre de 1979; a contradição entre esta quantia e o orçamento anual do MEC para o ensino supletivo — Cr$ 175 milhões, em 1979; o comprometimento de recursos de orçamentos futuros; os ingressos adicionais não contabilizados, decorrentes da comercialização dos fascículos, *O Jornal do Telecurso;* os salários previstos no projeto para os funcionários da empresa realizadora (estimados em mais de 250), infinitamente superiores ao padrão do Ministério, e a inconveniência da denominação *convênio,* que, no projeto alternava com *contrato* — afinal foi escolhido o termo *acordo.*

Os grandes atingidos com a assinatura do acordo, firmado pelo então ministro Eduardo Portella, sob o argumento de que a despesa em nada onerava o orçamento do Ministério, foram a Fundação Centro Brasileira de Televisão Educativa. do Rio de Janeiro, e o Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC. Para viabilizar o Telecurso, foram retiradas do ar as aulas do Projeto Conquista, destinadas à suplementação do ensino de 1º Grau, produzido pela Fundação Centro Brasileira ao módico custo de Cr$ 27 milhões, com fascículos impressos pela Fundação de Material Escolar (Fename). Igualmente, foram sacrificados os programas do Projeto Minerva, emitido nos fins de semana pelas emissoras comerciais de onda média em caráter compulsório. De passagem, vale registrar que o nome do Projeto Minerva não se deve apenas à deusa grega da sabedoria, como também às iniciais de Multiple Input Network for Evalutions Reactions, locução inglesa de onde se originou.

A retirada do Projeto Conquista interrompeu um trabalho que se estendia por 12 unidades da Federação, com transmissões em 89 municípios e 527 telepostos, além da recepção controlada por 20.111 brasileiros que serviam como amostragem para avaliação do aproveitamento. Mas contra ele existiu uma intensa campanha de descrédito, atribuindo-lhe ineficiência, sob o argumento de que seguia a linha narrativa semelhante à novela. No entanto, a forma de novela foi exigida pelas próprias autoridades do supletivo, quando o projeto foi estruturado, devido aos excelentes resultados do Telecurso João da Silva, detentor de vários prêmios internacionais, com um índice de aprovação no supletivo de 71% e que foi organizado sobre a história em capítulos de um migrante.

O lançamento do Telecurso 1º Grau representou praticamente a liquidação da área de produções educacionais, até então considerada a principal razão de ser do Centro Brasileiro de TV Educativa, que deverá ser incorporado a um novo organismo, o Fubrate, segundo projeto entregue ao ministro Rubem Ludwig. Embora desatualizado e modesto em equipamentos (desde 1979 não são liberados recursos para este fim), o conjunto de instalações da TV Educativa foi utilizado durante 24 meses, pela Rede Globo do Rio, destruída por um incêndio. Nesta época, o aluguel nada custou à Globo. Em troca, o então ministro Nei Braga pediu a retirada da programação da Globo das emissoras do Paraná, pertencentes a seu rival político Paulo Pimentel.

Uma portaria interministerial de 21 de outubro de 1980, dos ministros de Educação e Comunicação, fez com que os programas de musica erudita, de educação física e de esporte amador fossem trocados pela emissão do Telecurso 1º Grau, nos horários obrigatórios de televisões comerciais. A fórmula legal encontrada foi a de autorizar a Secretaria de Aplicações Tecnológicas a "conceder a outrem a execução e coordenação da atividade". O desfecho do episódio da instituição do Telecurso teve todas as características de rolo compressor sobre seus oponentes, com a transformação de relatórios críticos em favoráveis e maior impulso na máquina.



Emoldurar um quadro é complementá-lo.
DELPHUS®
ARTE EM MOLDURAS
Cristóvão Colombo, 1.103 — Fone: 22-3232 — Porto Alegre — RS

ENTREVISTA COM RANGO E SUA TURMA



Localizado num terreno baldio — como era de se esperar — numa lata de lixo — idem — completamente morto de fome — ibidem — o Rango deu sua primeira entrevista. E falou pelos cotovelos: de Deus a Golbery e de Delfim a João Paulo II. Apesar disso, não foi uma entrevista tranqüila. Houve algumas tentativas de abocanhar o microfone do gravador mas, num esforço de reportagem — três repórteres o seguraram enquanto um quarto o entrevistava — Rango desistiu. Isto lhe valeu uma vaia do próprio estômago que implorava "Manda, Manda". Afinal, o estômago também se entregou não sem antes, em pleno delírio, murmurar algo sobre Ivete Vargas ao molho acebolado. Além do Rango, Baba e Boca 3 também meteram sua colher — vazia — na conversa. Baba não perdeu tempo: aproveitou a ocasião para divulgar seu partido, o PBB, Partido dos Bilitantes da Birita, que se orgulha de não ter os pés no chão.

Rango, você é natural de...?

Rango — Mas claro, chefe! Não tem nada de artificial aqui no *cadáver*. Desde o primeiro bicho-do-pé até o último piolho, tudo é natural. Aqui não pinta nem sabão de glicerina, malandro.

Você não entendeu. Eu queria saber é em que Estado do Brasil você nasceu e onde é que você mora.

Rango — Ah... Bom, eu nasci e moro no estado que tem mais gente no país.

São Paulo?

Rango — Não. Santa Ignorância. É o único estado que existe dentro de todos os outros. Ao redor de cada capital ou cidade importante, tá lá mais um pedaço do território de Santa Ignorância, o estado que mais cresce no Brasil.

Você teve algum trauma de infância?

Rango — Trauma, sim. Infância, não.

Você já trabalhou de empregado em algum lugar?

Rango — Não. Sempre fui autônomo.

Marginal autônomo? Fazendo o quê?

Rango — Pra teu governo malandro, eu trabalho no controle de qualidade do maior produto da civilização industrial!

Qual o produto?

Rango — Ora, o LIXO!

Porque você nunca tirou atestado de pobreza?

Rango — Porque pra tirar atestado, primeiro você precisa existir e...

Ué, você não existe?

Rango — Claro, eu e milhões como eu. Eu tô falando é existir oficialmente, o que já é outra coisa. Quer ver? Até 74, 75, por aí, os *home* lá em cima diziam que não havia tanto miserê, que era mentira, tal e coisa. Era o tal *milagre* brasileiro...

O milagre do Delfim?

Rango — É. Aliás, a sorte do Delfim é que eu não sou canibal. Mas o tal milagre deu chabu e os *home,* pra não cair no tragicômico, começaram a reconhecer a existência do miserável e hoje nem ministro tem peito de negar. Mas daí a dar atestado, ou seja, assinar em baixo, nem com sinfônica, falou?

O que você espera das eleições de 82?

Rango — Que o povo não seja voto vencido.

Se você tivesse título de eleitor, em quem você votaria?

Rango — Bom, como diz o Fraga, título de eleitor todo mundo tem. Votar é que está difí...

Não, eu estou falando é no documento eleitoral. Em quem você votava?

Rango — Bom, aqui tá todo mundo na oposição e...

Por quê?

Rango — Ora, porque a situação está de amargar!

Quer dizer que você votaria na oposição. Qual partido?

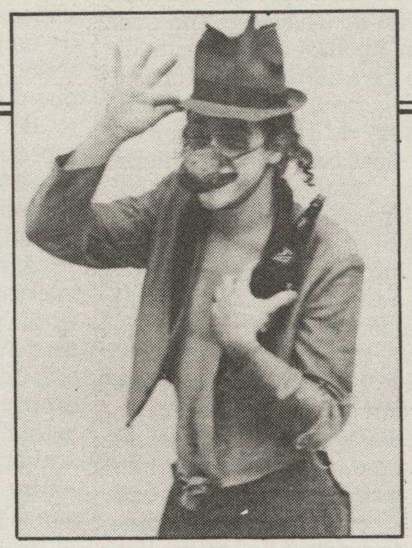
Rango — Olha, a gente vem discutindo muito e eu tô achando esses partidos parecidos com pelada de guri.

Como assim?

Rango — Onde vai a bola, vai todo mundo atrás. Ninguém tem posição. Todos brincando de siga o chefe, na base do "ama teu prócer como a ti mesmo". Como antigamente.

E como se supera este vício na tua opinião?

Baba: "O Partido dos Bilitantes da Birita acha um absurdo usar álcool em autobóvel"



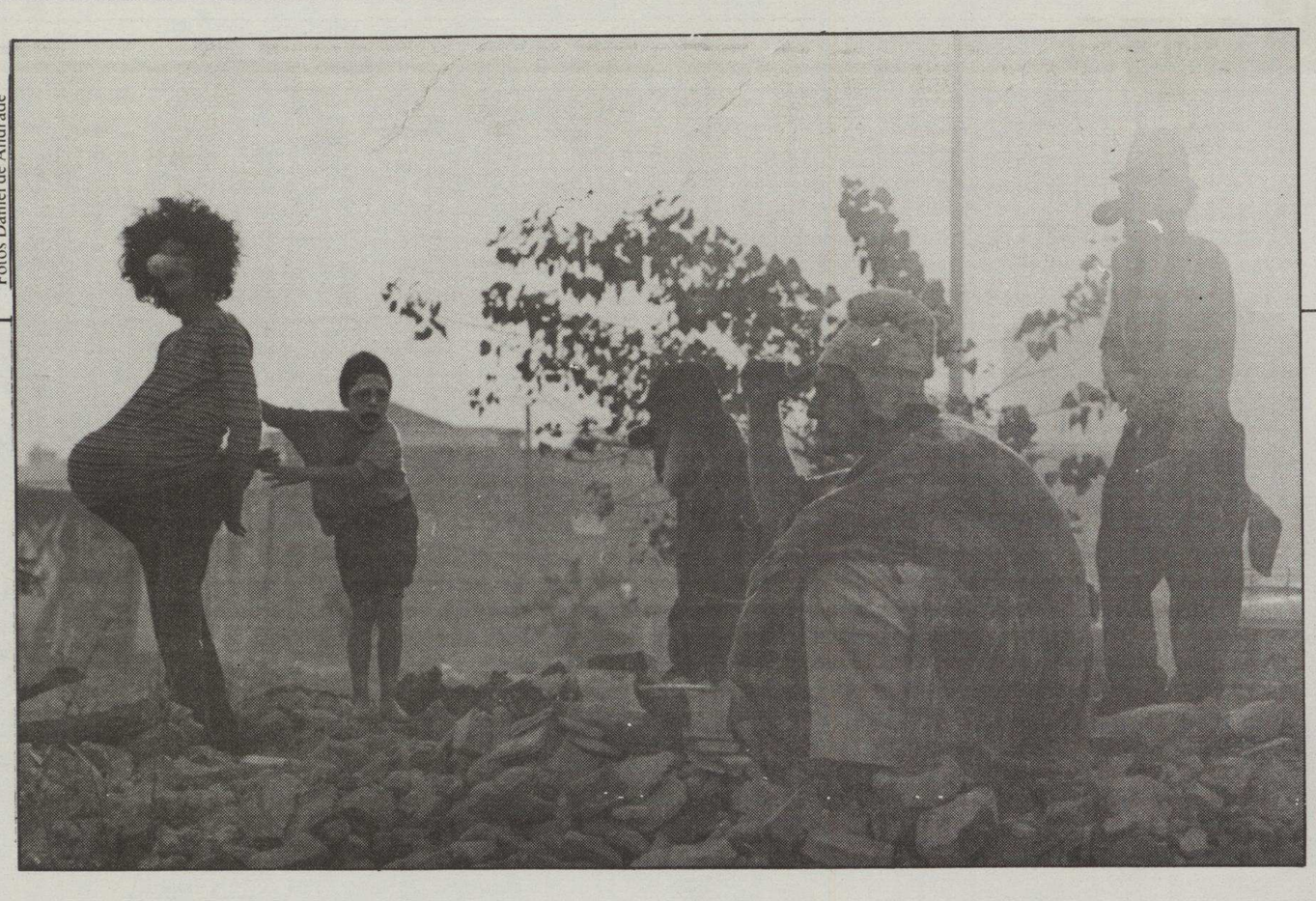
Rango no palco

A exemplo do que aconteceu com os personagens de Henfil, que das tiras humorísticas pularam para o palco (*A Revista do Henfil*), também as aventuras de *Rango* e seus amigos, criação de Edgar Vasques, foram transportadas para o teatro. Em Porto Alegre, na sala Álvaro Moreira, está em cartaz o espetáculo *Rango,* com roteiro montado a partir das tiras de Vasques, selecionadas por Júlio César Saraiva, diretor do espetáculo.

Além do *Rango,* interpretado pela atriz Ellen Nara, estão em cena o *Baba,* o *Chaco* e o *Boca Três.* Segundo Nara, "tivemos que superar a ausência do desenho com muita expressividade e tom de voz, buscando a fidelidade ao trabalho do autor". Vasques gostou do espetáculo: "É claro que existem algumas diferenças. Por exemplo, sempre fiz o *Rango* agindo de uma forma cética, enquanto na peça ele está um pouco mais dramático. Mas, por outro lado, alguns personagens, como o cachorro do *Boca Três,* ficaram melhor definidos". De qualquer forma, ele acredita que a visualização dos personagens no palco trouxe aspectos positivos: "Acho que acrescentou novas opções e idéias a meu trabalho".

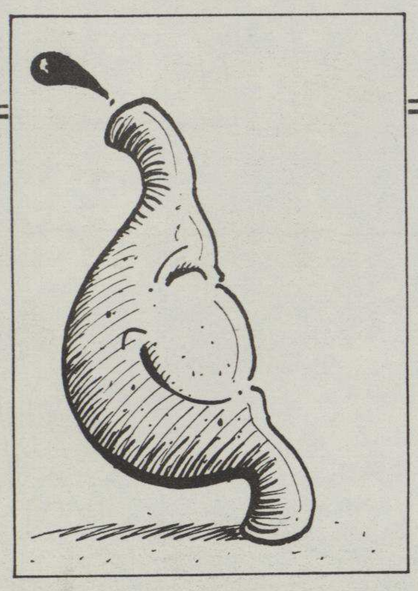
Publicado na *Folha da Manhã* (de 73 a 75), no *Pasquim* (1977) no *Estado do Paraná* (1978) e no *Correio de Notícias,* de Curitiba, (1980), o *Rango* também esteve na Europa: durante seis meses a tira foi publicada pela revista *Charlie Mensuel.* Nascido nos anos mais difíceis, quando a censura investia diariamente contra os jornais, o *Rango,* segundo o próprio Vasques, era feito com raiva. "O mais perto que cheguei do humor foi com a ironia", diz. Hoje, quando a oposição se fragmentou, Vasques procura outros caminhos. "Passei as contradições que atingem a gente para a tira. Agora, o racha das oposições envolve os personagens.

Fotos Daniel de Andrade



Rango, Filho, Boca 3, Chaco e Baba

Estômago: "acho a Ivete maravilhosa. Pra panela com bastante cebola"



Rango — Eu acho até natural que aconteça isto, porque perneta não dança frevo. E pra criar perna nova só num curso chamado *Democracia Sem Mestre.* Mas parece que tem partido que já tá se ajeitando, como o PMDB, o PT, o PDT...

E a Ivete, que você não falou? Que é que você acha dela?

Rango — Ora, a Ivete nem dá pra...

Estômago — Acho maravilhosa!

Vejam só, não é que o estômago fala mesmo!

Rango — Cala a boca, seu refratário!

Não, não, deixa ele falar! Ô estômago, você acha a Ivete maravilhosa pra quê? Pro senado, pra governo estadual ou pra presidência?

Estômago — Pra panela, com bastante cebola! Já pensou, rechonchudinha, corada...

Rango — Eu avisei, não dá pra deixar este recalcado falar!

Estômago — Eu manjo este papo!

Calma! Rango, a que você atribui o fato de seu estômago falar?

Rango — É que ele não tem mais o que fazer.

Voltando aos partidos, do PP você também não falou...

Rango — Pô, o PP não dá pra encarar. É tudo democrata-cristão-de-centro-esquerda! E depois reforma não resolve nem papagaio em banco, quanto mais a situação do país!

Por falar em partidos, parece que vocês têm um novo partido por aqui, não?

Rango — Vocês, não! Quem fundou um novo partido aqui foi o Baba. Eu não tenho nada com isto.

Então vamos ouvir uma palavrinha do mais recente prócer partidário do Brasil! Ô Baba, que é que significa a sigla PBB?

Baba — Em pribeiro lugar, beu cordial cumpribento ao público leitor deste prestigioso bensário. Respondendo a sua pergunta, PBB é o Partido dos Bilitantes da Birita, a agrebiação que bais cresce no país!

E a que se propõe o PBB?

Baba — O Partido dos Bilitantes da Birita tem por objetivo, usando o beio consagrado em todo o bundo, qual seja o álcool, fugir completabente da realidade!

Você diria que o PBB é um partido preocupado com o nível de vida do povo?

Baba — Com o nível não tanto, bais com o TEOR.

É um partido socializante?

Baba — Bas é claro! Jabais discribinaremos aqueles que bebem socialbente.

Como o PBB encara a fusão das oposições?

Baba — Os bilitantes da birita consideram necessárias várias reuniões-coquetel para discutir o assunto.

Uma dúvida, Baba. Se o PBB visa fugir da realidade, como é que tem esta atitude realista, concreta, de declarar-se oposicionista?

Baba — Realbente, os bilitantes da birita estão aciba da bera política, bas o governo tem tobado atitudes nefastas que contrariam frontalbente os princípios do partido.

Por exemplo?

Baba — Ora, apenas para exemplificar, posso citar duas: o absurdo uso do álcool cobo combustível em detribento do consubo hubano e os inaceitáveis aubentos do preço da cerveja!

É verdade que você já e[illegible]n campanha para governador pelo PBB?

Baba — Absolutabente. Bero boato.

Então por que é que você nunca é visto duas vezes no mesmo bar?

Baba — Claro que não! Eu não freqüento duas vezes o besbo bar, porque um profissional jabais se envolve ebocionalbente!

Obrigado, Baba.

Voltando ao Rango, como se explica que seu cachorro fale?

Rango — É, ele só aprende o que não presta. Mas na verdade não vejo motivo para espanto, afinal não tem por aí tanto gato que fala?



Rango: "Jamais conheci um bandido famoso. Nunca estive em Brasília"

Boca 3 — Comparação infeliz, nobre colega.

Rango — Como assim "colega", seu vira-lata piolhento?

Boca 3 — Exatamente. Aqui não somos todos colegas vira-latas?

Rango, você que vive no meio da marginália, que é que acha do aumento da criminalidade?

Rango — Acho que quem planta capitalismo selvagem, colhe miséria selvagem.

Você conheceu algum bandido famoso?

Rango — Não. Nunca estive em Brasília.

Agora vamos fazer um joguinho de associação de idéias. A gente diz uma palavra e você responde a primeira coisa que lhe ocorrer. Vamos lá: democracia.

Rango — É grego!

Caviar.

Rango — Tá russo.

Riocentro.

Rango — *Veja* acertou, IPM errou.

Salário-mínimo.

Rango — Bom, aí... me lembra aquela história da média pão e manteiga que entrou no boteco e pediu: salta um salário-mínimo aí!

Rango, Deus é brasileiro?

Rango — Claro! Saiu pro cafezinho no dia da criação e deixou o casaco.

Você, que está no último degrau da escala social e portanto tem visão de conjunto, teria alguma sugestão de modelo econômico, distribuição da riqueza, etc.?

Rango — Em relação à distribuição da riqueza, o que eu tenho mesmo é distanciamento crítico: nunca cheguei perto. Quanto ao modelo econômico, do jeito que vai, só vejo duas alternativas.

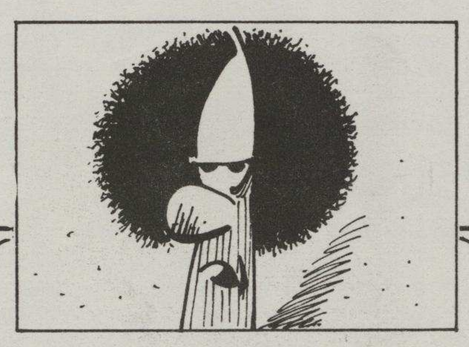
Quais?

Rango — Uma, é voltar ao escambo. Quer dizer, acabar com o dinheiro. Trocar mercadoria por mercadoria. Eu, por exemplo, ia ser vigia de supermercado. Com pagamento em espécie, já pensou?

E a outra alternativa?

Rango — É o povo brasileiro se mudar para o exterior pra curtir os produtos do modelo exportador!

Mas isto é um absurdo!



Rango: "Cobertor bom é o Pasquim *que tem mulher. Os de casal,* Globo *e* JB, *escorregam pra direita"*

Rango — E daí? Eu tenho que ser coerente com o meio, não é?

Qual o melhor cobertor? *O Globo, JB ou A Hora do Povo?*

Rango — Olha, pra ir pra cama mesmo, melhor é o *Pasquim* ou *O Repórter,* que têm mulher. Agora, estes de casal, apesar de grandes, são muito incômodos: sempre acabam escorregando pra direita. Melhor usar pra outras coisas.

Qual é a sua opinião sobre as seguintes personalidades: Gabeira, Caetano, João Paulo II e Golbery?

Rango — Bom, o Gabeira tá certo. O prazer é fundamental, a começar pelo prazer de comer. Agora, esse negócio de "transar o corpo" é a história mais antiga do mundo, as percantas da Babilônia já faziam. Com o Caetano eu concordo: gente é pra brilhar, não pra morrer de fome. Já o Papa, eu não entendo, ele acende uma vela pra Deus e outra pro diabo! Quanto ao Golbery, é o seguinte: em matéria de geopolítica, eu ainda sou mais a do Josué de Castro.

Por falar em Golbery, como é que você vê o futuro político do país depois destas mudanças ministeriais?

Rango — Olha, malandro, você vai me desculpar, mas nenhuma das duas é de cristal.

Entrevistador e entrevistado — Edgar Vasques
Produção — Júlio César Saraiva e Edgar Vasques
Rango — Ellen Nara
Baba — Rogério Lauda
Boca 3 — João Carlos Castanha
Chaco — Júlio César Saraiva
Filho — Nana Hörbe

Cupom de assinatura Coojornal

Nome: _____

End: _____ Nº: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Estado: _____

Profissão: _____

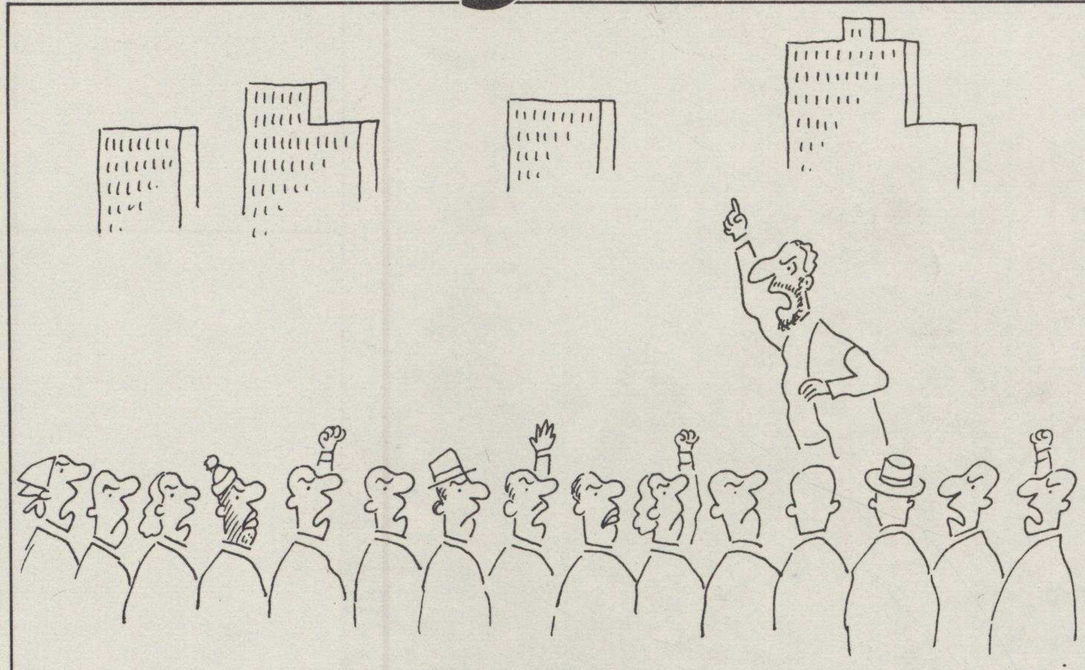
Assine o Coojornal

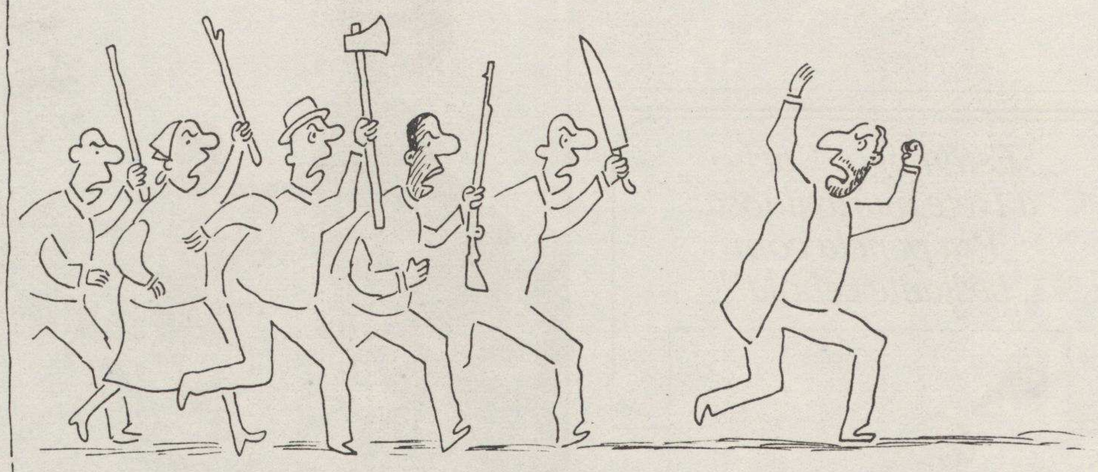
Ele agora está muito melhor

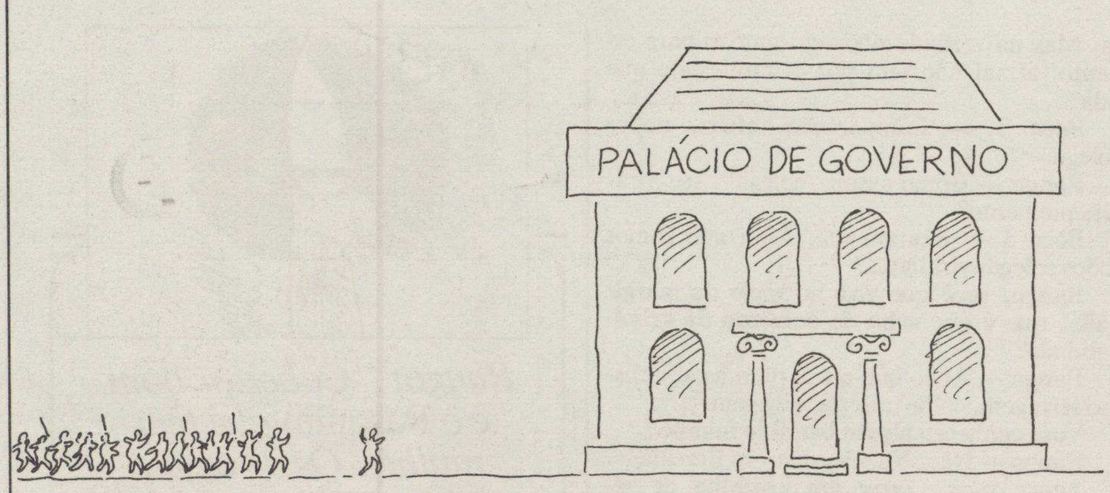
Mande o cupom de assinatura e um cheque nominal para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., no valor de Cr$ 1.100,00, e receba em casa, por um ano, o seu **Coojornal.**

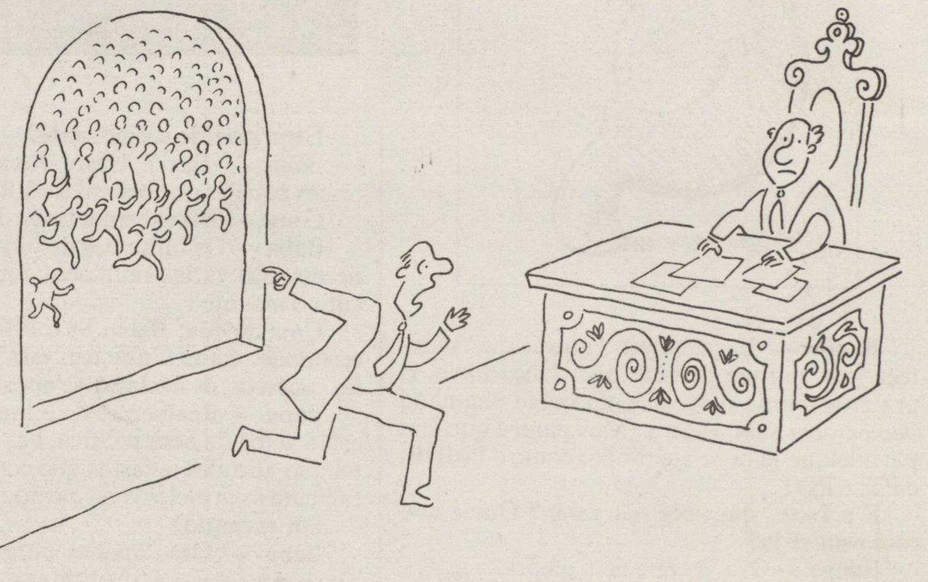
Coojornal, Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Fone: 335099
Porto Alegre — RS

santiago



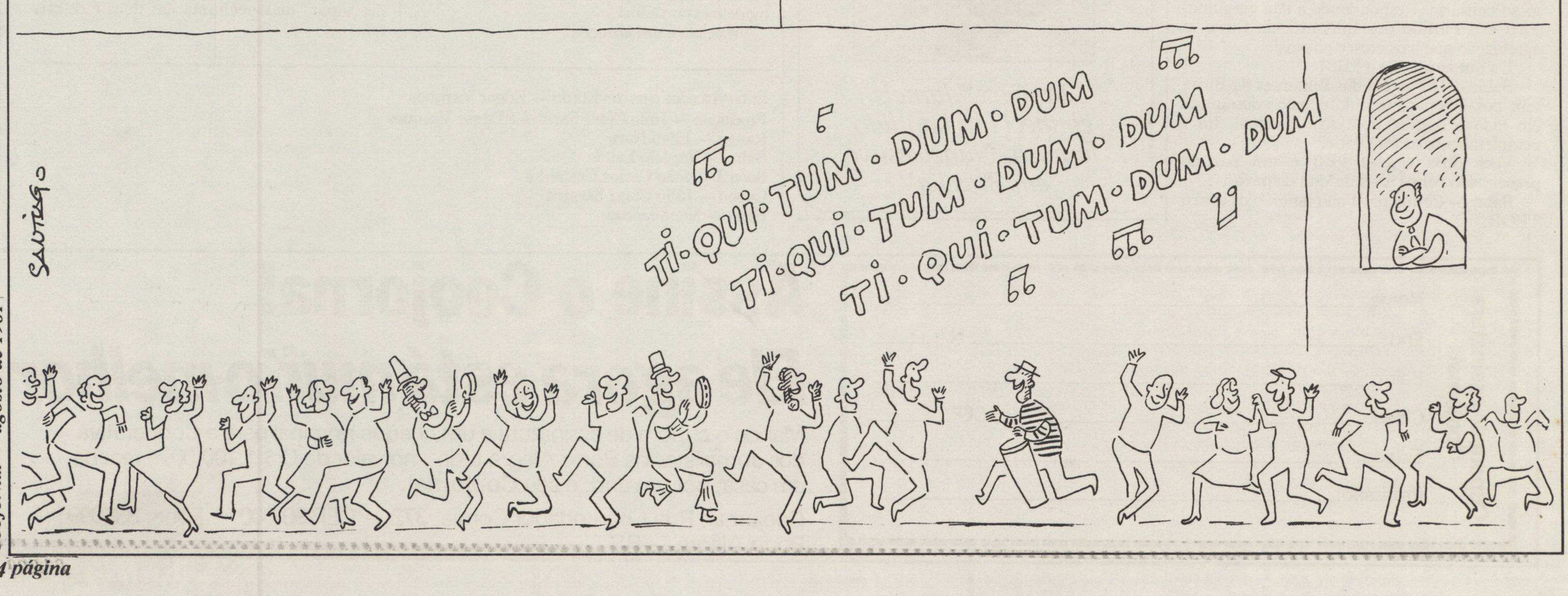



PALÁCIO DE GOVERNO



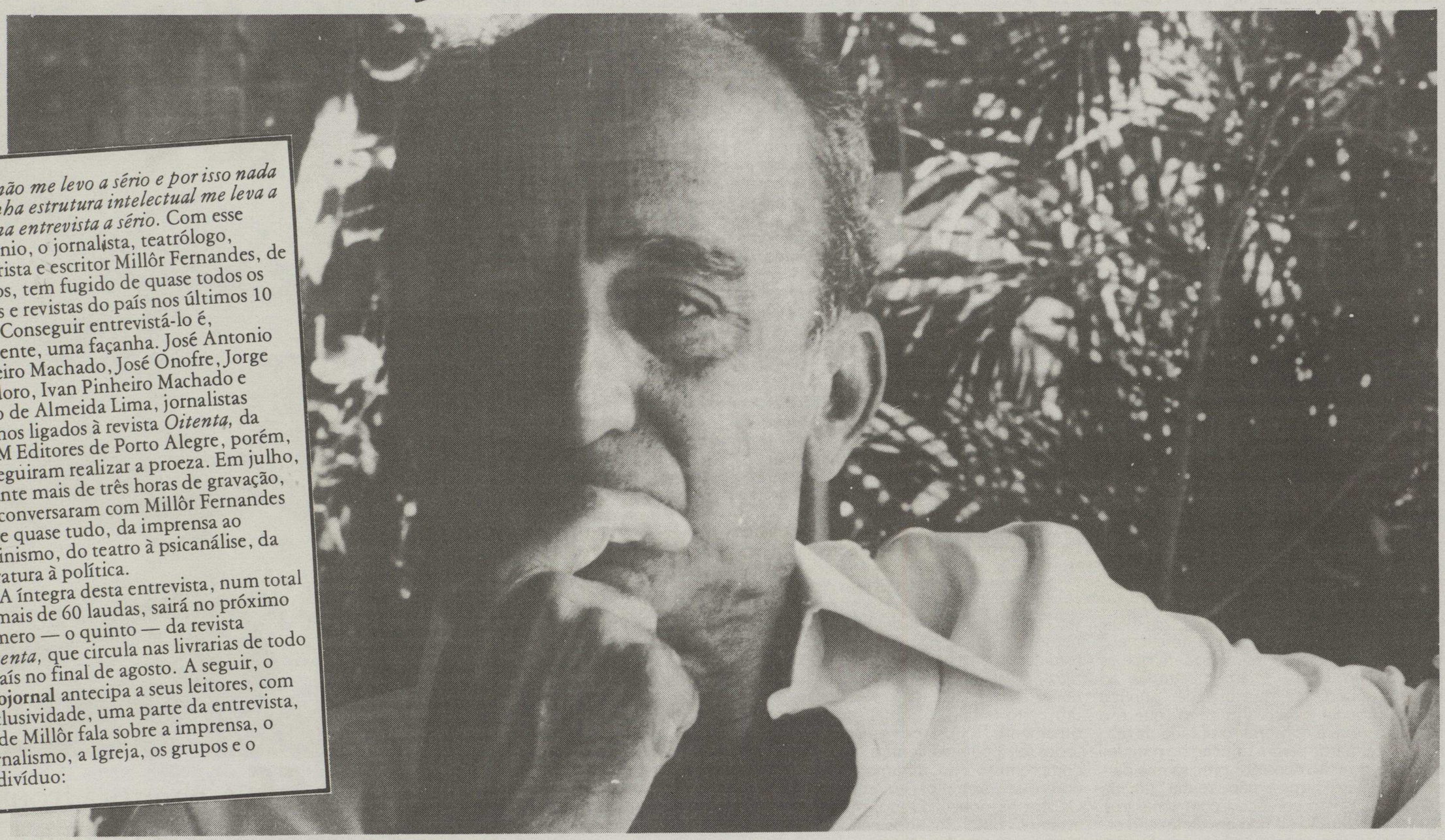

PELOTÃO DE
EMERGÊNCIA


TUM · DUM · DUM
TI · QUI · TUM
DUM · DUM
PELOTÃO DE
EMERGÊNCIA


TI · QUI · TUM · DUM · DUM
TI · QUI · TUM · DUM · DUM
TI · QUI · TUM · DUM · DUM
SANTIAGO

MILLÔR

ENFIM UMA ENTREVISTA



O Globo

Millôr: "O homem é inviável, mas eu não sou"

— Eu não me levo a sério e por isso nada na minha estrutura intelectual me leva a dar uma entrevista a sério. Com esse raciocínio, o jornalista, teatrólogo, humorista e escritor Millôr Fernandes, de 56 anos, tem fugido de quase todos os jornais e revistas do país nos últimos 10 anos. Conseguir entrevistá-lo é, realmente, uma façanha. José Antonio Pinheiro Machado, José Onofre, Jorge Polydoro, Ivan Pinheiro Machado e Paulo de Almeida Lima, jornalistas gaúchos ligados à revista *Oitenta,* da L&PM Editores de Porto Alegre, porém, conseguiram realizar a proeza. Em julho, durante mais de três horas de gravação, eles conversaram com Millôr Fernandes sobre quase tudo, da imprensa ao feminismo, do teatro à psicanálise, da literatura à política.

A íntegra desta entrevista, num total de mais de 60 laudas, sairá no próximo número — o quinto — da revista *Oitenta,* que circula nas livrarias de todo o país no final de agosto. A seguir, o **Coojornal** antecipa a seus leitores, com exclusividade, uma parte da entrevista, onde Millôr fala sobre a imprensa, o jornalismo, a Igreja, os grupos e o indivíduo:

Millôr — Eu quero fazer um pequeno intróito a esta entrevista absolutamente sincero: não gostaria de estar dando esta entrevista. Estou porque gosto muito fraternalmente — como não posso dizer fraternalmente por causa da idade, eu costumo dizer fra-paternalmente — do Lima e do Ivan. Por osmose comecei a gostar dos outros. Eu só não digo que estou começando a ficar gaúcho, porque não tenho rebolado gaúcho. Agora — nada, na minha estrutura, *soi disant* intelectual, com todas as aspas, me conduz a dar uma entrevista a sério, sobretudo a pessoas altamente respeitáveis como vocês. Quero que fique gravado nesta entrevista: realmente, eu não me levo a sério. Mas na proporção em que o tempo passa, a idade avança, as pessoas vão te levando insuportavelmente a sério, e você acaba assumindo um mínimo disso.

— Quando você começou no Jornalismo?

— Eu comecei a trabalhar no dia 28 de março de 1938: tinha 13 para 14 anos de idade. E essa é uma das coisas de que me orgulho — a minha vanglória —, a consciência profissional. Eu era um menino solto no mundo, uma vida que dependia só de mim mesmo. Naquela época, o Ministério do Trabalho era recém-fundado. O meu empregador já era *O Cruzeiro.* Pedi que me assinassem a carteira de trabalho.

Quando cheguei em casa (uma pensão) e vi que a data que estava lá na carteira era a data em que eu havia pedido a assinatura da carteira e não a em que eu havia começado a trabalhar, voltei e pedi retificação. Veja você, um menino com menos de 14 anos, sem nenhuma influência ideológica de trabalhismo, de nada, apenas com aquela consciência de que *tinha* direito. Então a carteira diz assim: "onde se lê tal, leia-se tal data". Está lá registrado o primeiro dia de trabalho: 28 de março de 1938. Já fiz 43 anos de jornalismo, mais anos do que vocês, em conjunto, têm de vida.

— Obrigado pela generosidade. Você acha que o jornalismo brasileiro melhorou muito de lá para cá?

— Muito, tecnicamente. Lamentavelmente, porém, do ponto de vista ético, moral e social, melhorou muito pouco. E já era quase criminosamente ruim naquela época. Conforme você sabe, eu não tenho nenhuma formação marxista, não acredito em excessivos determinismos históricos. É evidente, é liminar, que as forças de produção regem muitas coisas. É liminar que *contexto* da sociedade reja fundamentalmente muitas coisas. Agora — o que não é liminar, é o seguinte: há forças metafísicas, há entrerelações no mundo que não estão previstas em qualquer ideologia; a isso eu chamo o anticorpo. O Marx é o próprio anticorpo dentro da sociedade em que vivia. Se as teorias de Marx fossem perfeitas, ele não existiria. Porque o contexto social e as relações de produção da época não o previam, não o permitiram.

Você pode dizer que a imprensa é resultado do meio, a imprensa é resultado da sociedade em que funciona. Certo. Mas, às vezes, por força de um indivíduo, ou por força de um pequeno grupo de indivíduos, ela pode se antecipar ao seu meio e fazer progredir esse meio. Mas a imprensa brasileira sempre foi canalha. Eu acredito que se a imprensa brasileira fosse um pouco melhor, poderia ter uma influência realmente maravilhosa sobre o país. Acho que uma das grandes culpadas das condições do país, mais do que as forças que o dominam politicamente, é nossa imprensa. Repito, apesar de toda a evolução, nossa imprensa é lamentavelmente ruim. E não quero falar da televisão, que já nasceu pusilânime.

— Há um consenso de que a imprensa brasileira, tecnicamente, teria atingido uma qualidade comparável com o que de melhor se faz no mundo.

— De acordo. A revista onde eu trabalho, *Veja,* é um exemplo, tem todas as possibilidades; praticamente iguais as do *Time.* A TV Globo só não tem mais possibilidades porque não quer. Ela pode mandar 30 repórteres amanhã pra Polinésia, com o Poder que tem, fazer a cobertura que quiser. Mas só age em função do *merchandising.* Nos falta até o contraste, que existe em países supercapitalistas feito os Estados Unidos, onde o choque de interesses é tão violento que faz da imprensa americana a melhor imprensa do mundo. Quando o *New York Times* não quer dar cobertura a um setor, o *Washington Post* vai em cima. A França tem dois fenômenos de boa imprensa; são o *Le Monde* e *Le Canard Enchainé.* Prova de que a chamada imprensa burguesa, ou a imprensa dentro de países burgueses, pode ser realmente a expressão de uma absoluta liberdade, maior do que em países socialistas (nestes não há imprensa: há boletins).

É possível fazer imprensa com independência. Se o *Le Canard Enchainé* faz, seu *Le Monde* faz, por que não se pode fazer no Brasil? É uma coisa que pode parecer até brincadeira: quando nós fizemos o *Pasquim,* num certo momento eu disse pro pessoal: olha, eu sou o único comunista daqui. Eu acreditava que aquele negócio fosse mesmo um negócio comunitário, para o bem público. É verdade! Os que se presumiam comunistas (não só eles!), começaram a roubar da maneira mais deslavada, mais escrota possível. Mas que se pode fazer dentro de um contexto capitalista, de um contexto burguês, uma imprensa de alta eficiência social voltada para o bem público, isso se pode, sim! Dei provas: você tem o *Le Monde* e o *Le Canard Enchainé,* duas coisas até bem contrastantes.

— Em Nova Iorque, há um Village

> “Tem amigos nossos, feito o Gabeira, que fazem três meses de heroísmo, viram heróis de todos os tempos e passam a viver disso”

Voice, **e um canal 13 de Televisão orientado como serviço público. Por que no Brasil não existe condições, neste momento ao menos, de se ter uma imprensa alternativa — mas não marginal — de grande penetração na sociedade? Por que não existe isso?**

— Respondo voltando àquela velha anedota de Deus criando o mundo: todo mundo conhece. Alguém (havia mais “alguém” por ali?) reclamou que Deus tinha feito este país maravilhoso, sensacional. O Chile foi feito cheio de terremotos, o Paraguai tinha pântanos incríveis, outro país tinha furacões, o outro tinha desertos e o escambau e, de repente, no Brasil não tinha nada desastroso: florestas maravilhosas, mares maravilhosos, montanhas lindas. Aí Deus parou e disse: “Espera porque você vai ver a gentinha que eu vou botar lá”.

— Que tipo de imprensa poderia contribuir melhor pro bem social?

— Estou pensando, além dos que já citei, no *Village Voice*. Hoje, jornal rico, já é até um jornal do sistema. Talvez hoje, curiosamente, jornais maiores feito o *Washington Post* e o *New York Times*, para falar dos dois que sempre se confrontam, ajam mais em função do bem público do que o *Village Voice*. Mas a imprensa alternativa (e o *Village Voice* foi um dos seus grandes exemplos), eu acho que ela é a grande solução para a liberdade de expressão. Os jovens precisavam se conscientizar disso. Saber que eles podem fazer um jornal que, ocasionalmente, vai ficar preso ao bairro, mas é importante que o bairro seja protegido, é importante que as misérias do bairro sejam mostradas ao poder público, até que o poder público chegue àquele negócio mínimo (que é o máximo!) que é consertar o buraco da rua. Não se vai partir para a solução do mundo, partindo do macrocosmo; precisamos partir do microcosmo, não tenha dúvida nenhuma. Cristo começou com uma cruz só. Essa pretensão do homem de fazer o organograma universal acaba em Delfim Netto, acaba em tecnocracia, acaba em “herói”: e chega de heróis.

O homem tem que se convencer de que mais importante do que tudo é o dia-a-dia, o homem vive é todo o dia. A maior utopia é a resistência diária. Ser herói é fácil. Herói se faz em três meses. Têm amigos nossos, feito o Gabeira, que fazem três meses de heroísmo, viram heróis de todos os tempos e passam a viver disso. E é aquele negócio, é bicha porque está na moda, elogia mulher, porque está na moda, é incapaz de dizer alguma coisas contra a corrente, mesmo que a corrente seja lamentável, odiosa, reacionária.

— E você acha, por exemplo, que os jornais alternativos estão contribuindo para alguma coisa nesse sentido, no Brasil?

— Neste momento estão um pouco em recesso. Mas de qualquer forma estão contribuindo. A maior contribuição que foi dada à imprensa alternativa brasileira, nos últimos tempos, foi a imprensa opcional, a partir do *Pasquim*, não tenho dúvida nenhuma. Mas a própria abertura forçou um pouco o recesso no setor. A própria abertura trouxe junto muita vigarice, os caras estão explorando demais o sexo, estão explorando o homossexualismo, o sensacionalismo: pegando os mesmos vícios da outra imprensa. A coisa essencial é “vender”.

Mas continuo achando que a imprensa opcional é uma solução. Bem feita, essa imprensa opcional forçará a grande imprensa a dar cobertura a certos assuntos Cobra! Envergonha! Força! Aquele negócio: o socialismo força o capitalismo a ceder em certas coisas. Você pega o manifesto comunista de Marx: das oito ou 10 exigências básicas de Marx, pelo menos uns seis itens nem Uganda deixa de aplicar, hoje em dia. O Imposto de Renda é um deles.

— Você nos falou que alguns jornalistas, ou um grupo de jornalistas podem, reunidos, organizados, antecipar coisas. Nós temos algum exemplo no Brasil, disso?

— Desculpem falar quase em causa própria. Mas tenho que falar do que sei. O *Pasquim* foi um jornal feito por meia dúzia de malucos e que alterou o contexto da imprensa brasileira e chamou a atenção para uma série de coisas. Pela própria condição histórica, o *Pasquim* logo depois se deturpou, nós sabemos, mas teve uma vasta influência. Isso como grupo. Como indivíduo , a melhor estrela que despontou ultimamente, apesar das condições adversas em que trabalha, foi o Joelmir Beting; uma posição muito correta. Ele está dentro do sistema, mas faz um comentário muito correto e brilhante. Isto é que eu chamo de combater por dentro. E não a falcatrua dos que foram dar o rabo à Tevê Globo na hora em que esta era o veículo de comunicação mais repressivo do país. O Joelmir está no *Globo* e escreve o que está pensando, da mesma forma que eu, na *Veja*, escrevo o que estou pensando.

— E o Castelinho? (1)

— O Castelinho é um homem digno, um jornalista brilhante e culturalmente apto. É um homem digno mas, evidentemente, o Castelinho hoje não tem mais a força que poderia ter. Ele tem força para comentar o sistema, com a dignidade que lhe é natural. Mas ele não tem força para contradizer o sistema. Estes cargos jornalísticos, digamos, estas posições jornalísticas como a dele são fatais, porque depois de um certo tempo, o jornalista conhece intimamente todos os generais, conhece todos os políticos, enfim, tem um certo compromisso, no mínimo afetivo. Eu te dou este exemplo: eu conheço o José Onofre há pouco tempo, mas eu e ele já estamos comprometidos pela presença. Se ele for me esculhambar amanhã, ele já vai mudar de atitude pelo simples fato de me conhecer. Ele vai dizer talvez a mesma coisa, mas vai dizer em outros termos, mais suaves.

— Isso é verdade.

— Agora, o contato que um colunista político como o Castelinho tem, só pode ser ultrapassado por um louco, como meu irmão Hélio Fernandes. ele considera que seu interesse em noticiar está acima de tudo e, embora conheça você, critica como se jamais o tivesse visto. Claro que a dele é outra contextura psicológica, e outra forma de jornalismo, muito difernete da do Castello: este tem que usar as palavras com excessivo cuidado.

— Nisso que tu falastes tem um problema chave que é a relação com a fonte, no jornalismo brasileiro. Ela tende a ser cerceativa para o jornalista, mas não para a fonte. A fonte tem todas as vantagens e o jornalista nenhuma. Até hoje — e eu soube disso casualmente ontem ou anteontem — o grande mistério para o SNI é saber quem passa as informações para o Hélio Fernandes. Porque o Hélio vai contra todo mundo. Ele não é cara de, de vez em quando, fazer capa com uma grande personalidade, só elogiando esta grande personalidade. Se você for ver na Tribuna, **quase todos os altos escalões do governo, senão todos, já sofreram uma porrada lá. Então, como ele é informado? Quem passa as informações para o Hélio Fernandes? Porque a coisa é a seguinte: Se você esculhamba, você perde a fonte.**

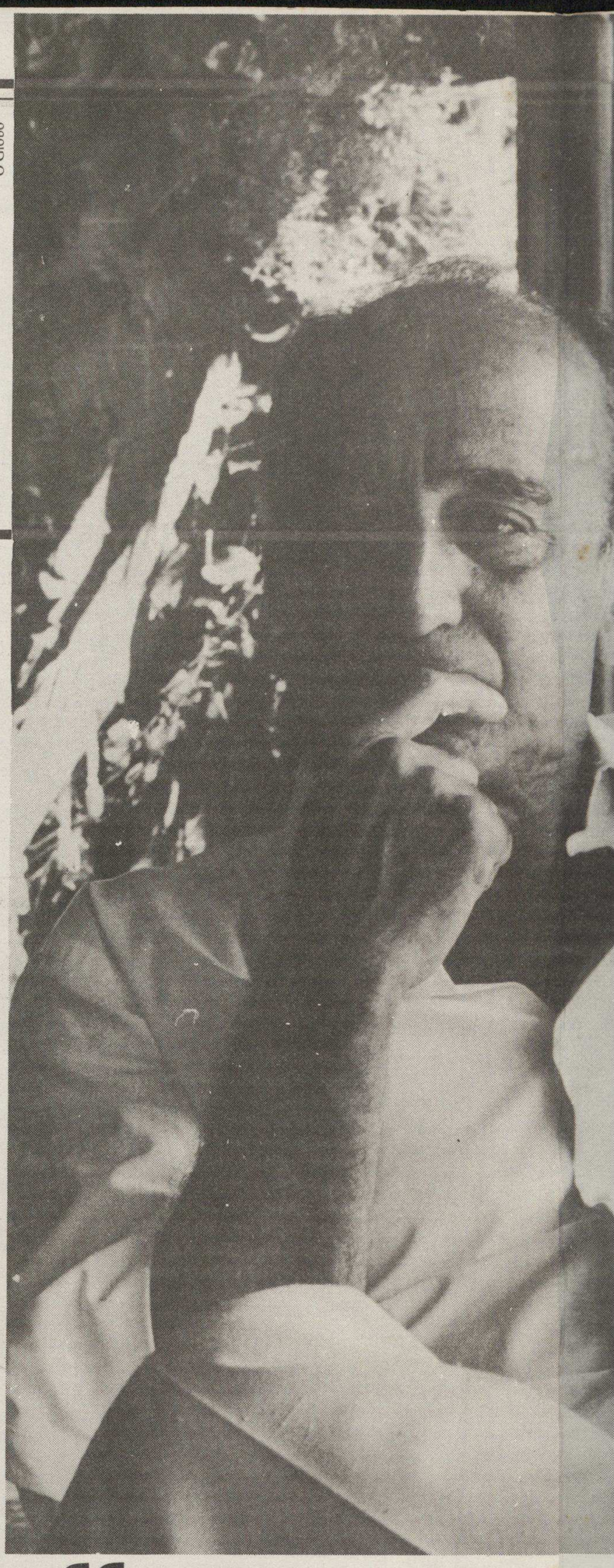
— Mas aí vem o princípio eterno: as águas correm pro mar. Por exemplo: quando o Hélio está esculhambando a indústria farmacêutica, existem sempre muitas pessoas, dentro da própria indústria, humildes ou não-humildes, ou então simplesmente frustradas dentro do mecanismo da empresa, que não resistem a dar informações e fornecer documentos. Você, na *Veja*, estaria num estágio intermediário que é o pior possível. Você tem que respeitar o acordo de ética com o poder enquanto o poder não respeita o acordo de ética com você. Coisa parecida com a relação dos humoristas brasileiros com o poder. Eu disse ao Ziraldo, numa das vezes em que ele esteve preso: “Olha, Ziraldo, nós, humoristas, temos extrema importância pra ser presos e nenhuma importância pra ser soltos”. Porque pra ser preso podemos ser por qualquer coisa , a qualquer momento, por qualquer sargento. Agora, pra ser solto... Nós não movimentamos forças políticas, sociais ou econômicas, enfim, ninguém tem interesse em que nós sejamos soltos. Mas a violência contra nós não vem só do poder central, não. Vem de toda parte.

Há pouco tempo eu fiz uma notinha deste tamanho sobre o Papa, na *Veja*. Uma notinha sem importância, brejeira. O que eu recebi de carta ofensiva! Você pega mesmo essa Igreja nova que está aí, e de repente ela se volta contra você, no fascismo mais primário. Ela é muito liberal, desde que você não discorde. Semana passada mesmo teve um padre de uma congregação aí do Paraná que me mandou uma carta infame, com cópia pra direção da *Veja*, pro Editor, pra CNBB, pedindo a todos pra tomarem uma atitude contra mim, pra mandarem todos os congregados católicos pararem de comprar *Veja*. Na carta, entre outros adjetivos, ele põe: “Filho da puta, safado, analfabeto, escritor fracassado”. Assim mesmo, babando ódio! Esse tipo de coisa , esse tipo de ódio, você não vence, não. Como você também não evita a admiração fanática. Você conquista facções. Com o Hélio é assim, ninguém consegue mais facções pró e contra.

Eu, por ser irmão dele, às vezes chego em lugares e encontro pessoas que me falam dele fascinadas. Inclusive sem nenhuma restrição crítica. É impressionante, inclusive é aquele fenômeno tantas vezes repetido: se ele fosse um líder popular, desses que levam as pessoas pra rua, naquela de “vamos morrer!”, as pessoas eram capazes de ir. É incrível! ele é uma pessoa extraordinária, negativa e positivamente. Vou te dar um exemplo do seu lado, digamos, pragmático. Quando começou a revolução de 64, ele disse: “Olha, estes militares vão ficar no poder uma porção de tempo”. Então, passou a dormir com o Almanaque do Exército como livro de cabeceira. E sabe exatamente tudo sobre os militares, mais do que o SNI sabe sobre os civis. Então, ele está conversando com um general e o general diz que faz e acontece e ele corta: “Olha, é bom o senhor fazer logo porque no dia 23 de maio de 1981 o senhor cai na *expulsória.*” Depois de uma dessas, o cara cala a boca. Começa a pensar: tem algum mistério aí, esse cara deve ser comunista.

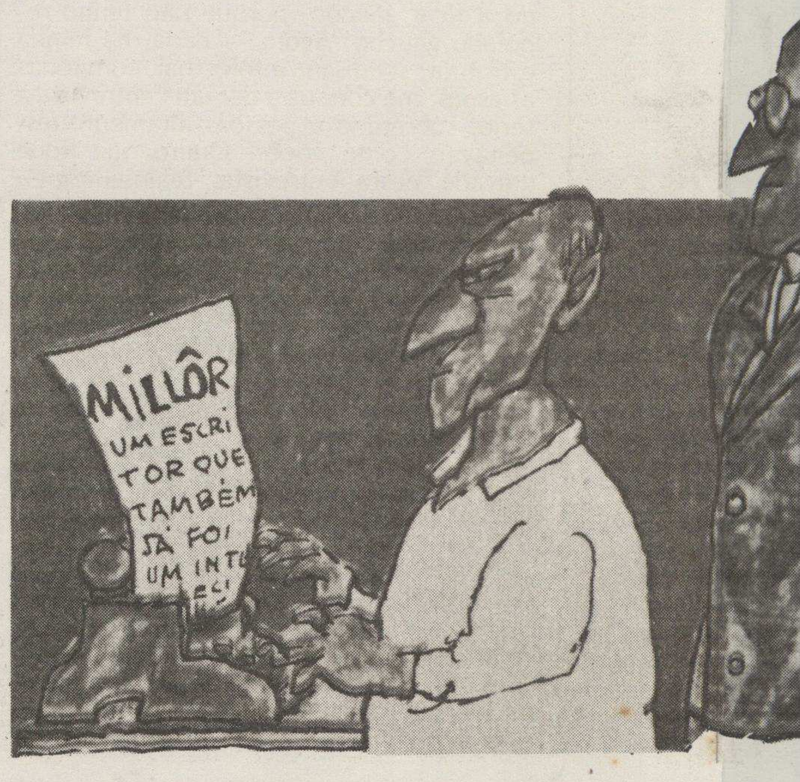
— Neste entre-ato, em que estamos falando de imprensa, eu queria aproveitar o que você falou sobre a Igreja pra perguntar o seguinte: você acredita que seja possível uma Igreja progressista?

— Em termos filosóficos, não. Mas em termos imediatos, sim. Em termos filosóficos, não. Eu não acredito em Máfia, e a Igreja é uma Máfia, como todo grupo. Eu acredito no *indivíduo, conscientizado*, a força mais progressista do mundo. Eu acredito no indivíduo, o que pode parecer uma fraqueza social, pois o indivíduo sozinho, aparentemente, não faz nada. O



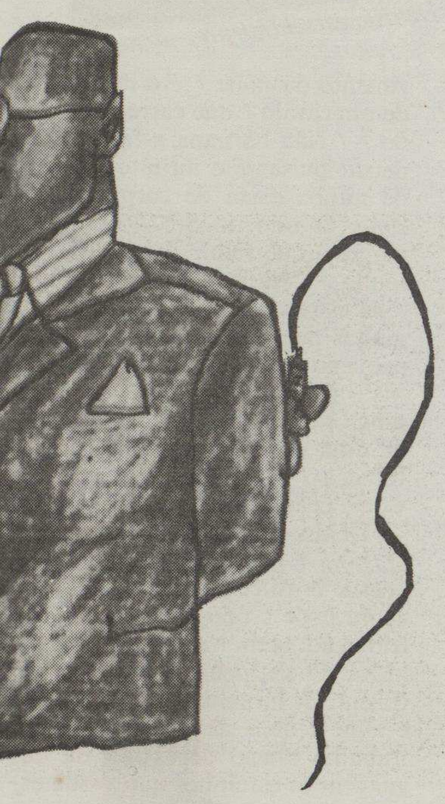
O Globo

> “A abertura trouxe muita vig
> alternativa. Os caras est
> demais o homossexualismo,
> pegando os mesmos vícios d
> O negócio é ver





garice na imprensa
tão explorando
o sensacionalismo,
da outra imprensa.
ender



> "No Brasil, estou preocupado é com a esquerda, que pretende caminhar com a história, o que até pode ser verdade, mas sem a menor preocupação com o ser humano, individual e indivisível"

indivíduo, só, não faz revolução, não faz vanguarda. Eu posso ser o maior vanguardista do mundo, mas se eu faço uma vanguarda sozinho, eu sou apenas um neurótico. A vanguarda — ou a revolução — só se faz em torno de um grupo. Mas como eu nunca vi nenhuma revolução, não sei se existe.

Bom, um esclarecimento, se é que é necessário. Eu estava revelando ao Ivan um sentimento que me dá profunda satisfação: sou completamente cético. Não aconselho ninguém a me seguir, mas eu consigo conviver maravilhosamente com isso. Cético, é. Realmente não consigo acreditar em nenhuma mitologia social, embora eu consiga acreditar em indivíduos melhores do que os outros. Veja bem, há indivíduos definitivamente melhores do que os outros, mas mesmo o melhor indivíduo, ainda assim é cheio de defeitos. Mas canalhas você encontra perfeitos.

Quanto ao grupo eu já disse: é sempre mafioso, é sempre fechado, é sempre fascista. E não tem direita nem esquerda. É tudo igual, uns apenas *mais* piores do que os outros, sendo que, no Brasil, o que me preocupa negativamente não é a direita — esta caminha definitivamente contra a história. Eu estou preocupado é com a esquerda — que pretende caminhar com a história, o que até pode ser verdade, mas sem a menor preocupação com o ser humano, individual e indivisível. Uma esquerda também vendida, deturpada no essencial. Quando olho esses heróis, todos fingindo "amor e paz" mas cheios de ódio, eu penso: se vencessem, o que seria?! Lembro-me de um líder em especial, que me assustou exclamando, no Rio: "Eu quero dar um banho de sangue nesta cidade!" Era a mesma frase do Burnier![2] Sem a "má consciência" da direita!

No momento em que o grupo se organiza — e aí você pega a Igreja, o Partido Comunista, qualquer grupo —, as intenções são sempre maravilhosas. Depois de organizado, o que o grupo faz? Primariamente se defende e só depois defende aquele princípio ao qual se destina. O problema básico do grupo passa a ser sua própria sobrevivência. Por exemplo, vocês resolvem defender esta comunidade, de repente chego eu, de fora e digo: "Não, não é bem assim, isso vocês não estão fazendo direito, vocês não estão defendendo a comunidade, estão é se locupletando (em dinheiro ou prestígio). Aí então vocês nem pensam se a crítica é verdadeira ou não, e dizem: "Este Millôr é um filho da puta!" Quer dizer, primeiro vão me destruir, depois então vão pensar de novo: "O que é mesmo que nós estávamos defendendo?" De qualquer maneira, eu acho que a Igreja neste momento é progressista, embora até em pequenos detalhes eu me grile, como aquele negócio de "Dom". "Dom" Evaristo, "Dom" Arnaldo, "Dom" não sei mais o quê. "Dom", por quê? Eles são príncipes? A idéia geral não é humildade? Preciso ainda me estender às espantosas mordomias medievais da Igreja (tanto da nova quanto da velha)?

— Tu colocaste previamente teu ceticismo diante das coisas. Mas a realidade, Millôr, é que a jurisprudência, digamos assim, o que se recolhe em termos de jurisprudência na história da humanidade é que as coisas têm acontecido através de grupos que se organizam e resolvem agir. O que tu colocas, me parece como deformações de grupos através da história. Claro, lá pelas tantas o grupo quer se proteger. O Millôr faz uma crítica e o grupo resolve acabar com ele. Enfim, eu te pergunto: tudo isso corresponde a uma incredulidade tua na impossibilidade das pessoas se reunirem e conseguirem avançar?

— Bom, primeiro de tudo, quando eu falei — você vê, as palavras são muito importantes —; quando eu falei da coisa individual, no processo da conscientização individual eu falei que era a utopia mais desvairada: por isso o grupo é inevitável. você tem razão, basta ver a história: quase não se faz nada sem o grupo. Mas eu te pergunto, o que é que o "grupo" fez? Você vive melhor hoje do que se vivia há dois mil anos, em Roma? Quer dizer, você, vive, eu vivo, mas o total da humanidade vive muito pior, como ser humano. Moral: as propostas grupais também fracassaram. E, pensando bem, o que se vive melhor é por causa da tecnologia, que até bem pouco tempo era coisa individual, coisa de "inventores". Agora mudou, é grupal, é estatal, é russa, é americana, não mais individual, nem poderia ser. Vamos ver aonde vai. Por enquanto está 70% voltada para armamentos.

— Você é fã da tecnologia?

— Considero a luz elétrica e a água encanada duas coisas que revolucionaram a vida humana — que os hippies me perdoem. Que maravilha a luz elétrica! E barata, barata! Não é um negócio só pra rico, pois o rico bota a luz e o pobre passa e é iluminado também. Se desse pra iluminar só o rico e só ele pudesse andar no claro, não tenha dúvida de que ele faria isso! Mas a luz teima em ser comunitária. Toda a tecnologia é um negócio inacreditável, a tecnologia está sempre à nossa frente, é um negócio incrível, ela está mudando socialmente as coisas.

Eu estava antes falando sobre o problema dos movimentos feministas; a verdade é que eles estão a reboque da história porque a reboque da tecnologia. Veja só, quando surgiu a construção vertical, os edifícios de apartamentos, mais o telefone e o automóvel, pra pra dizer só isso, o sistema já não conseguiu controlar mais o comportamento sexual das pessoas. E as mulheres começaram a se libertar, inclusive sexualmente. Sem nem pensarem em "movimentos". Pois o bom pai zeloso não tinha mais como controlar a "coisinha" da filha. Ela ia pro apartamento de baixo, ou então passava o cara de automóvel, em 15 minutos ia e voltava, o "mal" estava feito, não havia controle possível. Depois o telefone invadiu a casa. E depois veio a pílula. E aí, de repente, aparece a moçada feminina e começa a reivindicar coisas que são conquistas fatais, ou até já existem, ou apenas ainda não chegaram ao Brasil porque este é um país subdesenvolvido, mas a mulher vai conquistar tudo que lhe é devido, realmente. Embora eu algumas vezes foi que com pena, vendo-as reivindicar coisas que ou já são anacrônicas ou são decididamente vontade de minorias.

Repito: a tecnologia está quase sempre à nossa frente. Dou um exemplo: o nosso amigo Marx é tido como a maior figura revolucionária da história, mas ninguém fala de um cara chamado Henry Ford, que foi exatamente o cara que fodeu o mundo! Criou um negócio chamado automóvel, obsoleto na origem! Mudou as cidades, transformou o mundo numa faixa de tráfego, fábrica de asfalto, viaduto, uma merda! Vocês já viram um milhão de marxistas. Alguém aí já viu um fordista, um estudioso do Ford?

— Os caras estudam Marx com o dinheiro da Fundação Ford...

— Pois é, virou até fundação, essa coisa tão filantrópica.

— A dificuldade seria essa, o indivíduo ao mesmo tempo seria insuportável como solução, pois ele é incapaz de socializar suas resoluções pessoais, mas por outro lado ele é a única coisa que interfere, que faz ruído dentro da sociedade, ao ponto de fazer com que ela talvez mude o grupo — apesar de todo o aspecto insuportável que este possa ter de Máfia, quando se congrega, quando começa a ser defender — que a única forma de transformá-la talvez não seja, em última análise, uma dificuldade nossa de lidar com a maneira de ser da espécie, como bicho, como animal, este negócio de só ter caráter quando interessa ter, deixa de ter no momento que interessa. Você não acha que, enfim, é preciso conviver, saber conviver com esta espécie de selvageria organizada em que se transformou a vida humana?

— Aí então nós estamos saindo do social para o metafísico: será que o ser humano indaga mesmo do seu egoísmo, da sua vaidade, da sua ambição, da sua vontade de depredar o outro? Socialmente, será que é possível mesmo a realização da proposta do *homem novo*?

Eu estava dois anos atrás em Nova York e peguei um táxi no aeroporto. a gente leva uma hora pra chegar lá, então eu fui conversando com o chofer. Era um moço de 25 anos e eu, apesar de não ter um bom ouvido, falando notei que ele não era americano. Perguntei. ele disse que era russo. Aí ele me falou que estava vivendo em Nova York, que tinha comprado um carro, e o caro era dele, estava muito satisfeito com o trabalho e tal. Eu disse: "Mas você é de que origem", respondeu que era judeu. Enquanto isso, a minha cabeça está funcionando, esse cara deve ter uns 25 anos, e o pai dele deve ser um homem da minha idade, no máximo. Quer dizer, o pai dele já é o chamado *homem novo,* o pai dele já é posterior à Revolução Comunista, compreende, portanto o jovem aqui já devia ser mais renovado ainda, pelo próprio processo. Pergunto: "Mas como é que vocês saíram de lá, sendo judeus?" Ele disse que os caras tinham dado um jeito e tal, e eu perguntei *por que* eles tinham saído de lá. Ele disse: "Ah, era muito perigoso; nós vivíamos do *blackmarket*".

Veja só, na União Soviética, cinco anos atrás, 50 anos depois da Revolução, tinha caras que viviam do mercado negro, e hoje se sabe que existe toda uma organização (*no leva,* que por acaso em russo quer dizer "à esquerda") que é o contrabando, é o jeitinho russo, que pega todas as comissões daquelas moambas que vão para o comissariado, para a elite do partido.

E eu volto à minha eterna pergunta: "Será o homem viável? Ou temos que aceitar o homem escroto, o homem calhorda que domina o outro, assim como está? Veja bem, não pense que a minha seja uma atitude de desespero. O homem é inviável. Mas eu não sou não. Nem eu, nem vocês cinco. Há muitas pessoas que se salvam. Por exemplo, fico bestificado com homens que em incêncio se atiram nas chamas para salvar a vida de outros. Tenho a impressão que são estes gestos ocasionais do ser humano que nos fazem permanentemente acreditar e ter esperança.

---

(1) — *Carlos Castello Branco, colunista político do* Jornal do Brasil.

(2) — *Brigadeiro João Paulo Burnier, chefe do gabinete do ministro da Aeronáutica, Márcio de Souza Mello, no governo Costa e Silva. Apontado como principal autor de um plano extralegal de terrorismo político, envolvendo o Para-Sar, unidade de elite da Força Aérea. Segundo esse plano, diversos políticos, entre os quais Magalhães Pinto e Carlos Lacerda, seriam seqüestrados e atirados ao mar, em 1968, atribuindo-se depois a autoria dos assassinatos à esquerda como pretexto para um ainda maior fechamento político do País.*



MARCOS REY



De como tentei roubar a cabeça de Lampião

Às vezes a gente bebe demais e faz dessas coisas. Mas uma dessas coisas, sempre que conto, presencio o riso da descrença. Acham que eu não teria peito, principalmente vendo-me hoje, como eu sou, um senhor de cabelos prateados, que janta em casa e ninguém vê fazer besteiras. Pouco adianta esclarecer que o fato se deu em 1957, quando eu ainda era magro, flexível, e possuía incrível resistência etílica, que se tornava ainda mais notável as sextas-feiras e sábados. Além do mais, eu estava de férias.

Faz bem recordar 1957. Depois de um ano de batente selvagem na Rádio Nacional de São Paulo e numa agência de publicidade, a Panam, desci de um Scânia, em Salvador, levando no bolso a soma de sessenta dias adiantados de trabalho e na garganta a maior sede de minha autobiografia. Hospedei-me no Hotel da Bahia, então o mais chique da cidade, e já na mesma noite, ao tomar o primeiro uísque, fui ao espelho e assisti minha transformação em Mr. Hide, simpática personagem criada por Robert Louis Stevenson em O Médico e o Monstro.

Tive sorte, pois logo na sondagem noturna inicial, lá na churrascaria Hydes, na Baixa Sapateiro, famosa por alugar quartos para encontros amorosos, conheci uma jovem, Neusa Maria, do tipo racial chamado branco da Bahia *e que no Sul é dito* pé-na-cozinha, *de tonalidade acima do moreno e abaixo do mulato. Natural de Ilhéus, talvez prima de Gabriela, foi essa brancarrona de olhos verdes quem me fez companhia durante dez dias alucinantes e que comigo partilhou a aventura no Museu Nina Rodrigues.*

A nossa noite começara cedo, talvez ainda de dia. Nossos primeiros goles foram numa boate, a Carijó, do tamanho de um lençol de casado, onde eu e Neusa Maria nos decidimos pela cerveja, ambos ainda de ressaca. De lá nos transferimos para a Pituba, muito grã-fina, já adotando o uísque como bebida oficial, porque a necessidade de trançar se tornava urgente. Lembro-me que depois a ilhoa me levou para o famoso XK-BAR, onde dançamos sob focos de luz de diferentes cores. Foi no Clock, boate anfíbia, a mais bela do mundo, cujo proprietário, chamado Davi, era um dos reis da noite baiana, que a moça tentou me trocar por um plantador de cacau. Dei-lhe uma bofetada, bastante machão, mas hora mais tarde, de retorno ao Hydes, eu, ajoelhado e chorando, pedia que não me abandonasse. a reconciliação completa se deu na boate do próprio hotel, donde continuamos nossa jornada, de bar em bar, entre eles um, O Escondidinho, *perto da Igreja de São Francisco, cenário de nova cena de ciúme, desta vez ela com seus motivos, que assinou a bofetada que desferiu em meu rosto. Como já era dia, e a Loja das Duas Américas ainda não abrira, elegante salão dançante vespertino, fomos visitar pontos turísticos mas só me lembro do Museu Nina Rodrigues, anexo à Faculdade de Medicina, que por sinal, naquele sábado de manhã estava fechado.*

— O zelador está bebendo no bar da esquina — me informaram.

Neusa Maria, por idéia própria, foi até o bar e voltou com a chave do museu. Abrimos a porta, escuro, e acendemos a luz. Lá estavam as cabeças, Virgulino, Maria Bonita, Mariano, Pai Véio, Zeppelin e os demais. Todos a não muitos passos da rua. Imaginando o zelador bebendo no bar, tive uma idéia, que não me pareceu desrespeitosa nem perigosa. Vi-me, noutros fotogramas, eu, no Clube dos Artistas em São Paulo, e no bar do Museu de Arte Moderna, endereços que freqüentava, retirando duma bolsa ou maleta aquela estranha relíquia.

— Vejam só agora um dos souvenirs que trouxe da saudosa Bahia dito com naturalidade e sem prefixos musicais.

Contei minha idéia, com boca mole, à moça que me acompanhava, esperando, é claro, sua reprovação. A brancarrona sorriu, e depois de elogiar o espírito de iniciativa dos paulistas, foi até a porta do museu, logo ali, para ver se o zelador não chegava. Tentei ponderar dizendo que não poderíamos sair à rua, levando a cabeça do cangaceiro. Neusa Maria mostrou-me sua bolsa de cordonetes trançados. Cabia perfeitamente. Dei uma olhada, cabia mesmo. Mas Neusa, para colaborar, impunha uma condição: queria mostrar o troféu a uma amiga sua num hotel, onde moravam, na Calçada. Pareceu-me bastante justo. Olhei ao cangaceiro: vamos viajar, capitão.

Naquela época as cabeças estavam expostas sob campânulas de vidro, não mais soltas, expostas ao ar livre, como são vistas em algumas fotos. Lampião e Maria Déa estavam numa prateleira inferior, a pouco mais de um metro e meio do solo, portanto alcançáveis. A essa altura eu já pensava se devia devolver a cabeça, via correio, ou conservá-la para sempre. A ilhoa, embora tivesse bebido um oceano, mostrava-se lúcida: foi apanhar um táxi, que deixou esperando nas proximidades do museu. Faltava apenas erguer a campânula, retirar a cabeça e enfiá-la na bolsa. Com o Nina vazio, àquelas horas da manhã, tudo me pareceu simples. Mãos à obra! A campânula precisava ser desenroscada como uma lâmpada. Usando as duas mãos, vira pra cá, vira pra lá, desenrosquei a coisa. Pus a campânula no chão. Abri bem a bolsa da Neusa, que espiava a rua. Peguei a cabeça do capitão, leve, bem leve. Coloquei-a na bolsa.

Antes, porém, de mentalizar o clássico missão cumprida, *ouvi a moça, da porta, berrar: — O zeladooooooor! Paulista, o zeladooooooor!*

Então fomos a um boteco tomar cerveja e comer muqueca até às três quando abriria o salão dançante da Loja das Duas Américas, quando tudo recomeçaria.

P.S. — Alô, Rio Grande do Sul! Estão lendo a Opera do Sabão?



Daniel de Andrade

Sirkis: crítico dos **ismos**

O Chile Real

A Roleta Chilena, de Alfredo Sirkis, Editora Record, 164 páginas, Cr$ 420,00

Quem já leu *Os Carbonários,* do mesmo autor, ou *O Que É Isto Companheiro?* e *Crepúsculo do Macho,* de Fernando Gabeira, vai ler *Roleta Chilena* de uma só tacada. Aliás, a comparação do trabalho de Sirkis com o de Gabeira é quase inevitável. Eles se intercruzam. Gabeira participou do seqüestro do embaixador americano, foi para o Chile, presenciou a queda de Allende, fugiu do Chile e foi parar na Suécia. Sirkis participou do seqüestro do embaixador alemão, foi parar no Chile, fugiu do Chile quando da derrubada de Allende e foi parar em Portugal.

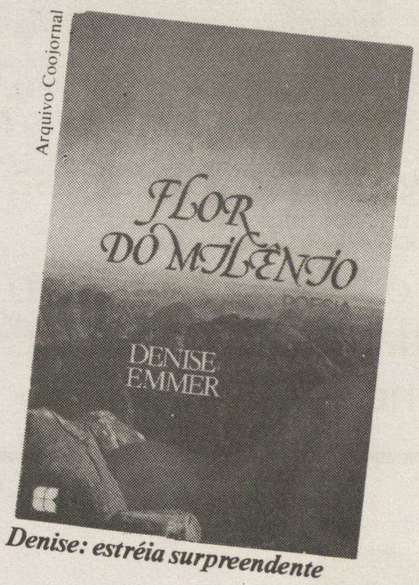
Ambos são críticos do moralismo, do sectarismo, do estalinismo e outros *ismos* dos movimentos de esquerda de que participaram. Sirkis foi da VPR e Gabeira do MR8, que nada tem a ver com o MR8 de hoje. Ambos, Sirkis e Gabeira, fumam maconha, e foram tachados de *desbundados* por seus companheiros. Na *Roleta Chilena,* Sirkis narra uma experiência sua com LSD em Paris. A ação principal do livro desenvolve-se no Chile nos dias que antecederam e se seguiram a queda de Allende. A roleta da vida ou da morte: escapar do Chile ou acabar no Estádio Nacional de Santiago. Mas, como nos livros de Gabeira, através de *flashbacks,* o autor dá saltos no tempo passando por Paris, Roma, Berlim, Estocolmo e Veneza, com lances interessantes que tendem para o humor — aliás, o humor está presente em boa parte do livro. Mas as semelhanças entre o estilo de Sirkis e Gabeira param mais ou menos aí.

São duas cabeças diferentes. Gabeira é mineiro, de Juiz de Fora, Sirkis é carioca. O primeiro tem um temperamento mais meditativo, o que não significa tímido, mas mais voltado para ele mesmo. Gabeira é muito preocupado com seu próprio processo de crescimento interno. Sirkis, não. Oriundo de um colégio que foi formador de uma elite intelectual de esquerda no Rio de Janeiro, o Colégio de Aplicação, com menos de 20 anos ele já estava na guerrilha urbana. Gabeira já era um jornalista conceituado no seu meio antes de entrar para a guerrilha. Já tinha um estilo de escrever que foi depurado através da sua vivência pessoal. Sirkis foi guerrilheiro primeiro, depois jornalista e escritor.

O Chile de Sirkis, nos dias que antecederam e se seguiram ao golpe de Pinochet, parece mais real que o Chile de Gabeira. Este coloca sua problemática de sobrevivência num primeiro plano, tendo o Chile como pano de fundo. Sirkis, ao contrário, tem sempre o Chile, a realidade político-social, no primeiro plano. Neste ponto ele chega a ser detalhista, quando fornece dados do momento histórico. Se ele cita figuras importantes, como Carlos Altamirano ou Miguel Henriquez, ele explica que se trata do secretário geral do PS e do líder do MIR, respectivamente. Sirkis chega até a transcrever na íntegra o último discurso de Allende pelo rádio para transmitir ao leitor a intensidade do momento e fornecer dados para entendê-lo. Perde-se em estilo mas ganha-se em informação.

No coração das coisas

Flor do Milênio, de Denise Emmer, Editora Civilização Brasileira, 82 páginas, Cr$ 280,00



Arquivo Coojornal

Denise: estréia surpreendente

Em todos os poemas de Denise Emmer há uma estreia, um sentimento de luz, que translada ao território da liberdade. E isso não é uma trajetória intimista ou meramente social. É um pacto com o ser humano no universo onde nascerá a *flor do milênio,* com *poetas siderais* para cantá-la.

Representante dos anos setenta, sem dúvida os mais escuros e difíceis da nossa história contemporânea, o poeta soube resistir com a esperança, o verdadeiro facho da sua convicção de estar e ser no mundo. O poeta talvez seja aquele que mais encarne, em toda a sua abrangência, a palavra esperança. É esta a palavra que mais se identifica à sinônimo de poesia.

Denise Emmer é uma poetisa que surpreende, nessa estréia, pela beleza que consegue extrair do difícil território da palavra e sua recriação poemática. Da simplicidade, Denise retira aquilo que não é gratuito, dentro de um lirismo que comove, que procura o coração das coisas, e o leitor é sensibilizado a viajar com o autor o tempo presente, cercado de estrelas, para o universo sem fim da poesia.

Como poesia não se define e a poetisa não se explica, ouçamos a voz do seu poema, seu verdadeiro e único argumento: "A poesia podia ser / um lápis tonto / desenhando a Luz no dia / e pombos em quedas frias / vazando pela cidade / / a poesia devia ser a verdade de ver / / o amigo / nas nuvens de cinema / que o céu projeta na tarde". (pág. 35) "Uma tiara de estrela / é o que usa a noite / na cabeça da galáxia / / o movimento dos cabelos / é o movimento do espaço / / o movimento da noite / é o movimento de um cavalo / que carrega o mundo / / Não há nada a fazer senão deixar pulsar / o infinito / dentro de minha caixa de corpo". (pág. 29) "O raio do Sol / é um rio magro / que vem / da nascente do sonho / / Na franja de meus olhos / há estrelas abandonadas / / e há muitas pegadas da Lua / em meu pequeno riacho solitário". (pág. 31) "O relógio / sobre a mesa / pinga sua hora velha / na luz fria / de uma estrela / que mais parece fumaça / / Não há onde deixar a vida". (pág. 32)

Denise Emmer, com *Flor do Milênio,* é uma sensível revelação à poesia brasileira, que a partir de agora pode esperar dela uma contribuição bem mais forte e definitiva. O seu poema já tem o sentimento de luminosidade necessário à toda a obra de arte: agora é o trabalho braçal de extrair da linguagem os caminhos que a vida escreve no coração das pessoas.

Luiz de Miranda

"UM DIA EU CHEGO LÁ"

Entrevista a Ariosto Teixeira e Severino Goes

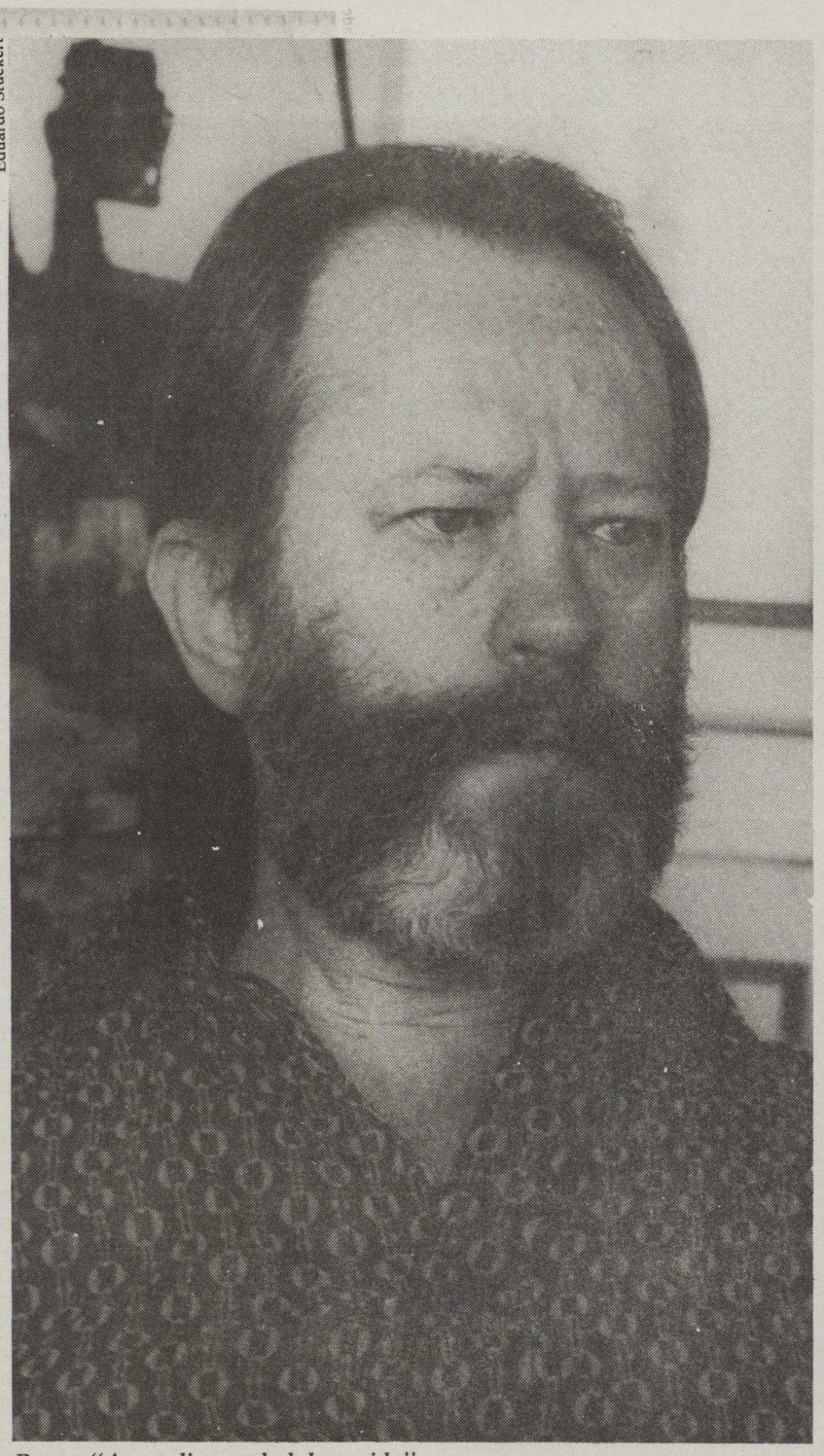
A partir de setembro, o leitor brasileiro vai conhecer os mais recentes livros de dois dos mais consagrados escritores latino-americanos, o colombiano Gabriel García Márquez e o peruano Mário Vargas Llosa. Do primeiro, Crônica de Uma Morte Anunciada *e, do segundo,* A Guerra do Fim do Mundo, *ambos traduzidos por Remy Gorga, filho.* (Leia trechos inéditos dos dois livros na página 20).

Gaúcho de Pelotas, 46 anos, Remy concilia a atividade de tradutor com o cargo de assessor de imprensa do ministro da Previdência Social, Jair Soares. Roubando o tempo da burocracia, ele se divide entre press-releases *e originais dos mais conhecidos escritores da América espanhola.*

Autor de mais de 50 traduções, entre as quais O Outono do Patriarca, *de Gabriel García Márquez,* A Cabeça da Hidra, *de Carlos Fuentes,* A Casa Verde *e* Tia Júlia e o Escrevinhador, *de Mário Vargas Llosa — que o considerou co-autor deste último — Remy agora quer escrever seu próprio livro.*

Tentando repetir a trajetória de seu padrinho Josué Guimarães, "com quem aprendi Jornalismo, a ler e a viver", ele pretende parar de traduzir por uns tempos e se dedicar a um projeto de mais de 20 anos. A obra que tem em mente repete, de certa forma, a ambientação fantástica dos romances que costuma traduzir.

Sua sala, no 7º andar do Ministério da Previdência Social, em Brasília, é suficiente para abrigar, ao mesmo tempo, pronunciamentos oficiais e textos a serem traduzidos. Mas Remy separa bem as coisas. À sua esquerda, o trabalho que lhe dá prazer: as traduções; à direita, a atividade que lhe dá o sustento.



Eduardo Stuckert

Remy: "Aprendi espanhol de ouvido"

— Como você veio parar aqui?

— Nesse país, vocês sabem tão bem quanto eu, a gente não vive do que escreve. Enquanto eles toparem, estou aqui escrevendo, roubando o tempo da burocracia e tentando dar um pouco de tempo para aquilo que eu sempre quis fazer, que era escrever. Houve um tempo em que eu não queria escrever. Achava que se eu passasse a vida lendo, me bastaria. Aí meu pai disse: "Então, vai ser bibliotecário. Ao menos você lê e ganha algum". Depois eu achei que não era bem aquilo e que também poderia escrever. Fui para o Jornalismo. Estudei Direito também e tive duas decepções. Achei que as matérias que mais me interessariam eram Direito Constitucional e Direito Penal. Descobri que constituição não é coisa que se faça assim para se mexer e que normalmente não são os advogados que mexem. E em Direito Penal, aprendi que o crime não compensa também para o advogado. Em cada Estado só há um Lia Pires (conhecido advogado gaúcho). Larguei o Direito para fazer Jornalismo e depois entrei nessa função de assessoria.

— Isto dá mais tranqüilidade para fazer as traduções?

— Não, te dá o sustento. Se você traduz um livro e ganha Cr$ 20 mil hoje, com os níveis de inflação que estão aí, o que eu posso fazer com esse dinheiro? Eu agora traduzi dois livros e ganhei Cr$ 20 mil pelos dois. Bom, tem gente que vive com o salário-mínimo mas é preciso saber quanto tempo você levou para traduzir esse livro. Se eu levei três meses, você divide 20 por 3, dá menos de 7. Então, eu não tenho realmente um salário-mínimo por mês. Pode ser e pode não ser uma crítica aos editores. Eu não vivo deles, eu vivo do meu trabalho. Agora, é um país onde se lê muito pouco, onde as edições são de três a cinco mil exemplares e o editor não vai fazer milagres. Se ele pudesse vender 200 mil livros como se vende numa edição na União Soviética, na China, nos Estados Unidos, na França ou na Alemanha, aí pronto, qualquer editor faz milagre.

— Você é conhecido como tradutor. Esse teu projeto de escrever envolve também a criação literária?

— Eu sempre digo a uma pessoa queridíssima para mim, que é o Josué Guimarães, meu padrinho e meu amigo, que um dia eu chego lá. O Josué começou a escrever depois dos 40 anos, quem sabe eu chego lá também. Já foi um projeto muito imediato meu e hoje não é, embora eu tenha dito que depois desse livro do Llosa talvez dê uma parada para ver se tento fazer alguma coisa.

— O que seria isto?

— Este grande projeto seria um livro sobre o Rio Grande do Sul. Não só sobre o Estado, mas um livro sobre o gaúcho de toda a região da Argentina, do Uruguai, de um pedacinho do Paraguai e do Rio Grande do Sul. E seria um livro escrito no que chamam de *portunhol.* É um projeto de mais de 20 anos. Não tenho medo que me roubem esta história porque ela já está todo esse tempo comigo. Trata-se de uma figura incrível que eu localizei dentro da História. Era um bandido daqueles mais atrozes e no lombo do animal que ele andava, e nem sempre era um cavalo, ele tinha uma imagem de Nossa Senhora amarrada na sela. É uma figura curiosíssima que se confunde com um bandido que tinha na Argentina, chamado Rubio. Está na história da Argentina. Esse cara apareceu no Uruguai com outro nome.

É o tipo do romance que pode ser contado no primeiro capítulo, é uma história curtinha de 20 páginas. Depois, em cada capítulo, você vai ou acrescentando ou desmentindo, mudando, alterando toda aquela primeira história para demonstrar como a história é contada. Nunca é a história do povo, é a história de um homem, de um gesto, as mulheres não aparecem e quando aparecem estão atrás das cortinas. A ambientação é a figura do gaúcho, esse homem que

Autor de mais de 50 traduções, Remy Gorga, filho, pensa agora em escrever seu primeiro romance

aparece com vários nomes, em vários lugares, em vários tempos e, no fundo, é um homem só. A obra está na cabeça mas se ela não for escrita o mundo não vai perder nada com isso. Uma vez almoçando com o Vargas Llosa, ele perguntou: "Escuta, você já me traduziu todos estes livros e nunca pensou em escrever?". Contei esta história para ele e gostou muito. Pode ser que um dia saia, mas seria um único livro.

— Você começou a traduzir por quê?

— Porque eu aprendi espanhol ouvindo. Qualquer língua se aprende ouvindo. Você ouve de tua mãe A, diz A; B, diz B. Você repete, o processo de aprendizado é de repetição. E era muito mais fácil eu ler Virgínia Woolf em espanhol do que esperar que fosse traduzido no Brasil. Eu li Proust e Balzac em espanhol. Autores não espanhóis mas que chegavam através da Argentina e do Uruguai. A Livraria do Globo em Porto Alegre tinha estantes enormes de livros em espanhol.

— Você tem feito muitas traduções difíceis. *"A Reivindicação do Conde Julião"*, do espanhol Juan Goytisolo, foi uma delas.

— É verdade. Ali tem francês, tem inglês, tem catalão, tem basco, tem um monte de expressões em várias línguas. É uma das traduções mais sofredoras que eu tive, porque ia lendo e ia sofrendo com o texto. O texto é incrível, de um homem que está diante da Espanha, ainda de Franco, e ele está em África. E vê, lá do Estreito de Gibraltar, a terra dele. Você só vê as coisas grandes de sua terra quando tem perspectiva, quando você se afasta. Eu me lembro de discussões com o Moisés Vellinho e com o Manoelito de Ornellas, um dizendo que o que pesava no Rio Grande do Sul era cultura portuguesa e o outro dizendo que era a cultura espanhola. Não é nem uma coisa, nem outra; são as duas. O que pesa no Rio Grande do Sul é a proximidade geográfica com o continente de língua espanhola.

Nós tivemos uma população feita por bandeirantes que iam lá para matar, para roubar. E de outro lado uma imigração européia que não era a melhor possível. Os bandidos que iam para lá não eram contra a Coroa, ao contrário dos imigrantes que foram para os Estados Unidos que eram rebeldes, revolucionários. Há uma diferença neste troço que é preciso avaliar. Nós temos esse peso em cima.

— Você começou a ler os originais de *A Guerra do Fim do Mundo,* do Llosa, no mesmo momento em que traduzia



COMPRE OS SERVIÇOS DA COOJORNAL

Compre os serviços da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.
A Coojornal é a maior equipe de profissionais-jornalistas de todos os setores de Imprensa. Além disso, tem um dos melhores núcleos industriais do estado para a produção gráfica e jornalística.

Conte com a Coojornal em:

Serviços fotográficos
Departamento fotográfico, com laboratório próprio e fotógrafos com formação jornalística e publicitária.
Arquivo a cores e P&B e serviço de audiovisuais.

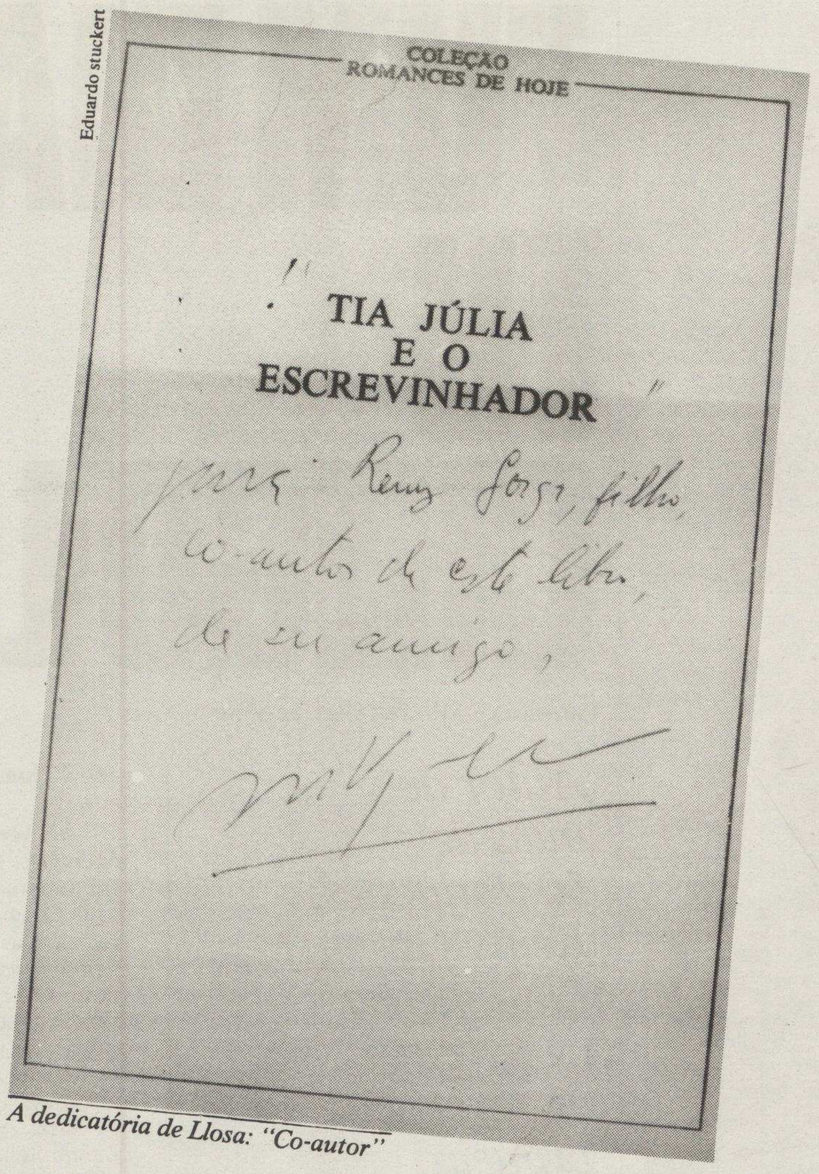
Serviços industriais
Nosso núcleo industrial está operando com modernos equipamentos de fotocomposição e fotolitagem, uma completa unidade preparada para atender a necessidade de fotolitos P&B e seleção de cores.
Produção e impressão *off-set* de material jornalístico, em qualquer tiragem, formato e padrões gráficos.

Serviços gráficos e visuais
Arte, *lay-outs*, produção de capas de livros, logotipos, folhetos, prospectos, cartazes, programação visual, malas-diretas, etc..

Serviços editoriais
Planejamento, execução e produção de jornais, revistas e boletins de empresas e entidades de classe.
Edição de revistas, livros jornais, anais, relatórios e quaisquer outras publicações, especializadas ou não.

Consulte hoje mesmo a Coojornal sobre preços, prazos e condições.

coojornal
COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.
Rua Comendador Coruja, 372
Fones: 33.5990 e 33.5099 — Telex (051) 1605 90000 — Porto Alegre — RS



Eduardo stuckert

A dedicatória de Llosa: "Co-autor"

***Crônica de Uma Morte Anunciada*, do García Márquez. Você vê diferenças entre os dois?**

— Ambos são contadores de histórias, não ficam na chamada elocubração mental, na punheta mental. Os personagens dos dois são vivos. Nas histórias deles há mitos e mitologia. O García Márquez é muito mais pelo mito e o fantástico que o Llosa. Um, faz uma mitologia fantástica e de sonho que ele adéqua às histórias do homem, que é o Márquez. E o Llosa, no meu modo de entender, faz o contrário: ele tira do homem, ou da vida do homem, uma mitologia, como fez na *Casa Verde*. Você fica procurando a Bonifácia, o tocador de harpa e fica querendo achar e identificar aquelas figuras. Aquela casa verde é um mito, um prostíbulo dentro da selva. Um, o Márquez, parte do homem para construir o mito e o outro parte do mito para contar o homem. Acho que essa é a diferença deles.

— E do ponto de vista político-ideológico, há diferenças?

— O Llosa e o García Márquez foram dos primeiros caras a apoiar Cuba. Curiosamente, na obra de nenhum você vê o cunho político esmagando a obra. Você lê os contos e os romances de García Márquez e não vê que aquilo é um instrumento de política partidária. Mas em todos você vê a preocupação com a liberdade do homem, com a razão de viver deste homem. Nenhum deles escreveu um conto sobre Fidel Castro ou sobre Cuba.

O Llosa depois se separou do Fidel por problemas que ele enumerou, havia prisões de escritores e poetas... Ele hoje é um homem que não apoia mais a Fidel. O García Márquez, que foi sempre um homem de posições, dando prêmios que recebia para revolucionários, tem posições políticas conhecidas e definidas. Mas a literatura dele não tem nada a ver com política.

— Essa diferença de concepção se mantém nos novos livros?

— O García Márquez disse que *Crônica de Uma Morte Anunciada* era um veio novo na literatura dele. *Crônica...* é um fato simples: é a história de um desvirginamento. Uma moça vai casar e já não é mais virgem. Isto também é uma parte dos tabus e dos mitos que existem num Continente como o nosso. Há uma tradição que demonstra que o orgulho da mulher é exibir um lençol com uma mancha de sangue no outro dia do casamento. Em torno dessa simbologia, ele cria uma história. A família exige que a moça diga quem foi que a desvirginou. Ela diz e os irmãos são levados a matar essa pessoa. A história é isso. Eu posso ser acusado de estar dizendo que a história é só isso e ninguém ter vontade de ler. Mas a história é um mundo de coisas em torno desse fato simples. As primeiras palavras do livro são: "Eram tanto da madrugada quando mataram Fulano de Tal". E mataram mesmo.

— E o livro do Llosa?

— É o seguinte: é um peruano que se apaixonou por um personagem brasileiro chamado Antonio Conselheiro, que quando leu *Os Sertões* ficou impressionado pela obra magistral de Euclides da Cunha. Que sempre quis conhecer o Brasil pelo que ele tivesse de importante dentro da sua história, de seus costumes. A figura do Antonio Conselheiro aparece na *Casa Verde*, num cara que é crucificado. No *Pantaleão*, também tem a mesma figura, que impressinou Llosa. Ele é um homem que conheceu a selva amazônica, a vida amazônica e tem alguma afinidade com coisas brasileiras, que ele confessa pela admiração a Euclides da Cunha e Guimarães Rosa.

De um lado você tem uma história sobre um tabu, um preconceito da sociedade que é a virgindade da mulher; de outro, você tem a História brasileira, de um movimento rebelde estimulado por políticos, ajudado pelos interesses republicanos e de restauração monárquica. Daí, emerge um personagem que é anterior à República e alheio aos problemas do Império e da República, mas que foi usado pelos dois lados. Llosa teve a sensibilidade de descobrir em Antonio Conselheiro estas contradições.

— Um escritor de língua espanhola se debruça sobre um tema brasileiro e agora você vai ter que verter tudo isto para o português. Como é isso?

— É uma dupla aventura. Estou relendo Euclides da Cunha, os cantadores e os trovadores daquele tempo para poder entender Canudos. Como gaúcho eu sinto que tenho que ler tudo isto de novo. Preciso escrever freqüentemente a Llosa para saber se determinadas expressões são aquilo mesmo. É um processo duro. Eu tenho a impressão que ele, depois, vai pegar a primeira prova do livro em espanhol e vai mexer.

— Isto dificultaria o seu trabalho?

— Não. Só que eu precisaria de mais tempo e também teria que fazer uma revisão. Mas como ele me pediu que eu mandasse de cem em cem páginas para ele, se eu mando rapidamente e ele devolve rapidamente não haverá problema.

— Tecnicamente, que tipo de dificuldade aparece mais nas traduções?

— Este trecho aqui (mostra o papel na máquina) é uma sessão na Assembléia Legislativa da Bahia com os debates todos, brigas de deputados, discussões, insultos. Para escrever sobre essa sessão, ele provavelmente teve acesso aos anais da coisa, numa biblioteca em Washington, onde se internou para fazer pesquisas em jornais brasileiros. Seu eu não tiver acesso a isso, vou ter que escrever para ele para esclarecer algumas coisas. Existem palavras que estão em desuso, mas Llosa fez questão de não mudar. São coisas de mil e oitocentos e lá vai bala. Não é um compromisso histórico de linguagem, mas é um compromisso histórico com o clima, com o ambiente.

— Você vê diferença entre a literatura que se faz hoje no Brasil e a literatura no resto da América Latina?

— Ela é basicamente diferente. A literatura com L maiúsculo é fruto de todos os elementos culturais de uma terra. Por mais que você pense num mundo unitário, o clima tem influência, a paisagem tem influência. O García Márquez, mesmo fora da Colômbia, vai sempre escrever sobre a terra dele. Tem um artigo escrito por ele, chamado *La Conduerma de las Palabras*, que explica bem isso. Ele diz assim: um amigo meu, colombiano, me apontou pelo menos 5 ou 6 palavras que não são colombianas, são mexicanas, na *Crônica...* . Mas Márquez explica: ele viveu no México, fez cinema, jornalismo e assimilou. Agora, assimilar uma palavra não quer dizer que a estrutura do romance, do conto dele, seja mexicana, não é. É colombiana.

Assim, a grande literatura, onde quer que você esteja, é fruto de todas essas coisas. Se você disser que o Júlio Cortázar hoje é cidadão francês, e daí? Ele vai escrever em francês? Todas as histórias dele serão sobre o tempo em que ele viveu em Buenos Aires.

O difícil trabalho do tradutor

Trechos inéditos dos próximos livros de Llosa e Garcia Marquez, selecionados por Remy Gorga, filho.

Tanto* Crônica de Uma Morte Anunciada, *de Gabriel García Márquez, como* A Guerra do Fim do Mundo, *de Mário Vargas Llosa, ainda não têm editores definidos no Brasil. O livro de García Márquez já foi publicado em espanhol, enquanto a obra de Vargas Llosd sairá simultaneamente em português e espanhol.* Crônica... *provavelmente será editado no Brasil pela Record, que já lançou os trabalhos anteriores de García Márquez.* A Guerra do Fim do Mundo *está sendo oferecida aos editores brasileiros pela agente literária de Llosa, Carmem Balcells. Ela exige 50 mil dólares (aproximadamente Cr$ 5 milhões), de adiantamento de direitos autorais. Duas editoras, Nova Fronteira e Francisco Alves, disputam a edição.

Alheio à essa competição, Remy Gorga, filho, já concluiu a tradução de Garcia Marquez e avança pelas 800 páginas do original de Vargas Llosa. O próprio tradutor diz que Vargas Llosa considera este livro como o melhor dos que já produziu. E aguarda com angústia a tradução brasileira.

A seguir, trechos inéditos dos dois livros, selecionados especialmente para o Coojornal por Remy Gorga, filho.

A Guerra do Fim do Mundo

"O Fogo vai queimar este lugar", disse o Conselheiro, enquanto se levantava do catre. Tinham descansado só quatro horas, pois a procissão da véspera terminou passada a meia-noite, mas o Leão de Natuba, com um ouvido finíssimo, sentiu no sono uma voz inconfundível e pulou do chão para pegar a pena e o papel e anotar a frase que não devia se perder. O Conselheiro, com os olhos fechados, mergulhado na visão, acrescentou: "Haverá quatro incêndios. Eu apagarei os três primeiros e o quarto, porei nas mãos do Bom Jesus". Desta vez, suas palavras acordaram também as beatas do quarto contíguo, pois, enquanto escrevia, sentiu abrir-se a porta e viu entrar embrulhada em sua túnica azul, Maria Quadrado, a única pessoa, com o Beatinho e ele, que podia entrar no Santuário de dia e de noite sem pedir permissão. "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", disse a Superiora do Coro Sagrado, persignando-se. "Louvado seja", replicou o Conselheiro, abrindo os olhos. Então, com uma leve inflexão de tristeza, acrescentou ainda: "Vão me matar, mas não trairei o Senhor".

Enquanto escrevia, sem se distrair, consciente até a raiz dos cabelos da transcendência da missão que o Beatinho lhe confiara e que lhe permitia compartilhar com o Conselheiro todos os instantes, o Leão de Natuba adivinhava, no outro quarto, as beatas do Coro Sagrado, ansiosas, esperando a permissão de Maria Quadrado para entrar. Eram oito e vestiam, como ela, túnicas azuis com mangas e sem decote, amarradas com um cordão branco. Andavam descalças e a cabeça coberta com um pano azul também. Tinham sido escolhidas pela Mãe dos Homens por seu espírito de sacrifício e sua devoção para que se dedicassem exclusivamente ao Conselheiro, e as oito fizeram promessa de virar castas e não retornar nunca às suas famílias. Dormiam no chão, do outro lado da porta, e acompanhavam o Conselheiro, como uma auréola, enquanto cuidava das obras do Templo do Bom Jesus, orava na Igreja de Santo Antonio, dirigia as procissões, os rosários, os enterros, ou quando visitava as Casas de Saúde. Devido aos frugais costumes do santo, suas obrigações eram poucas: lavar e cerzir a túnica morada, cuidar do carneirinho branco, limpar o chão e as paredes do Santuário e sacudir o catre de varas. Estavam entrando; Maria Quadrado fechou atrás delas a porta que acabava de abrir. Alexandrinha Côrrea trazia o carneirinho. As oito fizeram o sinal da cruz ao mesmo tempo em que salmodiavam: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo". "Louvado seja", respondeu o Conselheiro, acariciando suavemente o animal. Leão de Natuba permanecia acocorado, a pena na mão e o papel no banquinho que lhe servia de mesa, os inteligentes olhos — brilhantes entre a sebenta melena que lhe rodeava o rosto fixos na boca do Conselheiro. Ele se preparava para rezar. Tomou de bruços enquanto Maria Quadrado e as beatas ajoelhavam-se à sua volta, para também rezar com ele. Mas o Leão de Natuba não se prostou nem se ajoelhou: sua missão o dispensava inclusive das rezas. O Beatinho instruíra-o para que permanecesse alerta, porque algumas das orações do santo podiam ser uma *revelação*. Nesta manhã, entretanto, o Conselheiro orou em silêncio, no amanhecer que, por momentos, crescia e se infiltrava no Santuário, pelas frestas do teto, dos tabiques e da porta, uns fiapos dourados crivados de partículas de pó. Belo Monte despertava: ouvia-se galos, cães e vozes humanas. Fora, sem dúvida, os grupos de romeiros e moradores, que queriam ver o Conselheiro ou lhe pedir uma graça, já começavam a se formar.

Crônica de Uma Morte Anunciada

— Subiu ao quarto faz um minuto — disse-lhe.

Plácida Linero viu então os irmãos Vicário correndo pela praça com as facas no alto. Do lugar em que ela se encontrava, podia vê-los mas não conseguia ver o filho que corria de outro ângulo em direção à porta. "Pensei que queriam entrar para matá-lo dentro de casa", disse-me. Então correu até a porta e a fechou com uma batida. Passava a tranca quando ouviu os gritos de Santiago Nasar e os murros de terror na porta, mas pensou que ele estivesse em cima, insultando os irmãos Vicário do balcão do seu quarto. Subiu para ajudá-lo.

Santiago Nasar precisava apenas de uns segundos para entrar quando a porta se fechou. Pôde ainda bater com os punhos várias vezes e, em seguida, voltar-se para enfrentar à mão limpa seus inimigos. "Assustei-me quando o vi de frente — disse-me Pablo Vicário —, porque o achei umas duas vezes maior do que era". Santiago Nasar levantou a mão para evitar o primeiro golpe de Pedro Vicário, que o atacou pelo lado direito.

O velho amigo

Aos 83 anos, o homem que teria inspirado Hemingway a escrever O Velho e o Mar *continua vivo, lúcido e conversador*



Eduardo Tavares

No La Terraza, *bar preferido do escritor: "Papá não era beberrão"*

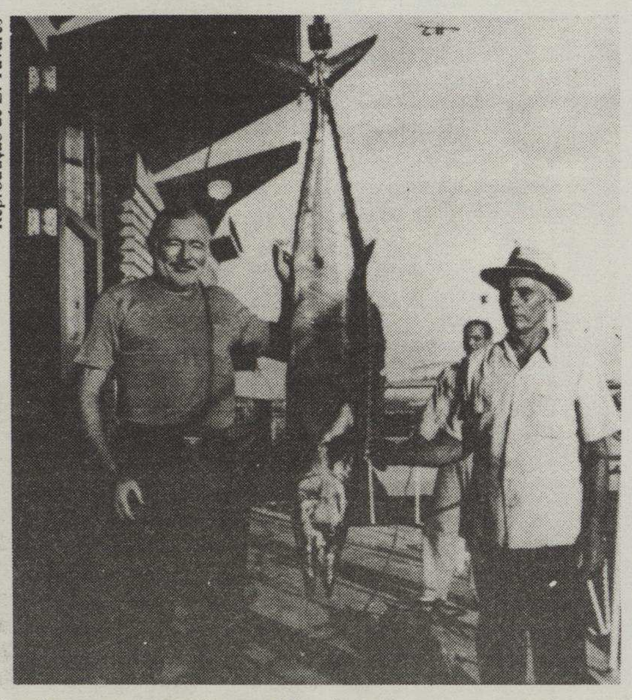
— O velho pescador era magro e seco e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas rugas. As manchas escuras que os raios do sol produzem sempre nos mares tropicais enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam cobertas de cicatrizes fundas que haviam sido causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas em pesados e enormes peixes. Mas nenhuma dessas cicatrizes era recente. Tudo o que nele existia era velho, com exceção dos olhos que eram cor do mar, alegres e indomáveis — (*O Velho e O Mar,* de Ernest Hemingway, pág. 10).

Este é um dos trechos da obra mais conhecida de Hemingway, que lhe garantiu os Prêmios Nobel e Pullitzer de 1954, traduzida para mais de 60 países, e que bem poderia descrever a figura de Gregório Fuentes, de 83 anos, amigo inseparável de Hemingway por quase 30 anos, que hoje vive em Cojimar, uma pequena aldeia perdida no Caribe, a poucos quilômetros de Havana, em Cuba. Muitos afirmam que o velho Santiago, personagem central de *O Velho e O Mar,* é Gregório Fuentes, mas, bem-humorado, ele desmente: "Não sou eu. Santiago é um pouco de cada um de nós aqui de Cojimar".

Gregório Fuentes tem até uma história para confirmar o que diz: "Há vários meses ele vinha fazendo anotações. Um dia nós estávamos pescando em La Cabaña, uma praia bem longe daqui, quando passou um velho e um menino. Ele parecia ter pego alguma coisa grande. Tentamos nos aproximar para ajudá-lo, mas o velho ficou furioso. Hemingway disse: 'Isto dá uma novela, que nome você acha que eu devo dar?' Respondi então: *O Velho e o Mar*".

Sentado no *La Terraza,* o bar preferido do escritor na aldeia, Gregório fuma um havana e beberica cerveja e rum. Vaidoso, lúcido e conversador, ele tomou banho, vestiu uma camisa xadrez e calças claras, e perfumou-se antes de posar para fotografias.

Casado com Lola, quatro filhos, sete netos e um bisneto, Gregório lembra como conheceu Hemingway: "Foi em 1925. Eram quatro horas da tarde e estávamos em Tortuga (Key-west) quando se armou um ciclone. Apesar de jovem, eu era capitão de um navio, e resolvi ancorar quando vi três iates perdidos. Era Hemingway e mais oito amigos, haviam saído para uma pescaria e não sabiam como sair da tormenta. Dei a direção e ele ficou muito grato. Cada vez que vinha a Cuba me procurava, só que aconteceram muitos desencontros até nos avistarmos novamente".



Reprodução de E. Tavares

Gregório com Hemingway, numa pescaria: "Ele amava o mar"

"PAPÀ NÃO ERA BEBERRÃO"

Só 14 anos depois, em 1939, foi que os dois se reencontraram. "Eu estava navegando em um barco científico norte-americano, aqueles de pegar peixe para depois estudá-los. Papá perguntou por mim em Havana e disseram que eu deveria aparecer às três da tarde, em Atlanta. Ele se tocou para lá e quando me viu perguntou direto se eu não queria trabalhar com ele. Respondi que não, apesar do dinheiro que ele me ofereceu. Então Hemingway disse que precisava era da minha amizade. Aceitei e fiquei do lado dele praticamente 30 anos".

Gregório foi contratado como capitão do *Pilar,* o iate de 38 pés do escritor norte-americano. "Ele amava o mar. Saíamos os três — ele, sua mulher Mary e eu — e ficávamos até 40 dias fora. Ele me dizia que o melhor lugar para escrever era longe da terra. Adorava aventuras, como aqueles safáris na África. Era um boêmio do mundo".

Quando irrompeu a II Guerra Mundial, Hemingway foi chamado às armas e Gregório quis ir junto. "Você não pode ir porque tem filhos e não sabe o que é uma guerra", disse o escritor. "Sei o que é e já passei por várias", respondeu o pescador, que acabou sendo incorporado à Marinha e mandado ao Japão, enquanto o amigo foi para a Europa. "Quando ele morreu, eu estava em Girón e pedi lecença para rebocar o *Pilar* até a baía de Havana".

Gregório não admite críticas a seu amigo e diz que ele jamais foi um beberrão irascível, como conta a lenda: "Havia jornalistas que não respeitavam sua vida pessoal ou então faziam perguntas idiotas e ele se irritava, com razão. Assim como quando um jornalista mexicano me perguntou se Papá bebia. Não é verdade. Ele bebericava como qualquer um de nós. Ficava horas na frente do mesmo copo. O que ele gostava mesmo era de ficar na *Terraza,* aqui em Cojimar, e na *Floridita* ou na *Bodeguita del Medio,* em Havana Velha, conversando com as pessoas".

Era no *La Terraza* que Hemingway gostava de ficar lendo ou escrevendo, enquanto tomava cerveja *Hatuey.* Esse hábito acabou virando moda e o proprietário da cervejaria exportou milhares de litros para os Estados Unidos. Enriqueceu e, quando houve a revolução, fugiu para a Flórida.

Hoje, Gregório freqüenta o bar sozinho, passa o tempo contando histórias. A única que ele não gosta de contar é sobre a morte de Hemingway, que se suicidou com um tiro de espingarda em julho de 61, nos Estados Unidos. "Poucos sabem que ele se matou porque estava desenganado pelos médicos da Clínica Mayo. Sabia que estava com leucemia e o processo degenerativo seria rápido. Assim preferiu a morte pelas próprias mãos do que se ver desgastado e carcomido pela doença".

Marina Wodkte

REGISTRO

(recebido das editoras)







O RISO DO DRAGÃO, Moacir Amâncio, Editora Ática, 78 páginas. Livro de contos deste jornalista paulista, autor do romance *A Estação dos Confundidos* e da novela *O Saco Plástico.* Mais um volume (o 67º) da coleção Autores Brasileiros.

RESISTIR É PRECISO, de Alípio de Freitas, Editora Record, 279 páginas. O ex-padre Alípio das Ligas Camponesas do Maranhão faz seu relato sobre a luta armada, a prisão, a tortura. Segundo Barbosa Lima Sobrinho, "um libelo contra a opressão, menos pela veemência das palavras do que pela exatidão dos fatos que relata (...) Alípio resistiu como um Homem e conseguiu sair íntegro de tantas provações, para cumprir seu destino".

O MOVIMENTO SINDICAL NO BRASIL, Jover Telles, Editora Ciências Humanas, 289 páginas. O autor, que foi operário nas minas de carvão do município gaúcho de São Jerônimo, militante comunista e deputado à Assembléia Legislativa do Rio Grande durante o curto período de legalidade do PC, reuniu neste livro sua visão da experiência de dezesseis anos (1946-1962) das vitórias e derrotas da classe operária brasileira.

PORTA DE TINTURARIA, de Aldir Blanc, Editora Codecri, 214 páginas (ilustrações de Mariano). Neste livro, o cronista carioca Aldir Blanc, mais conhecido pelo seu trabalho na MPB em parceria com o compositor João Bosco, reúne suas divertidas crônicas sobre a Zona Norte do Rio de Janeiro, publicadas no *Pasquim.*

VIDIGAL — Memórias de Um Sargento de Milícias, de Millôr Fernandes, L& PM Editores, 149 páginas. Décimo volume da coleção Teatro de Millôr Fernandes. Segundo os editores, "nesta peça, inspirada no romance picaresco *Memórias de um Sargento de Milícias,* de Manuel Antônio de Almeida, utilizando-se de seus fartos recursos de teatrólogo e de seu insuperável talento de humorista, Millôr recria o famoso romance e dá a ele uma atmosfera fascinante de realismo e humor".

OS VIRA-LATAS DA MADRUGADA, de Adelto Gonçalves, José Olympio Editora, 163 páginas. Jornalista nascido em Santos, conhecedor dos tipos e da vida do cais do porto, Adelto Gonçalves, neste livro, "conta uma história de amor que tem como pano de fundo os agitados anos 63/64 no Porto de Santos".

A ROSA SEPARADA, de Pablo Neruda, tradução de Olga Savary, L&PM Editores, 113 páginas. Obra póstuma do grande poeta chileno, publicada em edição bilíngue. Um canto de amor à Ilha de Páscoa onde, no dizer do poeta, "nós os tagarelas do mundo: viemos de todas as partes para cuspir em tua lava, / chegamos cheios de conflitos, de divergências, de sangue, de pranto e digestões, de guerras e de pêssegos, / em pequenas fileiras de inimizade, de sorrisos hipócritas, / reunidos pelos dados do céu sobre a mesa de teu silêncio. / Mais uma vez chegamos para ofender-te".

JOÃO BALALÃO, de Sérgio Tapajós, Editora Ática, 174 páginas. Outro volume da coleção Autores Brasileiros. Segundo o prefácio do escritor Ary Quintella, *João Balalão* "é o melhor romance que tenho lido nos últimos tempos, ou alguma coisa nesse sentido. Porque cansei de coisas solenes, metidas a importantes, bem como de gente metida a importante".

PORTO VERMELHO, de Ingrid Sarti, Editora Paz e Terra, 185 páginas. Também versando sobre os estivadores do Porto de Santos, este livro da socióloga paulista Ingrid Sarti se propõe a analisar a vida interna da organização sindical dos estivadores santistas e o contexto sócio-político no qual o sindicato existe e se desenvolve.

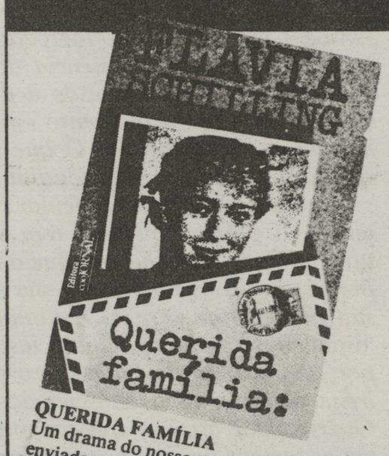
A COLETIVIZAÇÃO DA TERRA NA URSS, de Fábio Bettanin, Editora Civilização Brasileira, 259 páginas. O autor, professor de História Contemporânea da Universidade de Florença, na Itália, faz um levantamento dos problemas e dramas que envolveram a coletivização forçada do campo na União Soviética, sob o comando de Stálin, ao fim da década de 20 e início da década de 30.

COMUNICAÇÃO E PODER, de Pedrinho Guareschi, Editora Vozes, 88 páginas. Um estudo sobre a influência dos meios de comunicação de massa (sobretudo os norte-americanos) no desenvolvimento e mudança social dos países da América Latina.

MODERNA FICÇÃO BRASILEIRA, volume 2, de Malcolm Silverman, Editora Civilização Brasileira/INL. 310 páginas. A ficção de Antonio Torres, Dinah Silveira de Queiroz, João Antonio, João Ubaldo Ribeiro, Josué Montello, Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião, Rubem Fonseca e Orígenes Lessa, entre outros, analisada pelo autor, *brazilianist* estudioso e analista da ficção brasileira.

O MISTÉRIO DO CINCO ESTRELAS, de Marcos Rey, Editora Ática, 128 páginas. Mais uma incursão do escritor paulistano no terreno da literatura infantil. Diz o autor: "É a história dum Davi contra um Golias. O pequeno Davi da Bíblia venceu o gigante Golias apenas com uma pedra e uma funda. Mas há outros meios de se derrubar grandes obstáculos. A persistência não é o mais prático mas talvez seja de todos o mais eficiente".

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS



QUERIDA FAMÍLIA
Um drama do nosso tempo. As cartas enviadas pela brasileira Flávia Schilling à sua família narrando toda sua amarga experiência nos cárceres uruguaios.
Cr$ 200,00

A FAVOR DO REGIME

Ruy Guerra, autor de Os Cafajestes, *fala sobre a dificuldade de viver dividido: oposicionista no Brasil, governista em Moçambique.*

Foi a décima ou décima primeira vez que Ruy Guerra foi a Moçambique desde a Independência, em 1975. Desta vez ele chegou de Paris, onde acabou um filme de 55 minutos para a televisão francesa, baseado num conto de Edgar Allan Poe. Nessas permanências em Moçambique — a maior foi de 14 meses — Ruy Guerra une os dois extremos da sua história: a infância e a adolescência no Moçambique colonial — Lourenço Marques — e o trabalho que faz agora, aos 50 anos, como professor do Instituto Nacional de Cinema.

Ruy Guerra saiu de Moçambique com 19 anos, para estudar cinema na França. De lá seguiu uma trajetória que o trouxe ao Brasil, em 1958. Aqui ele ficou quase 20 anos. Tornou-se conhecido principalmente por três filmes que dirigiu, *Os Cafajestes, Os Fuzis* e *A Queda,* e também pela autoria, juntamente com Chico Buarque de Holanda, da proibidíssima peça *Calabar.* Viveu com a atriz Leila Diniz até a morte dela, num acidente aéreo na Índia, em 1972. Tiveram uma filha, Janaína.

Da infância em Moçambique, Ruy Guerra guarda imagens como a da negra Rosa, a ama que o carregava nas costas, filha de um dos chefes guerreiros de Gungunhana, imperador africano que resistiu à ocupação colonial nos fins do século passado. Da juventude ficaram as histórias dos interrogatórios na Pide (polícia política portuguesa) por causa de suas ligações com movimentos anti-racistas.

Nesta entrevista ao repórter Licínio Azevedo, do **Coojornal,** Ruy Guerra fala de seu auto-exílio pelo mundo. Fala de *Mueda — Memória e Massacre,* filme que fez em Moçambique em 1979 e que deverá ser lançado no Brasil até o final deste ano. *Mueda* é baseado numa peça de teatro encenada por sobreviventes do massacre, em 1960, em que os portugueses mataram 600 moçambicanos que reivindicavam independência.

— Vives em Moçambique até 1952. O que era ser um filho de portugueses em Moçambique, naquela época, viver no mundo dos colonialistas?

— Saí de Moçambique com 19 anos. Fiz parte de um dos primeiros grupos de brancos que era contra o racismo. Fomos detidos várias vezes, fichados. Tínhamos um movimento articulado e foi nessa época que a Pide veio para Moçambique pela primeira vez. Eu costumava escrever para um jornal de oposição, *O Itinerário,* que tinha censura prévia e todos escreviam sob pseudônimo. a censura sabia quem estava por trás dos pseudônimos e nisso havia uma espécie de conivência: podia escrever, desde que fosse com pseudônimo. Sempre me recusei: assinava com meu próprio nome críticas de cinema, artigos, ensaios. Continuei muito tempo nessa: escrevia e me prendiam.

— Como é que naquela época surgia esse tipo de consciência entre filhos de portugueses que viviam em Moçambique?

— Foi um processo cultural. Começou pelo anti-racismo. Tínhamos um grupo que escrevia poesias, contos e publicava. Comecei a publicar contos com 12 ou 13 anos, com um pseudônimo: Alex Ronney. Alex porque sou Alexandre (Ruy Alexandre Guerra Coelho Pereira), o Ronney eu não sei de onde saiu. Estudávamos muito. Mas era uma coisa híbrida, uma consciência que não chegava a ser política. Era, antes de tudo, antiportuguesa, antimetropolitana. Os portugueses não gostavam dos que tinham nascido nas colônicas e nós não gostávamos deles.

— E o interesse pelo cinema, como surgiu?

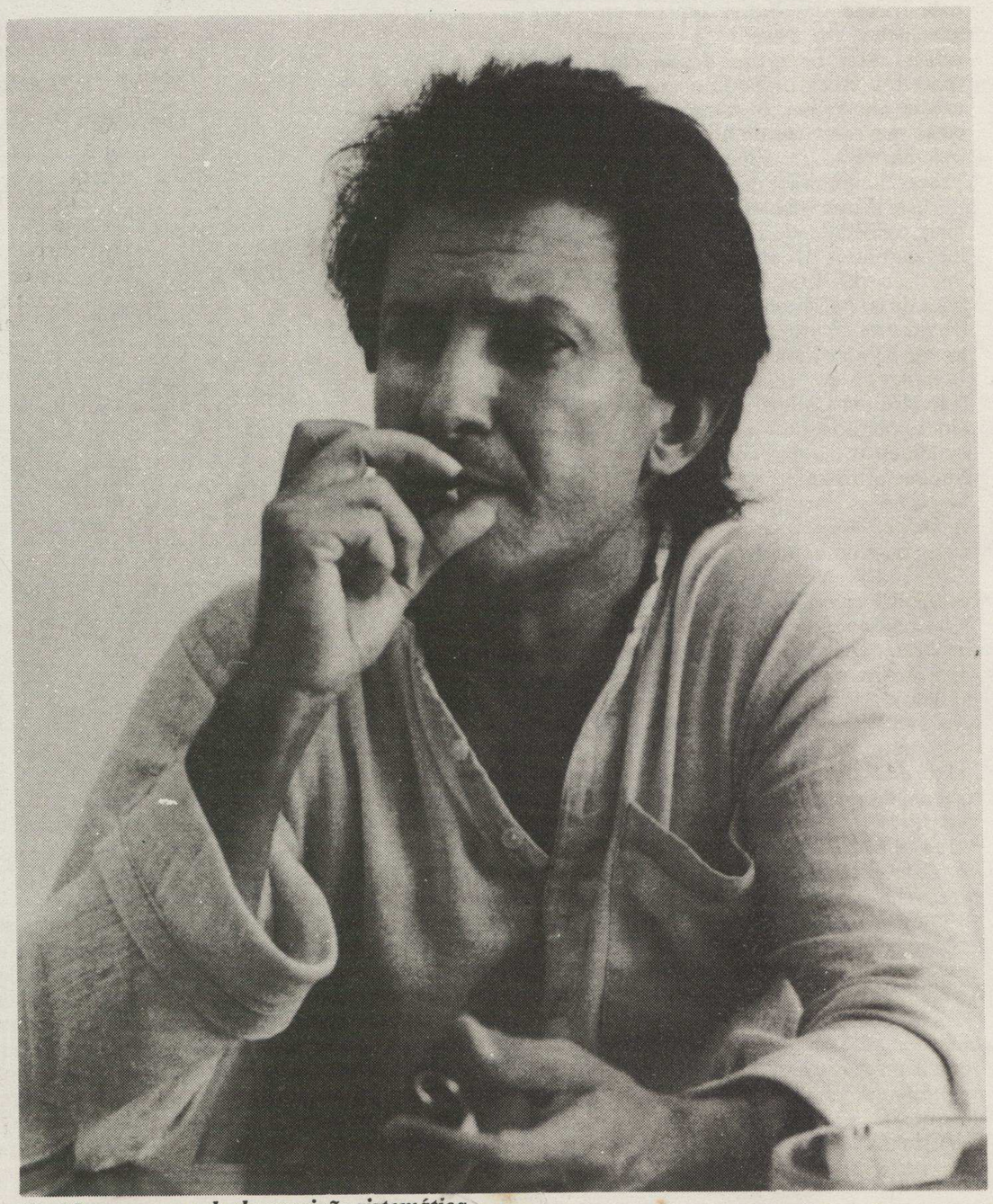
— Já fazíamos cinema aqui em Moçambique. Uma vez fui preso por causa disso. Tinha feito um filme com câmera oito milímetros sobre o porto de Lourenço Marques. Passamos dois anos filmando, mandamos revelar na África do Sul e o filme nunca voltava. Nessa época vinha muitos discos da África do Sul com propaganda política em línguas africanas. Havia um controle grande. Viram meu filme no meio disso: o porto, homem dormindo ao relento, condições miseráveis. Tive problemas com a polícia.

Foi aí que resolvi revelar meus filmes em casa. Com a ajuda de um fotógrato moçambicano, construí um tambor de madeira. Revelava os filmes com barras de gelo. Saíam cheio de manchas de água mas saíam. Lembro da estréia do filme do porto, depois de dois anos e tanto. Passou só uma vez, ficou todo destruído na primeira projeção

— Fala da tua saída de Moçambique — como e por quê?

— Saí porque queria fazer cinema. foram 19 ou 21 dias de viagem e, em Portugal, ainda estávamos ao largo para examinarem os passaportes quando encostou uma lancha da Pide e me levou. Fiquei um dia preso e a família se movimentando. Nos seis meses que fiquei em Portugal, para acabar uma cadeira do secundário que faltava, fui preso várias outras vezes. Então fui para Paris. Não voltei mais a Portugal até 1974, porque havia um processo que só foi arquivado há uns 10 anos. Não pegava nem avião que fizesse escala em Lisboa.

Daniel de Andrade



Ruy Guerra: cansado da oposição sistemática

Fiquei seis anos na França e aprendi a fazer cinema no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos. Foi o primeiro momento da minha vida em que fiquei sozinho. Era um processo de auto-exílio. Eu sabia que não ia voltar. Minha mãe tinha morrido num desastre de avião e meu pai morrera pouco depois. Acabei o curso no Instituto e fiz outro de dois anos no Teatro nacional Popular. Depois comecei a fazer documentários, trabalhava como assistente de câmera. Ganhava dinheiro andando a cavalo nos filmes históricos.

— Quando começaram a surgir idéias para filmes?

— Foi nessa época. Desempregado na França, fui à Grécia, com um casal de brasileiros. Um amigo me levou numa corrida de cavalos, disse que tinha uma barbada: perdeu todo o dinheiro dele e o meu. Fiquei sem poder retornar à França. Foi aí que apareceu um produtor disposto a produzir *Os Lobos,* uma história que eu tinha escrito em Paris e que, mais tarde, depois de uma série de mudanças de conceito, acabou dando *Os Fuzis.*

— Como se processou a tua ida para o Brasil?

— Foi a meta lógica. Era uma cultura mais próxima da minha. Já conhecia muita literatura brasileira. Jorge amado, Graciliano Ramos, etc. Conheci Vanja Orico em Paris, em 1958, quando eu tinha 27 anos, e ela me convidou para fazer um filme baseado numa história do pai dela: *Joana Maluca.* Cheguei a filmar umas cenas no Marajó mas houve confusão de dinheiro e o filme parou. Eu tinha uma passagem de ida e volta. Vendi a passagem de volta e fiquei. Passei fome uns dois anos, vivendo em quarto de empregada.

— E o que aconteceu depois?

— Naquela época eu era português e como português é burro não podia ser diretor de cinema. Comecei a trabalhar com Carlinhos Niemeyer, no canal 100. Fiz um documentário sobre a barragem de Orós, no Ceará. Quando acabei de filmar, ele disse que não precisava nem montar porque o filme já tinha sido pago. Então falou que queria um curta para Cannes. Escrevi *O Cavalo de Oxumaré,* junto com o Miguel Torres. Foi um escândalo, o filme que raspou a cabeça da Irma Alvarez, naquela época a mulher mais bonita do Brasil.

— Mas este filme também não saiu...

— É um roteiro lindíssimo que gostaria de retomar. Não foi concluído porque houve briga entre os dois produtores. É a história da paixão de uma mulher branca por um negro e que nesse processo, resolve incorporar à religião dele. O grande medo da mulher é o filho mulato numa sociedade racista. O filme é o diálogo dela com a religião, mostra o rito da iniciação no candomblé com todas as cerimônias secretas. Tem uma estrutura narrativa completamente atemporal. É tudo o que ela pensa, o medo que se manifesta através do que é belo mas que pra ela representa o horror porque foi construído através do trabalho escravo. Em cima disso entra um locutor que comenta tanto a iniciação como o que se passa na cabeça da personagem. Um locutor fora do tempo psicológico e real. Isso foi em 1960, depois de dois anos terríveis.

— Por aí estamos chegando em *Os Cafajestes,* não?

— Certo. O Nelson Pereira dos Santos queria produzir um filme meu, mas não tinha dinheiro nem para produzir os dele. Me apresentou ao Jece Valadão, que também queria produzir. Fizemos uma cooperativa e começamos *Os Cafajestes.* O filme se pagou em quatro dias, foi o primeiro com rótulo de Cinema Novo. Acabou em porrada entre eu e o Jece. Fiquei com uma fama meio braba mas o filme tinha feito um sucesso tremendo e podia me dar ao luxo de queimar a fama.

E o Jarbas Barbosa, que tinha distribuído *Os Cafajestes,* quis que eu fizesse uma outra história, mais ou menos parecida, sobre prostituição no Rio: *Um Ramo para Luísa.* Eu não gostava muito da história, mas como era época de Carlos Lacerda, que andava afogando mendigos, pensei: boto uns mendigos boiando e tal... Concordei em fazer o filme, mas sob a condição de que depois ele fizesse *Os Fuzis.* Combinamos que, caso o primeiro filme não saísse, faríamos diretamente *Os Fuzis.* Quem tinha os direitos de *Um Ramo para Luísa* era um amigo meu, o Fernando Amaral. O que o Jarbas não contava é que eu saísse da casa dele, à meia-noite, e fosse tirar o Fernando Amaral da cama para ele me prometer que não venderia os direitos. E foi assim que fiz *OS Fuzis.*

O cinema de Ruy Guerra

Ruy Guerra tornou-se um fenômeno de público e crítica no cinema brasileiro ao desnudar Norma Bengell em Os Cafajestes, *de 1961. O filme antecipou o Cinema Novo, mas hoje é quase impossível ver* Os Cafajestes *sem concluir que a nudez de Norma, embora imprescindível para o desenvolvimento da trama, também era uma opção mercadológica. É interminável o plano-seqüência de Norma nas areias de Cabo Frio, desde a descoberta da cafajestagem até o momento em que ela cai, humilhada e derrotada. O que se vendia ali era Norma, sua nudez esplêndida.*

Lembro essa cena particular porque, desde então, o plano-seqüência tem sido bastante utilizado por Ruy Guerra, que o transformou, por assim dizer, na base da sua estética ou da sua maneira de filmar. E também porque o timing *desses planos-seqüências geralmente é por demais prolongado, provocando mais irritação do que a consciência. Claro, Ruy Guerra pode afirmar que faz um cinema contra as formas narrativas tradicionais e por isso o público reage. Críticos insuspeitos, que adoram todas as trampolinagens cinemanovistas, reconhecem, no entanto, que em* Os Deus e os Mortos *só existem recursos esteticistas e que a reflexão política é nula, ou quase.*

Pelo menos um mérito, Ruy Guerra tem: fez um filme sobre operários na época em que a pornochanchada reinava soberana no Brasil A Queda, *de 1979.* A Queda *foi feito para dar a voz aos oprimidos e aos injustiçados, à classe trabalhadora que se organizava em todo país. O final mostrava o operário e a mulher numa casa em construção, símbolo de um novo tempo, ou de uma nova ordem que ainda está por vir. Mas o que ficou mesmo de* A Queda *foram os planos-seqüência da relação sexual forçada, da cama do casal que é destruída ou então Isabel Ribeiro repetindo merda incansavelmente, para protestar contra o pai, o marido, o mundo. Como sempre, Ruy Guerra dá a impressão de ritualizar a impotência.* A Queda *seria, assim, um retrato da impotência da classe operária antes da sua conscientização. É politicamente discutível, para um cineasta que se pretende revolucionário.*

Luis Carlos Merten

— Retornando a Moçambique: como ocorreu a volta?

— Depois da Independência, me convidaram para filmar o Terceiro Congresso da Frelimpo. E comecei a vir.

— Te consideras um sujeito desenraizado, mais ligado ao Brasil? Ou Moçambique ainda é culturalmente uma coisa forte?

— Durante estes vinte e tantos anos longe de Moçambique desenvolvi toda uma ligação cultural e política. Não tenho um enraizamento definitivo. É claro que além de uma ligação afetiva com Moçambique, com toda a minha infância e a minha adolescência, tenho também um projeto político que está em andamento e que sempre foi o que quis. Mas há também este hiato de vinte e tantos anos que foi respondido por um processo cultural inteiramente diferente, por aquela coisa brasileira. Hoje sou uma pessoa dividida e vou morrer dividido.

— Em termos de imagem, como isto funciona para ti aqui em Moçambique?

— Eu me sinto próximo de muitas coisas e completamente estrangeiro diante de outras. Eu não posso ter a pretensão de filmar e contar qualquer coisa estando inteiramente por dentro. Talvez possa fazer isso em relação a outras coisas da época colonial, que vivi e conheço bem. Mas quando se entra na especificidade de certas culturas moçambicanas é difícil.

— No Brasil, toda a área de criação cultural está em oposição ao sistema. Como funcionas dentro deste pulo que é preciso dar toda a vez que chegas a Moçambique, onde o trabalho que fazes tem o objetivo de apoiar o sistema existente?

— Este é o lado que mais me seduz. Estou cansado de exercer sempre esta negatividade, esta oposição sistemática, este posicionamento crítico-político que se exerce pela sua própria negação. Em Moçambique tens o sentimento de que estás construindo alguma coisas, mesmo apesar do limite da linguagem. Não estás simplesmente na fase de atirar para derrubar.

— O que é, para ti, liberdade de criação num país onde está acontecendo uma revolução?

— Acho que, como tudo, é uma coisa que aqueles que lidam com a cultura têm que conquistar e aqueles que lidam com o poder têm que compreender. É uma questão da frente revolucionária e da frente cultural. Sempre que por uma razão qualquer a frente revolucionária que detém o poder estabelece uma relação de força com a frente cultural, esta tem que recuar e surge um vazio que é ocupado pelos burocratas da arte. Aí o processo cultural se atrofia. Acho que a frente revolucionária tem que ter sempre a compreensão da cultura como elemento transformador que assume, inclusive, os aspectos negativos da realidade. Se é estabelecida a divisão, o processo revolucionário fica incompleto e é difícil ser conseguida a transformação que leva ao homem novo.

— Fale um pouco sobre este seu último filme, *Mueda*.

— *Mueda* tem um lado de linguagem que é difícil codificar. De certa forma poderia se ligar às teorias daquele cubano que advogava o cinema imperfeito, Garcia Espinosa. Imperfeito no sentido de não se utilizar os padrões estéticos estabelecidos pelas altas tecnologias. *Mueda* assume este lado dessa imperfeição na medida em que as condições concretas determinam a existência de um certo tipo de fotografia, por exemplo. Acho que o mais forte em *Mueda* é ter sido assumido com as suas incapacidades.

Não consigo desassociar o posicionamento cultural do político. A realidade não me assusta. Não procuro alterá-la, glamurizá-la. Pegas um filme como *A Queda,* ou mesmo *Os Fuzis* ou *Os Cafajestes:* eles não transformam a realidade numa coisa utópica. É por isso que não gosto de um filme como *Eu Te Amo,* que é lindíssimo, muito bem feito, mas se passa na cabeça do Jabor, é uma idealização. Não trata das relações de um homem com uma mulher, tudo acontece num cenário ideal.

— Quais são os seus próximos projetos?

— Tenho sempre projetos a longo prazo. O projeto de filmar com García Márquez, por exemplo, vem desde 1973 e até agora não saiu por várias razões. Agora está tudo acertado com produtores ingleses para *Erêndira.* A idéia é começar em janeiro, mas pode chegar em cima da hora e não sair nada.

Não há cineasta que não tenha projetos não realizados. Tenho vários. *Os Bandidos,* por exemplo: a história de como a partir da repressão política no Brasil se criou o estatuto oficial da impunidade da polícia. Tenho também outra história que se passa grande parte em Moçambique. E a terceira parte de *Os Fuzis,* começa depois de *A Queda.* Ainda estou escrevendo, depois vê-se se é possível filmar.

O casuísmo chega às telas

O cinema brasileiro vai bem, mas o espectador vai mal

O casuísmo está em toda parte, desde o resultado do IPM do Riocentro, que concluiu, contra todas as evidências, que os militares foram vítimas de um atentado terrorista e não de um acidente de trabalho, até a cara-de-pau do ministro Jair Soares, justificando o aumento de oito para dez por cento no desconto da Previdência, sob a alegação de que há tempos esse valor não era corrigido. Como se um percentual não fosse corrigido automaticamente, a cada novo reajuste salarial... Mas o casuísmo parece ter-se incorporado, em definitivo, à vida brasileira. Está em toda parte, até no cinema, já que o Estado suspeito de ter lançado a bomba do Riocentro é o mesmo que produz a última ode revolucionária de Glauber Rocha, *A Idade da Terra.*

Muitos espectadores se perguntam: o que há com o cinema nacional? Com raríssimas exceções, o que se verifica hoje no cinema brasileiro é um acentuado divórcio entre os filmes e a realidade que nos cerca. São obras que poderiam ser feitas não importa onde ou que, pelo menos desse Brasil de bombas, inflação, desemprego, revelam pouco, ou nada. Em compensação, os números são expressivos. Na relação das dez maiores bilheterias do Brasil, há cinco filmes nacionais e cinco estrangeiros. Hoje em dia, não é mais raro um filme brasileiro bater a marca do milhão de espectadores, dos cinco milhões ou até mais que isso. O que lembra uma velha história.

Estava o general Médici, na época em que ainda era presidente, a passear pelo Nordeste, quando defrontou-se com o terrível espectro da miséria. O quadro era tão negro que não restou ao ex-presidente senão reconhecer o inimigo dentro da trincheira. O Brasil vai bem, disse ele, mas o povo brasileiro vai mal. O Brasil, hoje em dia, não vai tão bem assim, e o povo brasileiro vai cada vez pior. Mas o assunto é o cinema nacional, e a frase de Médici bem que pode ser atualizada. O cinema brasileiro vai bem, mas o nosso espectador vai mal. Nunca o cinema produzido no Brasil movimentou tantos recursos, nunca se venderam tantos ingressos, mas o que se vê na tela tem cada vez menos a ver com o aqui e o agora.

SÔNIA E OS TRAPALHÕES

Não poderia ser diferente. Afinal, se a Embrafilme produz menos, distribui hoje a quase totalidade da produção brasileira. E a Embrafilme é um órgão do Ministério da Educação e Cultura. Nunca se ouviu dizer que esse regime que aí está negligenciasse o poder político do cinema. Pelo contrário. Nesses 17 anos desde 1964, cortou-se tanto, proibiu-se tanto no país, que a autocensura terminou sendo assumida pelos nossos artistas. No auge da repressão inventaram-se o tropicalismo e as alegorias, e o cinema começou a desconversar, enquanto a música assumia, corajosamente, os riscos do protesto em voz alta. Era uma contigência de momento, naquele momento. Mas hoje a desconversa continua, em 90 por cento da produção da cultura brasileira, o que é outro sinal dos limites da nossa abertura.

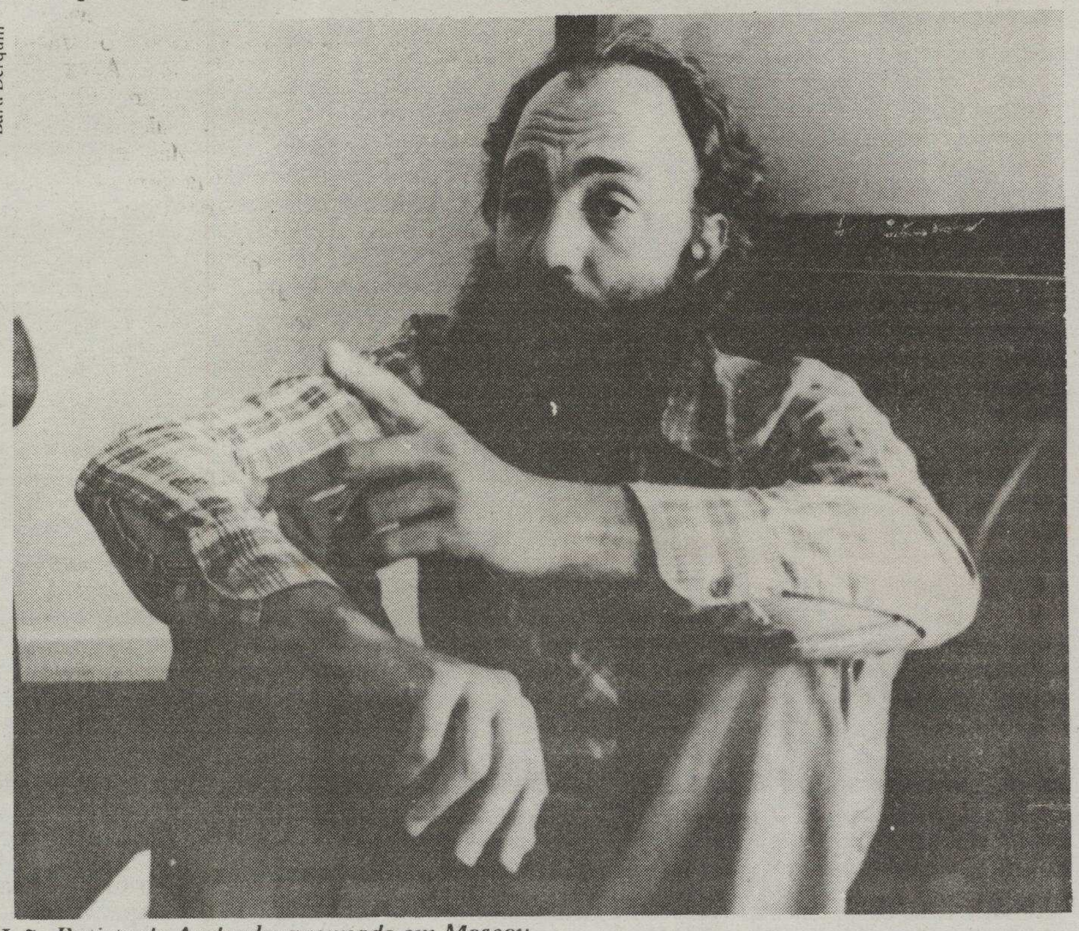
São cinco os filmes brasileiros na relação das dez maiores bilheterias do país: *Dona Flor e Seus Dois Maridos, A Dama da Lotação, Os Trapalhões nas Minas do Rei Salomão, Os Trapalhões na Guerra dos Planetas Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia.* Dois filmes com Sônia Braga, dois com os Trapalhões, que passam a ser assim os grandes nomes junto ao público brasileiro. A rigor, os Trapalhões ocupam uma posição ainda mais privilegiada que Sônia, porque os outros cinco filmes restantes, se fosse organizada agora a lista das dez produções nacionais mais rentáveis, são deles: *Os Trapalhões no Planeta dos Macacos, Simbad o Marujo Trapalhão, O Cinderelo Trapalhão, O Rei e os Trapalhões* e *Os Três Mosqueiteiros Trapalhões.*

É claro que nessas relações ainda não está computado o grande sucesso dessa temporada: *Eu Te Amo,* de Arnaldo Jabor, novamente com Sônia Braga. *Eu Te Amo* foi feito e teve um lançamento programado para ser o nosso Tubarão das rendas. O que prova que o cinema é uma atividade empresarial, que o cinema brasileiro conseguiu finalmente o que parecia impossível nos primeiros tempos de Glauber, Carlos Diegues e outros: a conquista do mercado interno. Mas então por que a afirmação do começo: por que o cinema brasileiro vai bem mas o público vai mal?

O DEBOCHE DO POBRE

Os Trapalhões, por exemplo. O público os adora, Carlos Drummond de Andrade os acha engraçadíssimos e Millôr Fernandes diz que mais engraçados que eles, só o atual Ministério (uma boa piada que a Censura cortou do documentário *O Mundo Mágido dos Trapalhões*). Mas o que os Trapalhões institucionalizam no cinema brasileiro é uma atitude diante da cultura de dependência. Seus temas são alienígenas, chupados de filmes de sucesso (*Planeta dos Macacos* ou *Guerra dos Planetas*) ou das narrativas estrangeiras que povoaram a infância e a adolescência de Renato Aragão e Seus Companheiros (*As Minas do Rei Salomão, Os Três Mosqueteiros, Simbad o Marujo*).

O que significa isso senão uma posição de dependência do cinema brasileiro em relação ao cinema internacional, uma cópia dos seus temas e técnicas narrativas? Em benefício dos Trapalhões, pode-se dizer que eles esculhambam, ao mesmo tempo que chupam. Quem não é o maior, quem não tem mais dinheiro, debocha. E é isso que eles fazem: esculhambam os clássicos estrangeiros. É uma atitude antropofágica que o grupo assume numa boa, e até é possível que esse seja um aspecto meio inconsciente do seu trabalho. A antropofagia, no entanto, defendida por Nelson Pereira dos santos em *Como Era Gostoso o Meu Francês,* torna-se sintoma de indigência artística nos Trapalhões. Na TV, dada a própria natureza do veículo, é engraçado. No cinema, nem tanto, pelo menos para paladares um pouco mais refinados.



Baru Derquin

João Batista de Andrade: premiado em Moscou

Justamente a esse paladares apurados Arnaldo Jabor e, por detrás dele, o produtor Walter clark, tentaram satisfazer em *Eu Te Amo.* Jabor até andou comparando seu trabalho a *O Império dos Sentidos* e *Ultimo Tango em Paris,* com uma diferença notável (para ele): enquanto *Império* e *Tango* são filmes que tratam de sexo e morte, o dele faz a ligação entre sexo e vida. Só que as comparações não procedem: *Eu Te Amo* é mais a versão permissiva de *John e Mary,* com as cenas de nu frontal e sexo explícito que Peter Yates não colocou na sua *love story* do começo dos anos 60.

Claro, Jabor disfarça bem. Coloca um tempero de Godard para discutir a condição do homem e da mulher modernos, principalmente o Godard de *O Desprezo.* Não é por acaso, realmente, que o personagem de Tarcisio Meira se chama Ulisses. Jabor acredita que para se chegar ao casal ideal é preciso destruir o discurso sexual vigente, da mesma forma que acredita que para operar (transformações?) na consciência do público é necessário destruir a linguagem tradicional. Mas nada disso é muito importante para o público, que quer é ver Sônia Braga ser tratada como uma prostituta antes da consciência final, coisa a que não se furtam nem o diretor nem a atriz.

PRECONCEITO INTELECTUAL

Diante desse quadro, forçoso é reconhecer que o problema talvez esteja na origem. O cinema brasileiro brigou muito para construir a Embrafilme, mas hoje, ao mesmo tempo que se consolida, a Embrafilme ameaça destruir as esperanças de um cinema brasileiro honesto, crítico, em sintonia com seu tempo, o nosso tempo. A Embrafilme já foi uma vitória do cinema brasileiro, mas hoje é uma máquina para fazer apenas quatro ou cinco filmes por ano, verdadeiras superproduções de quem sonha com uma Hollywood cabocla. Nesse sentido, *Eu Te Amo* pelo menos atinge seus objetivos de faturar com alguma elegância, mas a outra menina dos olhos da empresa esse ano, com o direito a lançamento de gala e tudo, não foi exatamente um sucesso: *O Beijo no Asfalto.*

Contra essa profusão de rendas e até de dólares (*Dona Flor* e *Bye Bye Brasil* foram vendidos para os Estados Unidos), os filmes brasileiros com as propostas mais honestas do ano foram fracassos de bilheteria. *O Homem Que Virou Suco* precisou de um grande prêmio em Moscou, o primeiro grande prêmio do cinema brasileiro desde a Palma Ouro em 1962, com *O Pagador de Promessas,* para ganhar seu lugar no mercado. Produção pobre, de um diretor que assume a pobreza de recursos mas rejeita a indigência artística (João Batista de Andrade), *O Homem* começa a ser exibido em Porto alegre e deverá voltar ao cartaz no Rio e em São Paulo, tentando ampliar a faixa (modesta) de público que o prestigiou no final do ano passado.

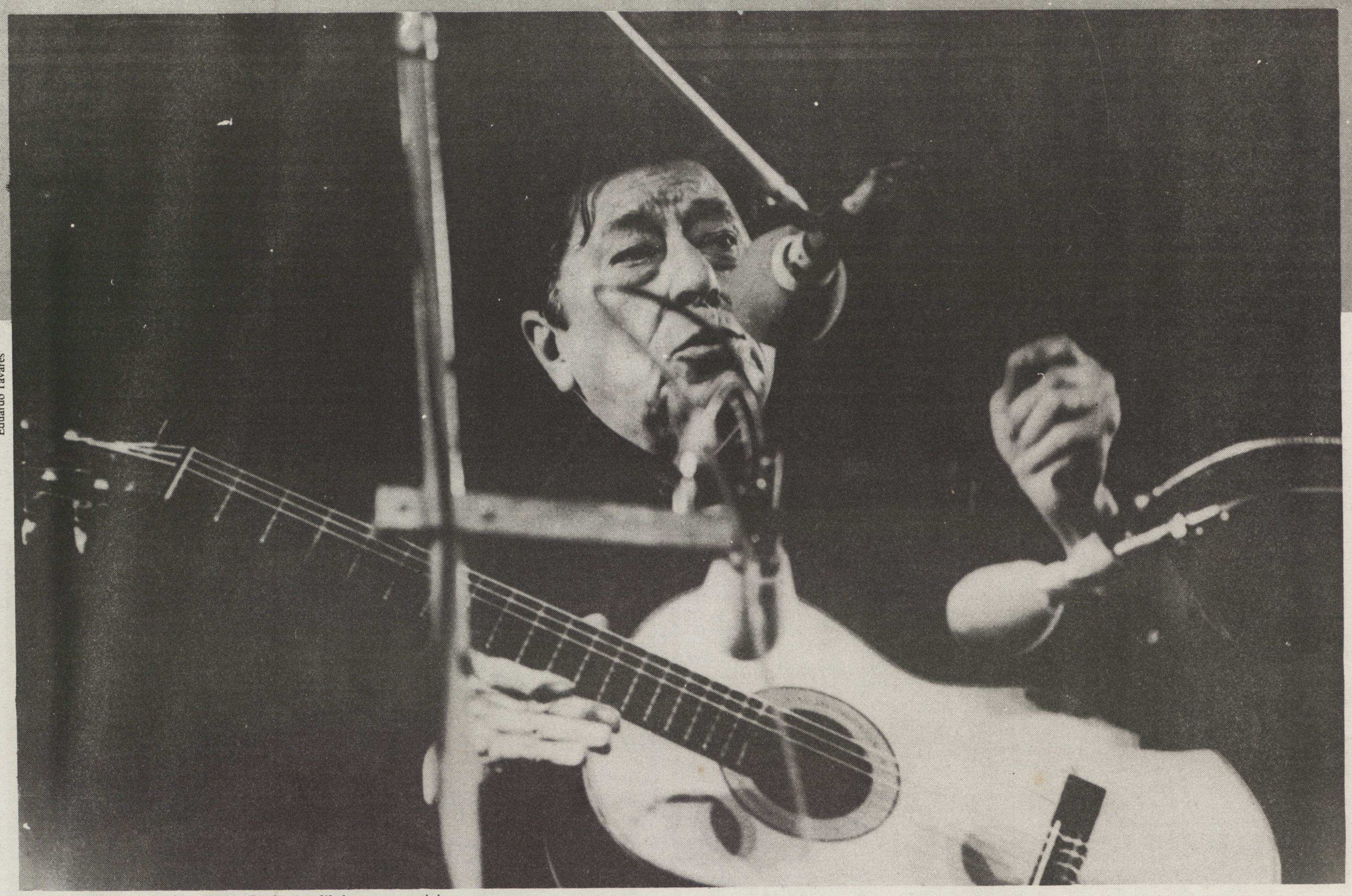
Há o filme de Glauber, *A Idade da Terra,* mas este só é revolucionário na cabeça do seu autor, até se justificando os 30 milhões que a Embrafilme empatou no projeto. A Embrafilme sonhava com um sucesso de prestígio, se não comercial, assinado pelo cineasta brasileiro reconhecidamente mais polêmico, pelo menos para exportação, tipo modelo para europeu ver. Mas o filme de Glauber é um delírio desnecessário. Não consegue armar uma ponte do cinema para a política (e vice-versa), como bem assinalou o também cineasta Luiz Rosemberg. Fica naquelas repetições esteticistas que só Glauber ainda não superou.

Mais competente, do ponto de vista da narrativa tradicional, *Pixote, a Lei do Mais Fraco* tem a coragem de trazer para a tela o mundo violento da infância abandonada. Mas, à parte a provocação, o filme de Hector Babenco repete os erros de enfoque de *Lúcio Flávio,* que também valia mais pela denúncia do esquadrão da morte do que pela firmeza ideológica. Hoje, o esquadrão da morte está até nas séries de televisão (*Plantão de Polícia*), mas em 1977-78, Babenco brigou feio com a Censura, essa senhora que não se cansa de tutelar nosso cinema.

Quanto a *Estrada da Vida,* o mínimo que se pode dizer é que o filme nacional mais interessante do ano, até agora, foi vítima dos preconceitos dos intelectuais, que ficaram discutindo totalmente se a música de Milionário e José Rico é de boa ou má qualidade, sem analisar corretamente as intenções do realizador. Com erros e acertos, Nelson Pereira dos Santos retoma temas que já estavam em *Vidas Secas,* como as migrações internas, para situá-los no contexto do Brasil hoje e, dessa maneira, complementar uma coisa importante que *O Homem que Virou Suco* também diz: a obra do artista popular só se realiza quando ele se propõe igual a um trabalhador.

Luis Carlos Merten

EL PAYADOR YUPANQUI



Eduardo Tavares

Atahualpa Yupanqui: 30 anos em Paris não diluíram seu nativismo radical

Pela primeira vez, o público de quatro grandes cidades brasileiras (respectivamente São Paulo, Porto Alegre, Rio e Belo Horizonte) está tendo a oportunidade de ver e ouvir aquele que é considerado o principal nome da música folclórica latino-americana. Atahualpa Yupanqui, 73 anos, nascido na província argentina de Tucumán com o destino de ser cantador e caminhante, é esse homem. Por que ele nunca se apresentou antes aqui é um fato que deve ser atribuído a históricas e muitas vezes inexplicáveis barreiras culturais, existentes entre o Brasil e os povos da América do Sul. Mas felizmente, de uns anos para cá, essa situação começou a ser modificada.

Hoje, ainda que em nível não ideal, já há no Brasil muitas informações sobre as culturas hispanoamericanas, principalmente no campo musical. E depois de Mercedes Sosa, ninguém mais do que Atahualpa Yupanqui poderia trazer a chave da aproximação. É certo que por sua condição geográfica (e, como conseqüência, histórica), o Rio Grande do Sul nunca sentiu tão radicalmente tais barreiras culturais. Por isso mesmo, pode ser colocada como simbólica a primeira apresentação de Yupanqui no Brasil, acontecida em dezembro de 80 na cidade de Uruguaiana — da qual, através de poucos metros de ponte, chega-se à Argentina. De um e de outro lado do rio Uruguai estendem-se os amados pampas de Dom Atahualpa.

Amados pampas. Para o gaúcho brasileiro a palavra é masculina. Para o argentino, é feminina. A identidade de Atahualpa Yupanqui está no pampa; é um determinismo aceito em uma história como esta, que ele conta ternamente: "Una vez le preguntaran en la llanura nuestra a un paysano: "Que é es la pampa para usted? Cómo podria usted definir la pampa, ese gran paisage de la pampa? Qué significa para usted la pampa?" Y el paysano miraba esa estendida llanura, y por aí encontró — claro que tenia que encontrarlo, para eso era paysano—, por aí encontró la definición más hermosa; "Y para mi", dije, "la pampa es como um cielo al revés". Que cosa linda eso del paysano. La pampa, um cielo al revés...*

"CAMINHÃO DE SILÊNCIO"

Yupanqui atua desde 1934, e o tempo inicial de sua biografia artística inclui 15 anos de peregrinações pelo pampa argentino, montado a cavalo, tendo como única bagagem documento de identidade, o violão. Essas peregrinações alimentaram a raiz do verso e da música de Yupanqui, e foi alimento tão fundamental, que quase 30 anos de "exílio" em Paris não exerceram nenhum efeito diluidor em seu nativismo radical. Ele mesmo diz que as raízes, quando são raízes, não há distância física que as perturbe ou prejudique. Na frase acima, a palavra "exílio" foi colocada entre aspas, porque esse é outro assunto em que Yupanqui finca pé. Embora tenha decidido viver na França desde os anos 50, quando era perseguido pela ditadura peronista por causa de seus vínculos com o Partido Comunista, Yupanqui não admite que tenha sido um exilado: "A mim ninguém expulsou. Eu saí da Argentina porque quis. Fui para a Espanha fazer shows, me chamaram depois a Paris. Fui e voltei quantas vezes quis, até que os vários compromissos na Europa me fizeram ficar por lá mesmo".

É o que ele diz hoje, o que quer que se entenda. De todo o modo é difícil acreditar que um homem tão apegado ao telúrico, à sua terra, tenha voluntariamente se afastado do convívio dela por tanto tempo. Mas já que o poeta não gosta de penetrar nesses assuntos, e chega a mostrar o lado que ele chama de "duro" quando alguém insiste com eles, não se justifica contrariá-lo. Ele não quer rememorar passados: "Não olho muito para trás. Vivi quarenta e cinco vidas no tempo de uma só, passei pobrezas, angústias, rebeldidas, tristezas, humilhações, esquecimentos, ingratidões. Eu mesmo fui ingrato e esquecedor. Prefiro olhar para a frente. Porque atrás de mim o único que fiz foi ir acumulando vivências, acontecimentos disto que chamam de experiência".

Do silêncio sim, Yupanqui gosta muito de falar. E de ter. Costuma interromper seus recitais quando algum ruído há na platéia. Não permite que fotógrafos usem *flash* nem que fiquem caminhando diante do palco. Não começa a tocar enquanto não sente o silêncio: "Não tenho nenhuma coisa preferida, exceto o silêncio. Gosto muito, muito dele. Gostaria de comprar o silêncio, um caminhão de silêncio". E o silêncio, então, é um de seus temas prediletos, aparecendo em muitas de suas quase 1.300 canções. A maior parte dessas canções, poemas musicados, foram publicadas em vários livros, entre eles dois clássicos: *El Canto del Viento* e *El Payador Perseguido*. Yupanqui também escreveu prosa, como *Cerro Bayo*, onde relata costumes campeiros, e *Aires Índios*, de lendas indígenas. Integralmente gravado, *El Payador Perseguido* é, ao lado de *Milongas del Paysano* e *Mi Tierra te Están Cambiando*, os que alcançaram maior reconhecimento.

"ANDORINHAS SEM PASSAPORTE"

Em uma entrevista feita em 75 para a revista argentina *Crisis*, perguntaram a Yupanqui se era ele o *Payador Perseguido*. E ele respondeu: "*O payador* (trovador, cantador) perseguido não é Atahualpa Yupanqui sozinho, é muito povo argentino. Há muitíssimos, há milhares de *payadores* perseguidos no meu país e não importa que não sejam *payadores*, mas é doloroso que sejam perseguidos". Como *payador*, uma palavra definidora, Yupanqui continua seguindo o destino dos caminhantes e cultivando as formas musicais mais antigas da tradição pampeana, como a *vidala*, a *milonga* e a *baguala*, os ritmos como a *zamba* e a *chacarera*. Todos eles costuma colocar em seus recitais, que freqüentemente termina dizendo coplas (quadras). Foi assim em Uruguaiana, onde ele definiu não apenas função das *coplas* como, dentro dela, também a função do cantador. Disse:

— Sempre digo que nossos poetas fazem muito bem em assinar seus poemas preciosos, exemplares, e publicá-los. Mas nossos poetas nunca deveriam afirmar a paternidade de uma copla, porque não é só deles. A copla é de todos, é multitudinária, e anônima, e plural. Muita gente sentiu a necessidade de dizer, ou de rezar, de cantar ou de chorar uma copla, e alguma vez a escreveu, fazendo seu um sentimento coletivo, desconhecido e geral. Então não é dele. Que lindo seria se nossos poetas escrevessem uma copla e a deixassem numa mesa de bar, num banco de praça, em uma pedra de um caminho, ou no tronco de uma árvore na montanha. Não há de faltar quem passe e a recolha, a leia, a olhe, a chore, a reze, a goze, a morda, a sinta sua, a incorpore a todo o silêncio que o homem leva dentro. E um dia a soltará, e tampouco vai dizer que é dele, porque as coplas são andorinhas sem passaporte.

(*) "Certa vez perguntaram, nesta imensidão nossa, a um gaúcho: 'O que é o pampa para você? Como você poderia definir o pampa, essa grande paisagem do pampa? O que isso significa para você?' E o gaucho olhava essa extensa distância e por aí encontrou — claro que ele tinha que encontrar, para isso era gaúcho — a definição mais bela: 'O pampa é como céu ao revés'. Que coisa linda essa do gaúcho, o pampa é um céu ao revés..."

O principal nome da música folclórica latino-americana apresenta-se pela primera vez no Brasil

Por JUAREZ FONSECA

"Vivo onde me *dá* la gana"

Opiniões de Dom Atahualpa, um amante do silêncio

No dia 1º de agosto, em São Paulo, Atahualpa Yupanqui deu sua segunda entrevista coletiva à imprensa brasileira. Como no Rio Grande do Sul, onde foi dada em dezembro de 80 a primeira (ele estava em Uruguaiana, contratado para fazer o principal show da Califórnia da Canção Nativa), os repórteres mostraram-se especialmente inclinados a fazer perguntas sobre suas posições políticas, sobre seu exílio na França, esperando, obviamente, que Yupanqui satisfizesse suas expectativas, condenando os sistemas político-militares que dominam o continente latino-americano e, caso particular, sua pátria argentina. Mas tanto aqui como em São Paulo, Yupanqui recusou-se a aceitar esse tipo de perguntas, chegando a irritar-se quando elas assumiam a conotação de insistentes. A seguir, uma coletânea de declarações do mestre do folclore argentino, começando por sua reação diante das perguntas de caráter especificamente político.

* "Política na minha música? Nunca houve. O que há é que eu não posso escapar à tristeza do povo, eu traduzo sua dor como um artista e não como alguns que fazem do protesto uma profissão. O protesto pode agradar a vocês (da imprensa), mas não agrada ao povo. O que eu trago é um movimento cultural, uma música que fala de amizade, fraternidade, amor. Venho com a minha guitarra, que é o mais importante. Eu sou um pouco duro, mas ela é doce, como uma irmã bem-educada, que espera dos demais esta reciprocidade. Já disse: não sou um profissional do protesto".

* "Eu não sou exilado, vivo onde me dá *la gana*. A mim ninguém me pára, ninguém me tira, ninguém me impede de entrar. "Experiências de exílio"... Ora, pergunte a quem disse que estive exilado, não a mim. Ninguém me tirou de lugar nenhum. Eu vou a Paris, volto, vou à Espanha, volto. Vou ao México, venho. Ninguém me pára, ninguém me diz "não", "sim", "não". Eu faço o que quero, visito minha gente, monto a cavalo, toco minha guitarra. Sou livre, senhor, sou livre. Não sou exilado, nem derrotado, nem expulsado. Sou enamorado da liberdade e da dignidade humana, isso é outra coisa; mas não sou nenhum exilado".

* "Folclore é aquilo que o povo aprende sem que ninguém tenha ensinado. O folclore não morre nem se revitaliza, nem volta a ressuscitar. O folclore é uma coisa permanente e eterna, como é o *Pai Nosso*. O que tem raiz e verdade é eterno.

* "A vida de um homem não interessa muito, senão na medida em que interesse à vida de muitos homens. *Nós* somos importantes, *um* não tem importância".

* "O que tenho notado, não somente no Brasil mas em muitos países, é que há uma espécie de volta à natureza, à necessidade de cantar sua própria paisagem. Essa necessidade de produzir quando os conflitos são muito agudos no mundo, e os jovens perdem a esperança, a esperança de voar. Então, necessitam que seja maior a sombra da árvore que os cobre. Assim vejo eu, e gosto que assim seja. Na medida em que os jovens tenham consciência de que estão ampliando sua paisagem, eu os aplaudo sem reservas. Agora, na medida em que a utilizem simplesmente como uma coisa mercantilizada, adiós..."

* "Eu tenho esperança na América Latina, creio que é o depositário do futuro; cultural, sobretudo. As pessoas buscam às vezes os acontecimentos do mundo em outras galáxias. Nós, da América, de repente encontramos nossa própria galáxia. E começam a sair avós, e que avós, com flautas, com desenhos, com harmonia arquitetônica, com audácia, com visão universal, que são os povos pré-colombianos. Isso é o que devemos estudar e sentirmo-nos orgulhosos".

* "Quando falo de boa música, não falo só de folclore. Falo da barrôca, de Bach, de Haendel, dos românticos, de Mozart, é por aí que a coisa vai. E mais importante ainda é o silêncio. Quando eu era jovem, quase fiquei louco tentando fazer soar o silêncio com a guitarra. Quatro anos fiquei buscando o tom que traduzisse o silêncio. Um som que a gente ouvisse e dissesse: "Aí está o silêncio!" Como fazê-lo? Trabalhei nos bordões, nas cordas grossas, em tons maiores, em tons menores, com duas, com três, com uma corda, com um acorde, uma nota solta, uma nota longa imitando o violoncelo, ou não imitando nada. Gastei muito tempo e tortura interior nisto. Menos mal que desisti ou teria enlouquecido. Bobagens que se faz..."

* "A terra é muito mais velha que os homens, muito mais velha; e os homens começam a valer quando começam a entender e respeitar a terra em que pisam".

* "O gaúcho seguramente se sentia mais capaz, mais gaúcho, quando os elementos que manejava eram fáceis a seu entendimento, como montar o cavalo, levar gado a um lugar, trazer, marcar, vigiar; quando manejava um meio rural. Hoje, com a tecnificação, já não se precisam tantos gaúchos desse tipo. E então a maneira de ser mudou um pouco. Mas se "gaúcho" vem de gaudério, vem de gáudio, de guardião, o primeiro dever do homem gaúcho é guardar as condições da terra, o étnico que colocaram dentro dele. Não é importante que o gaúcho já não tenha mais o grande punhal, o enorme chapéu de barbicacho. Não importa, se perdeu no tempo, se foi... Mas fica uma coisa, que é o resumo esporitual, a condição, a generosidade, a sobriedade, um montão de condições que não se pode comprar na farmácia da esquina".

"É impossível não falar da realidade"

Em junho, depois de uma ausência de quase três anos, os porto-alegrenses tiveram a oportunidade de rever no palco um de seus músicos mais intrigantes: Gilberto Amaro do Nascimento, o GibaGiba. Percussionista, compositor e letrista, beirando os 40 anos, GibaGiba continua, com seu show *Sobrevivência,* "um trabalho começado em movimentos anteriores, como o *Canta Povo* e *Uma Mordida na Flor*".

A partir de agosto, através da Feira de Música da TV Educativa, os paulistas irão conhecer o trabalho de GibaGiba, percusionista que toca um instrumento "esquisito", de origem afro-gaúcha, o sopapo — uma espécie de tambor com mais de um metro de altura. Para Djalma Correa, GibaGiba toca o sopapo de maneira inigualável e se inclui entre os melhores percussionistas do Brasil.

Se houver oportunidade, o espetáculo *Sobrevivência,* escrito e montado por GibaGiba e Maria Betânia Ferreira — com músicas de Wanderley Falkemberg, Toneco, Pery Souza e Vitor Ramil, além da dupla Giba-Betânia — vai percorrer outros cantos do Brasil. "Mas isso não preocupa muito a gente", diz Giba. "Só iremos se pintar mesmo uma boa chance de mostrar o trabalho".

O certo é que, no final de novembro, ele estará em alagoas e no Recife, participando, junto com inúmeros outros músicos brasileiros, da Missa dos Quilombos, escrita por Dom Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, musicada por Milton Nascimento. "A Missa tem a finalidade de unir as pessoas em torno de um bem comum, que é a libertação", diz o compositor gaúcho. Giba ajudou na pesquisa do texto, que contará a história do negro no Brasil.


Luiz Eduardo Achutti

Giba e sopapo: instrumento afro-gaúcho

EM PÉ DE MÚSICA

A situação do negro no Rio Grande do Sul, aliás, é conheicda em profundida por GibaGiga. Nascido e criado em Pelotas, ele cresceu ouvindo as histórias das senzalas, das charqueadas e dos quilombos do Vale dos Tapes, a 300 quilômetros de Porto Alegre. Foi ali que nasceu o sopapo, instrumento que aprendeu a tocar ainda na adolescência. Segundo Giba, a situação do negro não mudou muito desde aquele tempo: "Ele continua sendo explorado, na fila do ônibus, na fila do feijão, nos estádios de futebol. No carnaval, a alegria do negro é apenas um instrumento, uma fonte a mais de lucros".

GibaGiba sabe do que está falando. Em 1961, ele ajudou a fundar a primeira escola de samba de Porto Alegre, para onde veio em 1949, a *Academia de samba A Praiana.* Em 62, com 140 membros, *A Praiana* estreou no carnaval de rua da cidade, arrebatando todos os prêmios existentes. "Mas, no ano seguinte, surgiram várias outras escolas, o negócio foi se desvirtuando e eu preferi me afastar".

Nessa época, Giba teve várias profissões. Foi atendente do Pronto-Socorro, auxiliar de escritório, bancário, funcionário público. Em 65, dividia seu tempo entre o Pronto-Socorro e a organização do Arquisamba — festival de música universitária promovido pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal.

"Era uma época de grande esperança, a cidade estava em pé de música. A meninada ainda não tinha entendido e avaliado a profundidada do esquema pós-64, recorda o percussionista. Junto com Ivaldo Roque, Mutinho, João Palmeiro e as irmãs Lais e Silvia Marques, ele forma o grupo *Canta Povo,* que rapidamente tornou-se conhecido das platéias dos arquisambas e do Festival Sul-Brasileiro da Canção. O poeta Augusto de Campos, de passagem por Porto alegre, assiste a uma apresentação do grupo e volta entusiasmado à São Paulo. Escreve para o extinto *Correio da Manhã* um artigo dedicado à música do *Canta Povo,* "A hora e a vez dos gaúchos". O estado-maior da gravadora Phillips desloca-se até Porto Alegre para contratar o *Canta Povo.* "Mas aí aconteceu uma crise existencial entre nós e o grupo foi minguando", explica Giba, cauteloso.

ANTROPOFAGISMO?

Vem o AI-5, o clima no país torna-se irrespirável, pesado. "Só que aí a gente já estava a mil, já era compositor, já sabia o que iria ser pelo resto da vida". Foi nesse embalo que nasceu, quase por acaso, o grupo *Uma Mordida na Flor,* formado por Wanderley Falkemberg, Luiz Santana, GibaGiba, Graça Magliani, Neri Caveira, Chaplin e Sibonei. "Queríamos reformar o mundo", lembra Giba. O grupo era exótico, agressivo, usava roupas muito coloridas, trazia uma mensagem demolidora. "Logo tornou-se um movimento, transcendeu ao espaço próprio de um grupo musical", diz ele. A revista *Veja* chegou a arriscar: "Vem aí o antropofagismo gaúcho".

"Tínhamos tudo para acontecer mas, mais uma vez, não deu pé". Dez anos depois, para GibaGiba, a explicação é clara: "Não tivemos conhecimento, sensibilidade, para ver o que ocorria à nossa volta". Sem esquecer que a cidade era Porto Alegre, "um cemitério, onde não há a luz, a sombra e a água necessários para que as coisas floresçam. A cidade não soube segurar a nossa barra".

Desfeito o grupo, o percussionista não parou de compor nem de trabalhar com música. Tornou-se um dos primeiros a tocar profissionalmente na noite de Porto Alegre, levando seu sopapo para o bar *Varanda.* Além dele, tocavam no *Varanda,* músicos do porte do Plauto Cruz, Clio Paulo, Peri Cunha, Jessé Silva. Zilá Machado comandava o espetáculo. Da *Varanda* — "a maior casa de música noturna que Porto Alegre já teve" — Giba foi para o *Sheik,* onde seu sopapo entrou definitivamente na história da boemia porto-alegrense. Depois foi a vez de um bar próprio, *Giba Giba.* Em 73, "vendo que o mercado estava aberto e consolidado", Giba pegou o sopapo e foi para casa. Continuou compondo e fazia shows esporádicos com um regional.

Foi só em 76 que voltou oficialmente, com o espetáculo *O Osso, Uma Reflexão* (em parceria com Flávio Oliveira). Depois vieram *Própolis, Cidade a Favor* (1977) e *O Corredor e a Esperança* (78), onde o trabalho de Giba e da parceira Maria Betânia consolida-se pela trilha atual, de denúncia da realidade opressiva em que vive o negro brasileiro, da pesquisa rítmica e da recuperação da linguagem e dos ritos africanos do Rio Grande do Sul. O próprio Giba explica esse caminho: "Na medida em que o indivíduo se dá conta de que não é isolado, automaticamente tudo o que ele fizer vai ter uma intenção mais abrangente. É impossível não falar daquilo que está a nossa volta, sobre o que a gente vê e não vê, ouve e não ouve. É impossível não dizer que os peixes estão mortos no rio, que as estrelas estão encobertas pela poluição. É impossível não falar da realidade".

HISTÓRIA RECENTE

A SECA NO BOM FIM

Eduardo Bueno e Francisco Ribeiro

No primeiro semestre deste ano o velho bairro judeu viveu sua primeira convulsão social juvenil

A seca no Bom Fim durou cinco meses. Foram tempos difíceis, de janeiro a maio de 81. Meninos e meninas de 16, 17, 18 anos já chegavam bêbados vindos do IAPI, do Partenon, à procura de alguma coisa nas conhecidas esquinas e bares do bairro, e nada. O sufoco foi crescendo e em maio durante as comemorações da Semana de Porto Alegre estourou — era quase inevitável — uma espécie de guerra civil no Bom Fim. Depois de uma confusão num show no auditório Araújo Viana, no Parque da Redenção, no outro lado da avenida Osvaldo Aranha, cinco mil jovens entraram em combate com as tropas de choque da Brigada Militar: cinco camburões danificados, centenas de presos, quatro feridos. O Bar Ocidente, no lado de cá da avenida foi invadido por soldados da Brigada que prenderam todas as pessoas que estavam lá, inclusive seus donos e seus garçons. Se era para acontecer, só podia ser no Bom Fim. Em fins de maio a maconha voltou, acabou a seca em Porto Alegre — período em que aumentou o comércio de cocaína — e o velho bairro judeu retornou à sua vida normal, agitada, é claro.

A rebelião de maio é, provavelmente, o marco mais identificador da mudança de comportamento do Bom Fim, um seguro reflexo da mudança de comportamento da juventude classe média no País. O Bom Fim boêmio do Bar Fedor, na década de 50; o Bom Fim esquerdista do Bar Alaska, na década de 60; — Bom Fim de jornalistas, músicos e candidatos a intelectuais da Esquina Maldita, na década de 70 é, agora, um caso de polícia para a polícia.

— A Osvaldo Aranha é a rua que mais nos perturba durante as madrugadas.

O desabafo é do delegado Ivair Maynardi, 33 anos, há um ano e meio chefiando a 10ª Delegacia, encarregada de policiar a área. Há dois meses, valendo-se de um abaixo assinado com 200 assinaturas de moradores e uma pastinha verde contendo mais de 100 ocorrências — desde a venda de bebidas alcóolicas a menores até roubos e esfaqueamentos — o delegado baixou portaria obrigando o fechamento dos bares até a meia-noite. O delegado explica:

O "todos" de que fala Maynardi, corresponde, na verdade, aos cinco bares que se situam entre a Travessa Cauduro e a Felipe Camarão, a "zona do agrião" que levava duas batidas policiais por semana. Escaparam à ameaça de fechamento a boate de streap-tease Calèche e suas go-go-girls que se pelam todas as madrugadas (ao lado da sede da Convergência Socialista). E os bares da Esquina Maldita (na frente da Faculdade de Arquitetura), que agora está tão calma que nem leva mais batidas policiais...

... Quatro dos mais importantes bares de Porto Alegre na década passada eram aqueles da "Esquina". Desde antes de 1968 e durante boa parte dos anos 70, o pessoal universitário ligado à política estudantil reunia-se diariamente no Alaska e discutia de táticas de guerrilha a programas socialistas. Apaixonadas discussões entre trotskistas, stalinistas e anarquistas. Os engajados ou simpatizantes da luta na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) ou no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) se encontravam no Estudantil (na frente da Faculdade Católica de Medicina). Hoje, nas mesas do Estudantil, a revolução não é mais uma meta. À direita do Alaska, o Copa 70, que viveu muitas noites de *jam sessions*, e era freqüentado por músicos como Giba Giba, Djalma Correa, Carlinhos Hartlieb — não existe mais. À esquerda do Alaska, o Mariu's, ponto da polícia incrustrado na "Esquina", onde era necessário sussurrar mesmo.

— Muita gente, eu entre eles, aprendeu economia, política e luta armada naquelas intermináveis noites do Alaska.

Quem recorda é o jornalista Eduardo San Martin, freqüentador dos bares do Bom Fim desde o final dos anos 60, e poeta com alguns sonetos dedicados ao bairro. Mas não era só política que se transava na "Esquina". Sartre, Brecht, Fellini, Wilhelm Reich rendiam muito papo entre gente que praticava a amizade colorida no mínimo dez anos antes dela virar assunto de televisão. Isack, o garçon do Alaska, conhecido de duas gerações ainda está lá, mas a "Esquina" agora é triste. San Martin tenta uma explicação:

— Durante certa época ainda houve a convivência entre tipos radicalmente diferentes. Era engraçado, no mínimo. Por continuar sendo o único território livre na ditadura abrangente da cidade, a "Esquina Maldita" era um lugar bastante democrático. Ali encontravam-se os lúcidos e os loucos. Mas o nível cultural também diminuiu. De repente, as pessoas começaram a ficar adultas um pouco mais tarde. Por mais que eu tenha transado ali naquele lugar, ainda não consigo compreender o que a garotada de hoje pensa. O que eles estão vivendo ali naqueles bares, parados, bebendo durante horas? A proletarização econômica da classe média parece ter gerado uma espécie de proletarização intelectual em seus filhos.

Há quem discorde dessa interpretação. E, afinal, o centro do Bom Fim, hoje, está distante da "Esquina", cinco quadras adiante.

Fotos Adolfo Gerchmann

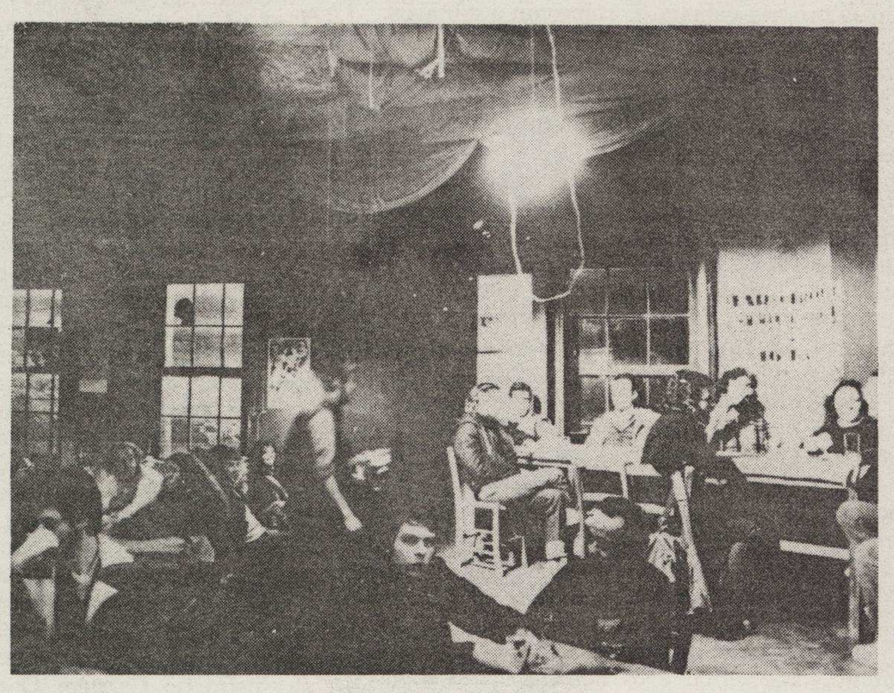


Julio Leite, do Bar João: sair antes de ficar pinel



Caldas Júnior

A "guerra" de maio na avenida Osvaldo Aranha: meninos



Ocidente: depois da invasão, um bar privê

...os judeus compraram dos negros

Formado por terrenos alagadiços e de pouco valor na época, o Bom Fim era conhecido como a Várzea, na segunda metade do século passado. Habitado desde o início pelas minorias raciais, pelos marginais e desvalidos, acabou transformado no mais cosmopolita e mais democrático bairro de Porto Alegre. Rebatizada de Campo da Redenção ao final da Guerra do Paraguai (homenagem militar à vitória na batalha na Ilha da Redenção, no Rio Paraná), a área ganharia logo depois — 1870 — o nome definitivo de Bom Fim. E só escapou, segundo os registros da época, "da fúria das construções particulares", porque foi considerada pelos oficiais de alta patente como "uma área livre e desembaraçada para exercícios militares".

À medida que crescia a cidade, porém, o Bom Fim não resistiu. Abrigando guetos judeus foi logo se tornando um quase labirinto de pequeno comércio (lojas de miudezas, de confecções baratas, de móveis — hoje, ainda, são 23 as lojas de móveis). E os becos negros adquiriram má fama, no crescimento atrasado e descuidado do bairro. Até fins dos anos 50, pouca gente se arriscava a cruzar a atual Travessa Cauduro. A convivência interna no Bom Fim, no entanto, era boa entre negros e judeus. Era. Com o desenvolvimento que se seguiu a IIª Guerra, o bairro sofreu uma violenta investida de especulação imobiliária. A linha de bondes entre as palmeiras da avenida Osvaldo Aranha (que separa o bairro do Parque da Redenção) aumentava seu movimento do Centro em direção a Petrópolis,

Fotos Adolfo Gerchmann



Pecis: o bairro sempre foi assim

— Conheci isto aqui em 1919 — conta Pecis com a voz quase sumida. As ruas eram apenas lama, os colonos sentavam-se na várzea e vendiam melancias, à noite apareciam os acendedores dos lampiões a gás. Porto Alegre mal chegava aos 200 mil habitantes, mas nesta época já haviam os vagabundos que se embebedavam no Serafim (o Bar Fedor) e dormiam bêbados na várzea.

Paralelamente, os pequenos bares tornaram-se pontos tradicionais de encontro. O Bar João, situado no mesmo quarteirão do clube Círculo Social Israelita e da Sinagoga, é o mais antigo deles, sucessor do Fedor. Pela manhã e à tarde reúne grupos conhecidos de cafezinho, velhos comerciantes e funcionários aposentados. "Somos uns 55", calcula um deles, "e só não jogamos pauzinho porque judeu não abre a mão". Nos fundos do bar, duas salas de Snooker, onde mulher não entra. Lá ainda se pode ver jogando um astro, como Luis Carlos Severo, 40 anos, o popular Chiclete, ex-fedorento (isto é, remanescente do Bar Fedor), que juntamente com Bojãozinho formou uma das maiores duplas de sinuca do Bom Fim.

— O jogo sustenta a casa. Paga os salários dos empregados e o aluguel. Se não fosse isso, não daria para sobreviver — afirma Julio Leite, 32 anos, que há dois anos comprou o João por Cr$ 650 mil e agora quer vendê-lo por Cr$ 2.500 mil cruzeiros. É porque à noite, tudo se transforma na avenida Osvaldo Aranha:

— Já estou ficando pinel, diz Leite. Meu quarto é aqui em cima, não consigo descansar. Os policiais querem que eu peça documentos às pessoas que entram aqui, mas eu não vou policiar ninguém. Eles já garantiram que querem me fechar, vou ver se escapo antes. Eles já mataram 50 por cento do movimento da avenida. Querem matar o diálogo, a troca de idéias. Vão acabar conseguindo...

...à noite, álcool. De dia, comércio

À noite: mandrix e afins (muito éter durante a seca), picada e maconha. Mas, acima disso tudo, muito álcool. No Bar João o consumo diário é de 12 caixas de cerveja e 48 garrafas de cachaça. Dos cinco principais da avenida, é o mais popular, o mais procurado pela rapazida noturna que arrasta seus casacos pesados e jaquetas engorduradas.

— Os policiais já fizeram coisas aqui dentro que eu só vi em filme nazista — conta Júlio Leite, o proprietário. Em abril, botaram 30 pessoas de joelhos dentro do bar e obrigaram todos a se identificarem. Em maio eu fui preso. Hoje, nós temos mais medo da polícia que dos marginais.

No Beira Mar, na esquina da Travessa Cauduro, a clientela é mais ou menos fixa, das redondezas — 7 caixas de cerveja por dia. Tem máquinas de música "diabo" (Jerry Adriani, The Fevers, etc.). João Selau, 40 anos, o proprietário, não pode atender a determinação da polícia de baixar as cortinas até a meia-noite.

— Já deram várias batidas, mas aqui não acontecem confusões. E o aluguel está caro, a comida está cara, eu simplesmente preciso trabalhar sempre, sem parar. (De qualquer maneira, está à venda, por Cr$ 1,8 milhão de cruzeiros).

Lola, entre a Cauduro e a João Telles — neste, a barra já é outra: "É o campeão mundial de ocorrências", dizem os policiais da 10ª Delegacia. É, de fato, o bar onde acontecem as brigas de mais baixo nível, de garrafadas em diante — bebe-se 9 caixas de cervejas diárias, fora a cachaça. Aberto as 24 horas do dia para atender os plantonistas do Pronto Socorro Municipal e motoristas de táxi, também não pode fechar. O português Manuel Loureiro, de 43 anos, baixa a cortina até a metade e fica na espreita: quem chega, pode entrar. Salazarista convicto ele tem outra solução para as noites mais tumultuadas do Bom Fim:

— Apenas o policiamento intensivo pode sanear esta área.

Outro, o Leblon, quase ao lado do João na quadra que vai da João Telles à Fernandes Vieira, com novo dono, Moacir Dalbosco, há seis meses, mudou bastante: "Os magrinhos bêbados estavam afastando as famílias do nosso bar. Mas as famílias dão mais dinheiro... e são mais calmas, preferimos elas". Mesmo assim, são 5 caixas diárias de cerveja.

Enfim, Ocidente, o quinto bar na zona da turbulência. Na parte superior de um dos sobrados mais antigos do Bom Fim, na esquina da João Telles, é o mais criativo e colorido de todos, produto de uma sociedade bastante eclética: uma jornalista de 50 anos, um médico residente da Santa Casa, uma diretora de teatro, um arquiteto e um "desqualificado". Em setembro do ano passado eles reuniram Cr$ 700 mil e abriram a casa. A inauguração foi um *salve-se-quem-puder.*

— Abrimos as portas e o bar foi literalmente invadido pelo pessoal conhecido. No fim da noite estávamos transformados em trapos, atordoados, não cobramos quase ninguém — relembra Fiapo, o arquiteto.

Em janeiro, com a seca de maconha na cidade e a garotada do IAPI, Cidade Baixa, Partenon, e outros lugares despencando no Bom Fim a barra ficou pesada de vez. A média: 10 caixas de cerveja a cada quatro horas. "Começaram as brigas, nossas amizades saltaram fora, ficamos sozinhos com os vândalos", conta Fiapo. Ele se assustou: "ficamos entre dois fogos: a garotada raivosa e os policiais. O delegado nos culpava pelo foco". Em maio o Ocidente estaria justamente no centro daquele conflito entre milhares de garotos e as tropas da Brigada Militar. Em junho, o Ocidente mudou, virou privê, só entra jornalista ou portador de carteirinha da casa. Fiapo brinca: "Talvez a gente demore mais para enriquecer, mas pelo menos não vamos enlouquecer tão cedo".

Em julho, diminuiu a presença policiail. A rapaziada está mais calma. Mas nada mudou, no fundo. O velho Bom Fim continua efervescente, mesmo atrás de cortinas de ferro semi-cerradas. Quando amanhece, os judeus abrem suas lojas. Parece um lugar tão distante.



e meninas x Brigada Militar

e a convivência degenerava. Os judeus mais bem sucedidos compraram as propriedades dos negros pouco a pouco. Moacyr Scliar, escritor de 44 anos, nascido e criado no Bom Fim, autor de vários livros que tem o bairro como cenário principal faz uma comparação para explicar o que houve:

— Os judeus e os negros pobres do bairro se davam muito bem. Foi justamente esse caso de especulação que estremeceu o relacionamento até então equilibrado. Um caso semelhante a estes se deu no bairro East River, em Nova York. Os judeus que subiram na vida mudaram-se dali e alugaram suas residências aos porto-riquenhos, que passaram a odiá-los por serem eles os seus *landlords* (senhorios, locador).

Hoje, o Bom Fim é um ponto comercial valorizadíssimo e um bairro residencial igualmente caro. O metro quadrado de um ponto comercial custa 15 mil cruzeiros por mês e peças com apenas 30 metros quadrados são consideradas de dimensão apropriada. O aluguel de um apartamento de 45 metros quadrados, com apenas um dormitório também chega aos 15 mil mensais.

— O grande impulso imobiliário no Bom Fim, bem como no resto da cidade e até do país, se deu em princípios de 1979, quando surgiu a lei 6699, conhecida como a nova lei do inquilinato — explica Cleber Florêncio, gerente da Schafram, uma das maiores imobiliárias do bairro. Até 79, construíam-se pouquíssimos edifícios comerciais. O *boom* foi justamente nesta época. Nós, por exemplo, construímos um edifício comercial de oito andares e, em quinze dias, todas as peças estavam alugadas ou vendidas.

Mas a principal marca do bairro judeu sempre foi mesmo a do comércio individual, principalmente de móveis. A quadra da Osvaldo Aranha entre as ruas Barros Cassal e Thomaz Flores é formada exclusivamente por lojas de móveis. A mais antiga é a casa Brasil, de Jacob Pecis, um judeu de 87 anos, há 57 no mesmo lugar.

Serafim (à esquerda) e sua turma do Fedor

Fotos Adolfo Gerchmann



Velho Fedor *de guerra: uma história*

Frango com polenta é a especialidade do Bar e Café Bom Fim, na rua Felipe Camarão. E seu proprietário, Serafim Correa, 78 anos, faz questão de dizer que isso é o mais importante. Ele é dono do bar e não o ex-dono do Fedor, *acabado num incêndio em 1976 e que ficava ali pertinho, na esquina com a Osvaldo Aranha. Mas, como esquecer se, ao seu lado no atual Bar Bom Fim estão os mesmos funcionários de 20 anos atrás — Dona Maria (Otília Costa Pereira), seu Jorge e o Noé?*

Em 1930, ao desembarcar do navio o marceneiro Serafim começava a mudar de profissão e se transformar num pedaço da história de Porto Alegre ao se associar a seu irmão que há poucos meses havia aberto um bar na estrada do Bom Fim (avenida Osvaldo Aranha). Um bar que marcou o bairro — e a cidade — na década de 50, que não fechava as portas (em 64 um grupo de policiais invadiu o Fedor *à caça de subversivos, em seguida ao golpe, e baixou a ordem: "Fechem as portas" — inútil, estavam definitivamente abertas e emperradas).*

Uma das leis do Fedor: *briga de malandro não pode durar mais do que 24 horas. Malandros jogadores de bilhar, ou biscateiros que íam até o porto pegar whiski J.B. legítimo e tecidos de nylon de contrabando, ou simplesmente vender tecido falso por "corte de casemira inglesa". Era a chamada* marreta. *Uma vitória do* Fedor: *venceu a tendência isolacionista dos judeus. Lá dentro pardal (judeu) e goi (não-judeu) não encontravam diferença.*

Fragmentos da memória. 1954: a cidade de Porto Alegre está revoltada com a morte de Getúlio Vargas, mas no Fedor *a vida continua. Até que chegam os manifestantes, de um lado, e o exército, por outro. Um negro enrolado na bandeira do Brasil morre em cima dos trilhos do bonde, e a mesma bala de fuzil mata outra pessoa (segundo Serafim, aquela mesma bala atingiu um terceiro, que também morreu). Há invasão, quebram as mesas, voam tacos de bilhar e, pela primeira e única vez, o* Fedor *é obrigado a fechar.*

Pouco depois começa a "era JK" com seus modernismos, chegam a música americana e os produtos industrializados, como o radinho de pilha, que vão acabando com as facilidades de "viver de expediente". Agora tem nas lojas quase tudo que era raro. Mas o Fedor *resiste, estudantes ou intelectuais continuam a discutir. Depois de 64, começaram a se espalhar (alguns vão para a clandestinidade, sabe-se que dois ou três morreram nas guerrilhas).*

Em 1976, o incêndio, iniciado na pizzaria dos uruguaios, La Favorita, ao lado. José Setembrino Faermann, o pathé, *pardal e cantor de tangos e* Negro Julinho, *goi e bom de briga não puderam chorar, tinham morrido antes.*

INDICADOR PROFISSIONAL

Dr. João Carlos Domingues

Pediatra

CREMERS 7537
CPF 165332080/064
José de Alencar, 1.296, Apto. 1
Porto Alegre RS

MATO GROSSO | **AGERMAT.**

ADVOGACIA
AÇÕES COMERCIAIS
CÍVEIS, AGRÁRIAS,
CRIMINAIS
E EXECUÇÕES

TERRAS
ADM. IMÓVEIS,
REG. DOCUMENTOS
COMPRA — VENDAS
FAZENDAS — CASAS

REPRESENTAÇÕES
COMERCIAIS E PARTICULARES
ASS. E INFORMAÇÕES
COBRANÇAS DE N.P.
CHEQUES E DUPLICATAS

RUA BARÃO DE MELGAÇO, Nº 2.426
FONE: 065-322-10-38, 321-51-38
CUIABA MT

Omar Ferri

Advogado

OAB 2406 CPF 004117520
Uruguai, 155 cj. 1306
fone: 25-4119
Horário: 10 — 12hs
16,30 — 18,30 hs.
Porto Alegre RS

Luiz Goulart Filho
OAB 7182 CIC 183730030/53
Hélio Goulart
OAB 12.600 CIC 220083570/15

Advogados

Horário: Das 10,30 às 11,30 e
Das 17,00 às 19,00 hs
Demétrio Ribeiro, 1078 cj. "B"
fones: 25-8393 33-6476

Nereu Lima

CPF-MF 082058760-53
Advocacia Criminal
Borges de Medeiros, 410
salas: 509/510
tel: 24-6049 Porto Alegre

Geraldo Nogueira da Gama

Advogado

OAB 5951 CPF 059035050/15
Rua Cel. Genuíno, 421
— 12º andar
Fone 25-0154
Porto Alegre RS

LUIZ LOPES BURMEISTER
OAB 2334

ROGÉRIO MENDONÇA
OAB 66 E 17

ADVOGACIA TRABALHISTA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 159/105
Fone: 25-5866
Porto Alegre

ANTÔNIO PINHEIRO MACHADO NETTO

MARILIA PINHEIRO MACHADO BUCHABQUI

JOSÉ ANTÔNIO GOMES PINHEIRO MACHADO

JORGE SANTOS BUCHABQUI

advogados

Rua Riachuelo, 1.098 — conjunto 603.
Telefones 243855 e 243860.
Porto Alegre, RS.

Luiz Carlos
Calachi Moraes

Advocacia Trabalhista

P/Empregados

Andrade Neves, 159 sala: 64
fone: 33-5445
Edifício Amazonas

Rovílio Antonio Breda
OAB/RS 2583

Abade P. Bulhões
OAB/RS 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

ADVOGADOS

OAB/RS 939 CPF 001783570/49
fones: 24-2796 e 25-6305

Helio Carlomagno

ADVOGADO

João Carlos Gastal OAB 599
Newton Domingues Kalil OAB 7061

Falências e Concordatas

Inventários — Separações — Divórcios
Rua Ramiro Barcelos, 330
2º and. fone: 24-9846

Advogacia em Geral — Questões de Direito das Sociedades Cooperativas

Dr. Marco Túlio de Rose
OAB 9551 — CIC 133.646.690/15

Dr. Luiz Rache Vitello Filho
OAB 11.613 — CIC 202.967.700/00

Dra. Liliana Berry Veiga de Rose
OAB 10.987 — CIC 210.190.880/87

Rua Uruguai, 335, s/37 — Fone: 25-2687
Porto Alegre

---

advogados

HELIO ALVES RODRIGUES
oab 3975 cpf 001520800/15
JULIO CÉSAR ALVES RODRIGUES
oab 3408 cpf 001520990/34

RUA ANDRADE NEVES, 155
conjs. 71 e 72
fones: 24-8616 e 25-8035

Mario Chaves
Carlos Franklin Araújo
Vera Lucia Kolling

ADVOCACIA DE EMPREGADOS

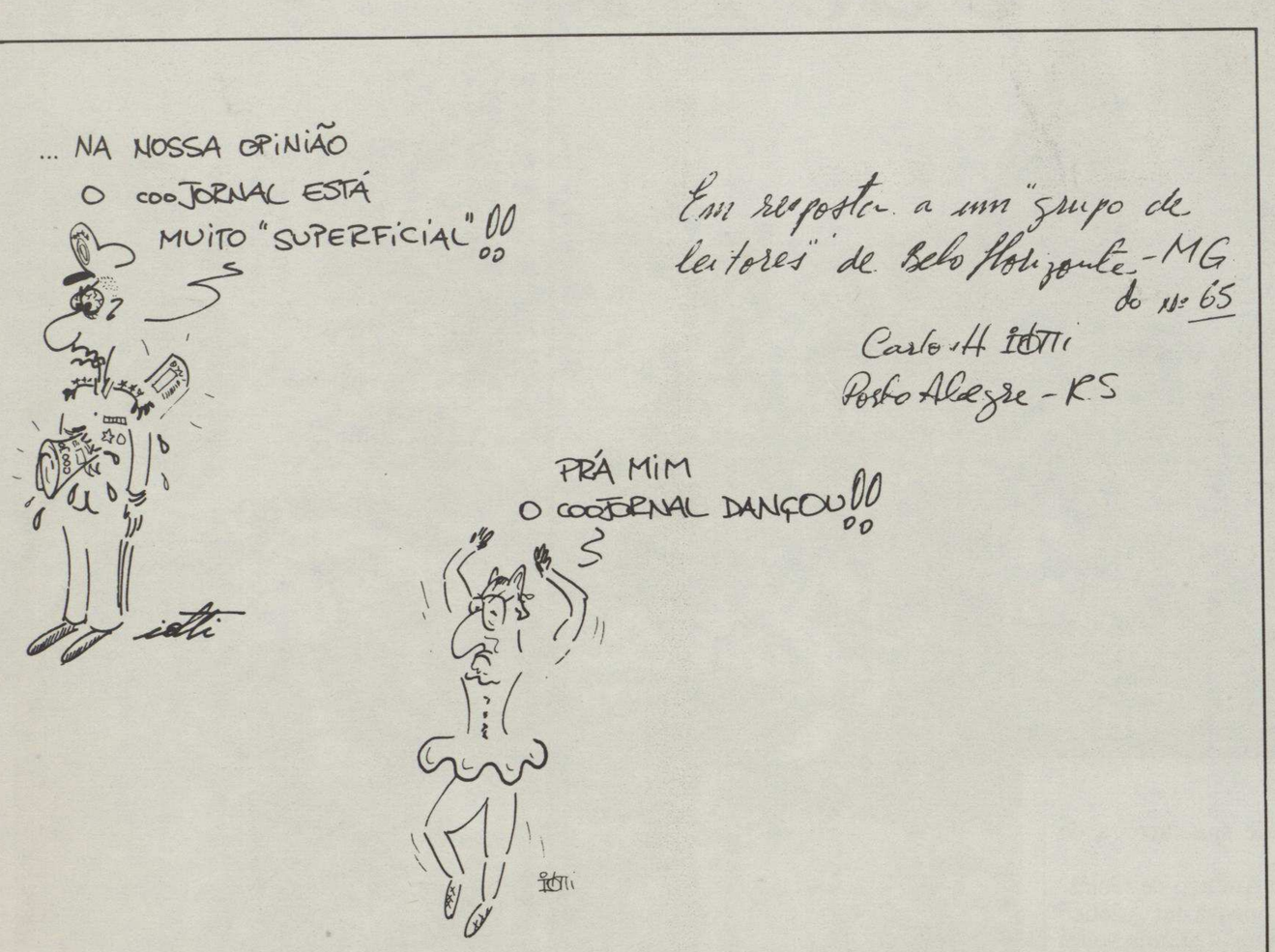
Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre

Intelectuais versus imbecis

"Quando vejo pessoas como Darcy Ribeiro, e outros intelectuais do 1º time, achar que religião e Deus é pra imbecis, fico com esta história: Na Rússia, antes do regime comunista, certo ateu tinha realizado um comício público, abertamente desafiando a Deus. Uma pequena camponesa se levantou: "Senhor, não posso responder a todos os seus argumentos cultos; sou apenas uma lavradora de terra. Peço-lhe o favor, com toda a sua inteligência superior, de me responder a uma pergunta, já que há muitos anos que sou crente em Cristo Jesus. Sinto gozo da salvação e tenho enorme alegria na Bíblia. Sua consolação sempre foi uma doce alegria para mim. Se, na hora da minha morte, eu chegar a descobrir que não existe Deus, que Jesus não é o filho de Deus, que a Bíblia não é verdadeira e que não há salvação, nem céu para eu ir — diga-me então: "O que perdi por ter crido em Cristo durante a vida?"

Comovido pela simplicidade da mulher o ateu respondeu: "Senhora, não perderás coisa alguma".

Renato Canini (mais um dos "imbecis" que põe em Deus a sua confiança) Porto Alegre — RS



Reflexões sobre uma noitada

Gostei da "noitada" do debate sobre a função social da psicanálise. Afinal, sempre é bom sair do confinamento e partir para uma boa de sentir-se no mundo. O tema foi interessante e apesar do meu cepticismo em relação ao Brasil, parece-me que realmente começa-se a conversar coisas novas. Para mim foi como espanar as teias de aranha acumuladas nesta vidinha de merda de cidadezinha do interior. Os questionamentos feitos à função social da psicanálise já os havia escutado no distante Uruguai de 1966. Não importa, os enfoques foram tão diferentes, valeu a pena. É certo, faltou Hélio Pellegrino, Eduardo Mascarenhas veio de improviso, as colocações de Flávio Tavares, foram boas e a Suzana Stein deu aquela presença feminista tão necessária no nosso mundo de homens, rompendo o velho esqueminha de que nós mulheres carregamos sobre às costas ou meio das pernas, o tão falado complexo de castração.

Claro, para mim tudo fica um pouco incompleto. Penso nas mulheres e filhos de presos políticos, muitos necessitando urgente de um tratamento psicanalítico e que não conseguem fazê-lo pela enorme montanha de dinheiro que pedem os especialistas no assunto. Sabemos que filhos de presos e pais torturados têm uma estrutura inconsciente muito complexa e as seqüelas podem ser consideradas importantes. Num impulso quase infantil, estive tentada em determinado momento de parar-me e lançar este questionamento, mas diante do autoritarismo com que foi coordenada a mesa redonda pareceu-me ridículo transformar minha queixa em perguntinha. Desculpem meu desabafo e atrevimento...

Li o novo **Coojornal.** Gostei, gostei muito. Deu-me alegria vê-lo outra vez mais bem vestido, com roupagem nova. O Scliar, como crítico de Gabeira, pareceu-me ridículo. As correções feitas de gramática e concordâncias verbais, é de um fervoroso burocrata. O importante é o depoimento de Gabeira, se não dá bem certinho com o Português, azar. O livro mais importante: *O que é Isso Companheiro?* foi justamente o que ele não leu.

Estive no Uruguai. A sensação que dá, além da alegria de ver as gaivotas levantarem vôo, é que a República Oriental deteve-se no tempo e no espaço...

Um abraço amigo".

Rose Mary
Montenegro — RS

Além de indignados, desconfiados

"Primeiramente, nossa solidariedade aos jornalistas dessa Cooperativa, condenados pela publicação de fatos que compõe a história deste país. O que nos leva ao **Coojornal** é o fato de sentirmo-nos prejudicados no que diz respeito ao Festival MPB Schell 81.

A finalidade a que se propunha o festival, seria a de revelar novos valores na música popular brasileira. Mas pelo que se viu até agora nas eliminatórias já realizadas nada disto aconteceu, pois, muitos dos autores e compositores que estão concorrendo já figuram nas paradas do sucesso de todo país como por exemplo: Kleiton e Kledir, Guilherme Arantes, Jessé, vencedor da categoria intérprete do ano passado, Mongol e Oswaldo Montenegro, e também ainda Bety Goulart, atriz, e cantora famosa. Dentre as 60.000 inscritas apenas 60 músicas foram "sorteadas", mas todas de gente já famosa. Será sorte? Houve conforme foi apregoado um sorteio justo? Porque não ficou classificada a música de Zé Geraldo, "MILHO AOS POMBOS"? Esta música só é ouvida ainda porque é solicitada às emissoras por pessoas conscientes da verdadeira mensagem do autor, enquanto que as já classificadas são ouvidas com maior freqüência em todas as emissoras de rádio e televisão do país, que curtem uma razoável dependência da Rede Globo de televisão promovedora do MPB Shell 81.

Nosso recado foi dado, contamos com o vosso apoio.

Sem mais, as nossas cordiais saudações".

Ilário Amaral da Silva (autor)

Jorge Omar P. Pacheco (compositor)
Carazinho — RS

Cartoon anti-semita? Ora, essa!

"De surpresa foi a minha reação ao ler a carta do senhor Horácio Sendaez publicada no **Coojornal** nº 64 (junho). Tece ele "considerações" a respeito de um desenho por mim executado e que ilustra a matéria "no País das crianças armadas" publicado no **Coojornal** nº 63 (março/abril 81). A situação que o desenho descreve não é uma criação do autor e sim uma idéia desenvolvida a partir de um texto jornalístico, mais precisamente: "para ele, colocar metralhadoras Kalischinikov nas mãos de meninos é fundamental para a luta de um povo que não quer perder sua identidade cultural".

O que me causa estranheza é sua alegação de que "conscientemente ou não", estaria "alimentando com material de propaganda" e "dando de mão beijada" trunfos ou seja lá o que for para os terroristas de direita. Fique tranqüilo. Os jornalistas estão conscientes de que querem democracia aqui, na Palestina ou em Israel".

Eugênio Neves (Corvo)
Porto Alegre — RS

Héber...

(continuação da última página)

— O jogador é extremamente individualista, está preocupado com o que pode ganhar. Com relação à política, estão alheios. Mas você sente às vezes que o pessoal também tem medo. E a imprensa muitas vezes não ajuda. Acho que ela deveria separar bem o atleta, o que ele faz dentro de campo, com sua vida fora. Ver no que ele é útil ao futebol e no que é útil à sociedade.

— E não há uma preocupação com o público?

— A gente tá sabendo que o público tá ali no domingo, na quarta-feira levando seus problemas também. Eu sou a favor é de que o homem leve seus problemas não é para dentro de casa, mas para fora, para a rua mesmo, soltar as coisas que estão acontecendo. Tá todo mundo muito encolhido.

— Você trabalha junto com o Leão, que é identificado com a antiga Arena, como é sua conversa com ele?

— É papo mais de amigo, de colega, mas idéias são poucas. O Leão é um cara que reivindica muito pra gente, é bem ligado.

— Quer dizer, pode ser de direita mas tem consciência de classe?

— Pode ser, não, ele é bem ligado ao sistema. Mas como colega é uma pessoa que você tem que ter, porque ele reivindica bicho, se preocupa até com o gramado do Olímpico. E a opinião dele é forte, ele é inteligente.

— E essa história de Seleção, como é mesmo para você?

— Eu quero ser titular do Grêmio dentro de dois ou três meses e quero chegar à Seleção Brasileira, porque sou bom, tenho qualidades. Eu cheguei aqui no Grêmio um pouco revoltado pelo que já tinha me acontecido em Goiás. Aí eu vi que no Grêmio você tem condições.

— Tem o Baltazar na sua frente, no Grêmio e na Seleção. E parece que vocês têm em comum a religiosidade. O Baltazar sempre se refere a Deus. Com você, como é?

— Eu creio em Jesus Cristo, em Deus, só que não é um Deus repressivo. Já fui à igreja com o Baltazar diversas vezes, mas eu procuro Cristo é no meu relacionamento.

— Você parece que se interessa também pelos índios. Já teve contato com eles?

— Eu freqüentei a Casa do Índio, lá em Goiás, lá onde eles vão para se tratar. Conheci bem um deles, ele sabia bem das coisas. Mas sempre foi assim: eu, atleta, ele, índio. Mas eu tenho conhecimento desses lances de tomarem as terras deles, acompanho pela imprensa isso que está acontecendo.

— E a política? Você já se definiu por algum partido?

— Estou mais pro PT, porque está mais ligado ao trabalhador, com a gente mesmo, com o pessoal que faz o país, culturalmenhouvesse uma mudança no País, culturalmente, que os canais de televisão educassem melhor o nosso povo, que não fosse assim: trazer as coisas de fora e jogar pra gente pensar que é uma realidade da gente.

— E o Lula, o presidente do PT?

— Acho ele um cara incrível, acho que ele está certo, gosto desses contatos que ele está fazendo, tipo aquele com o polonês (Lech Walesa). Acho que ele está preocupado mesmo com o operário. Tanto é que nesse lance aí do pessoal se unir ele não está cedendo. Porque, de repente todo mundo se une para ganhar o poder, mas na hora de dividir vai dar uma confusão.

— Podes abrir teu voto agora? Em 82 vais votar no PT mesmo?

— No PT... Meu pai foi presidente do PMDB em Palmeira do Goiás.

— Voltando ao futebol, o que é que não está bem no futebol brasileiro? O que é que você mudaria?

— O futebol tem que voltar mais para dentro de campo, tem que soltar mais o jogador. Porque as coisas estão evoluindo muito na parte física e o atleta tem que ter mais contato com a bola, com o drible, com o gol. Tem que arriscar mais. O futebol está fugindo de sua origem.

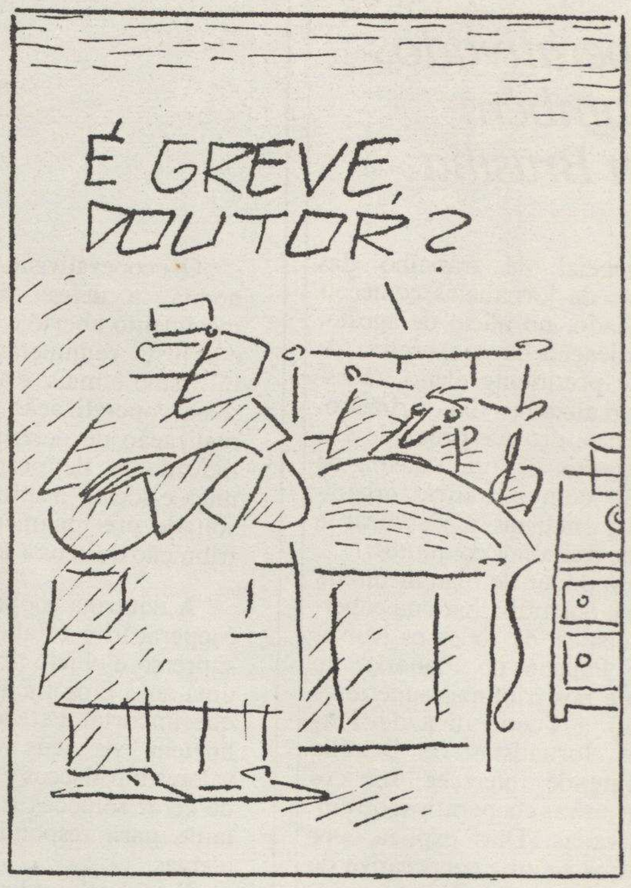
— Na tua opinião, como é que isso aconteceu?

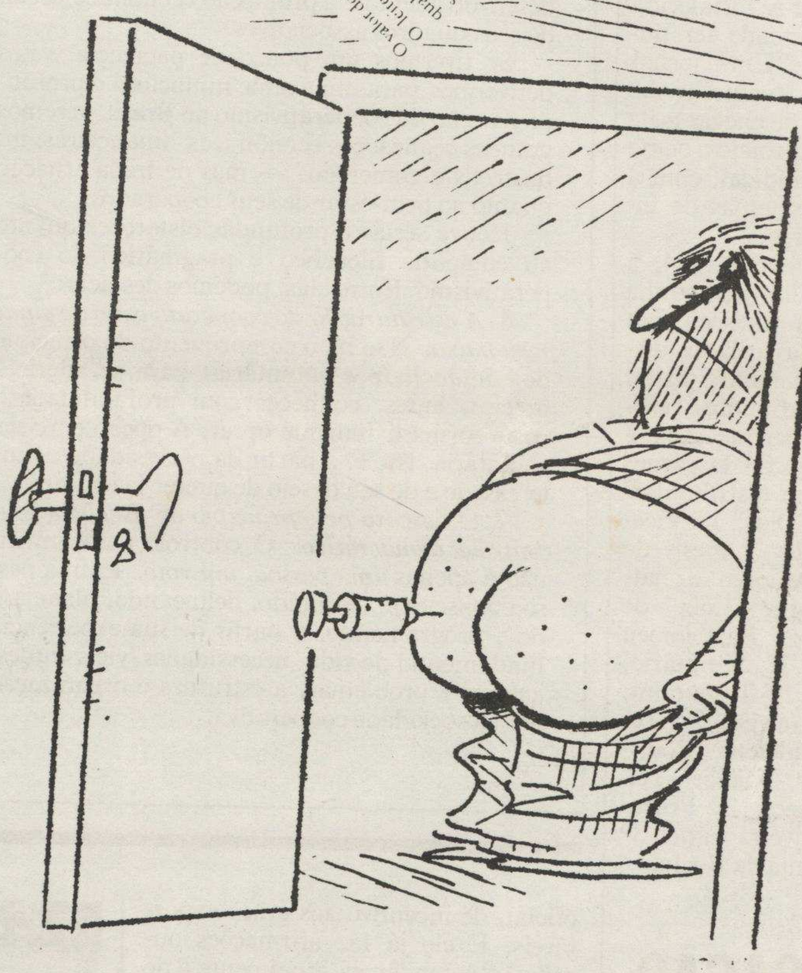
— Foi naquela época, quando designaram o Coutinho pra Seleção. E a Seleção é o modelo, faz a cabeça do pessoal. E tem esse negócio de garantir o emprego, o time não pode perder.

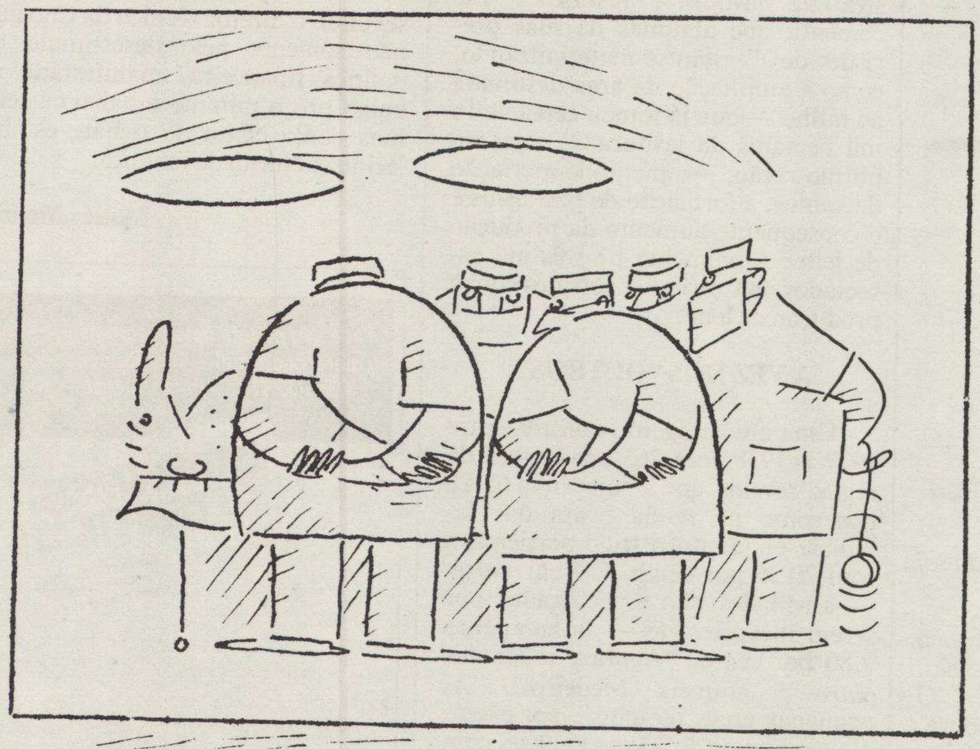
— O futebol recebe muita atenção da imprensa. O jogador de futebol além de ser marcado em campo pelo adversário tem também a marcação da imprensa, não? Quer dizer, tem que dar explicação todo dia...

— É, jogador de futebol segura altas barras neste país. Eu gostaria que os cronistas entrevistassem o Governo como entrevistam jogador de futebol, com a mesma garra.

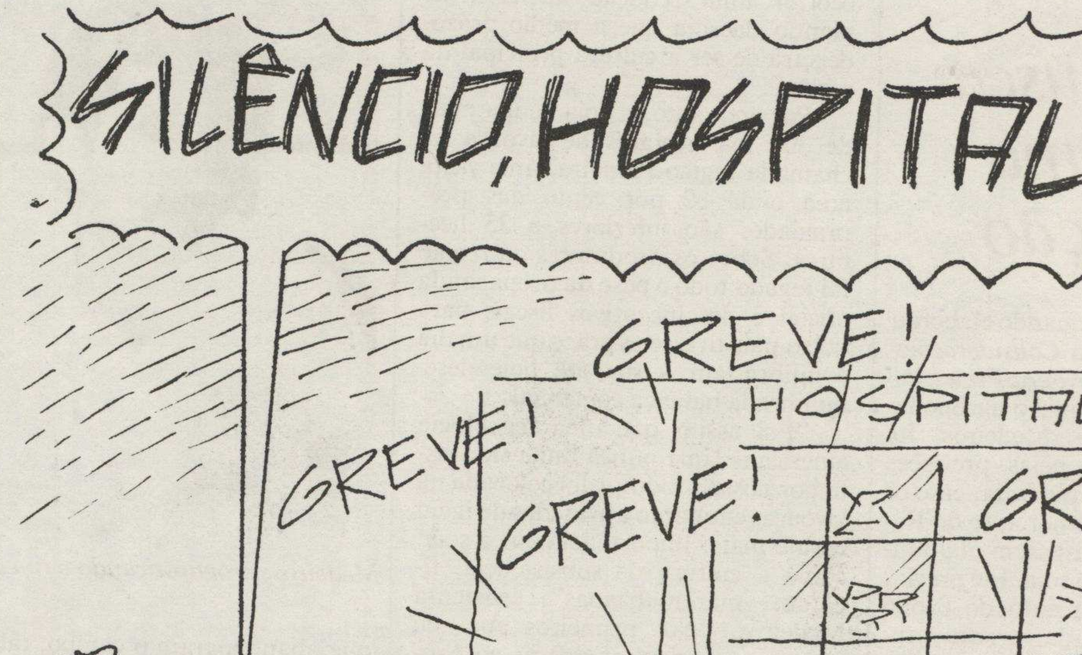












O valor do leite materno:
O leite do peito é o alimento melhor do que mamadeira ou qualquer alimento que custa à venda para o nenê. Se a mãe der somente leite materno durante os primeiros 4 a 6 meses, ela estará protegendo o nenê contra diarréia e muitas outras adversidades.

TERCOL é um caroço vermelho e inchado nas pálpebras, normalmente perto da borda. Para tratar, aplique compressas mornas e úmidas com um pouco de sal na água.

A importância das Vitaminas:
VITAMINA B 1 (Tiamina) protege os nervos e o coração. A sua falta pode causar a doença Beri-Beri.
VITAMINA C protege contra as doenças contagiosas (Gripe, etc.).

JORNALISTAS

Cooperativados também em Brasília

O potencial de trabalho das cooperativas de jornalistas começou a ser ampliado, no início de agosto, com a reativação da cooperativa de Brasília. O presidente eleito na assembléia realizada dia primeiro, Etevaldo Dias, diz que pretende discutir a criação de um sistema de colaboração com as outras organizações de jornalistas e viabilizar a execução de trabalhos conjuntos.

Com um poder de fogo incomum (seus associados trabalham na cobertura jornalística de todos os Ministérios, no Palácio do Planalto, no Congresso e nos tribunais superiores de Justiça) a Cooperativa de Trabalho dos Jornalistas de Brasília (CTJ) pretende oferecer serviços especiais a outras cooperativas ou empresas privadas. Dias explica, por exemplo, que se uma cooperativa de leiteiros de Minas Gerais "tem interesse em saber tudo o que acontece sobre o assunto, a nível de Governo e Parlamento, pode contratar os nossos serviços. Ela receberá periodicamente as informações sobre o encaminhamento global do assunto em Brasília".

Antes de considerar-se fortalecida a cooperativa não pretende ter publicações próprias. "Um jornal próprio virá com o tempo", diz Etevaldo Dias. "Antes de chegar a ele vamos executar outros projetos, como o de um jornal intersindical, com a cobertura dos grandes temas de interesse dos trabalhadores".

Criada inicialmente em 1974, a cooperativa de Brasília não tinha saído do papel. Agora renasceu com força, com 205 novos associados dispostos a fazê-la funcionar. Entre efetivos, suplentes, diretores executivos e chefes de departamentos, a CTJ tem 54 dirigentes. Os 11 cargos principais foram assim distribuídos: presidente, Etevaldo Dias; 1º Vice-Presidente, Adriando Lopes de Oliveira; 2º Vice, Antonio Frejat; Superintendente, Jorge Luiz de Souza; 1º Secretário, Bartolomeu Rodrigues da Silva; 2º Secretário, Marcos de Oliveira; 1º Tesoureiro, Virgínia Malheiro Galvez; 2º Tesoureiro, Maria Madalena Rodrigues; 1º Procurador, Manoel Teixeira de Carvalho Neto; 2º Procurador, Moacyr de Oliveira Filho; 3º Procurador, Nadja Lídia da Rocha.

Ainda distante dos ideais

Por João Batista Pinzon*

O cooperativismo é o humanismo na economia, a defesa da justiça econômica, um movimento aberto e solidário; é a humanização e a justa remuneração do trabalho. O cooperativismo é mais: é ação conjunta de várias pessoas, concretização do esforço comum para a realização de determinada obra ou tarefa, um movimento de permanente renovação econômica e social, inspirado nos valores da pessoa e voltado precipuamente para a produção e distribuição de bens a serviço do homem.

A doutrina cooperativista fundamenta-se na cooperação e estabelece o homem como valor supremo e objeto precípuo de seus cuidados. É uma nova filosofia que surge, onde o homem é o que importa. Esta doutrina faz a apologia do homem, de seus valores inerentes, de seus valores intrínsecos e sugere mecanismos capazes de gerar soluções suficientes e eficientes o bastante para responder a seus conflitos e problemas.

Este é o conteúdo doutrinário, filosófico, ideológico e programático do cooperativismo. Todavia, parece-nos que o cooperativismo, desde sua implantação, no Rio Grande do Sul e no Brasil, não teve a suficiente engenhosidade e criatividade para implentar-se, de forma objetiva e coerente com seus princípios, e determinar com exatidão fórmulas para viabilizar o desenvolvimento e a promoção econômico-social de seus quadros associativos.

Se tivermos um pouco de paciência e nos detivermos para um exame minucioso e profundo da ação do cooperativismo no Brasil, veremos grandes realizações econômicas, financeiras, industriais e comerciais — mas de fraca atuação quanto ao bem-estar de seus cooperados.

Houve sérias e profundas distorções quanto ao conteúdo filosófico e pragmático do cooperativismo. Entre elas, podemos destacar:

1. *A estruturação do cooperativismo de cima para baixo.* Não há o cumprimento do princípio da *adesão livre* e voluntária. Para se aderir é preciso, antes, conhecer com profundidade e desta forma livremente optar. A opção deve ser voluntária, isto é, a partir da necessidade do interessado e do seu desejo de querer fazer parte.

2. *O descaso pelo princípio de fiscalização e controle democrático.* O controle democrático não é apenas *uma pessoa, um voto.* É uma pessoa consciente definindo, delineando, planejando e programando, a partir de sua experiência fundamental de vida, necessidades, vicissitudes, anseios e problemas, a estrutura e organização de sua sociedade cooperativa.

A história do cooperativismo gaúcho e brasileiro acusa a falta da "gestão democrática ou auto-gestão", princípio vital para a efetivação de uma ação prática e determinante da eficiência empresarial. A participação do associado praticamente se atém à entrega da produção ou à aquisição dos bens de consumo sem, no entanto, como autêntico dono e usuário de sua sociedade cooperativa, estabelecer os objetivos e estratégia operacional de seu empreendimento.

O lamentável é que o associado, na grande maioria das cooperativas, porta-se como um mero espectador tendo que, na maioria das vezes e sem o conhecimento de causa necessário, aprovar ou não as idéias e projetos sem viabilidade econômica e desvinculados de seus reais interesses.

3. *O mau uso do princípio de "distribuição de sobras aos associados, na proporção de suas operações com a sociedade cooperativa".*

Este princípio não vem sendo aplicado pela maioria das cooperativas. A distribuição das sobras deve atender a dois segmentos importantes: em primeiro lugar, à justa remuneração do trabalho, ou das operações realizadas pelo associado com sua cooperativa, promovendo a justiça social ou a justa distribuição de renda, culminando na satisfação dos problemas do cooperado; em segundo lugar, à retenção das sobras para investir na melhoria da infra-estrutura, com vistas à prestação e aperfeiçoamento dos serviços. Isto porque a cooperativa é uma empresa de serviço e não de lucros, na qual, portanto, o rendimento do esforço conjunto realizado pelos associados deve ser distribuído proporcionalmente à parcela de cooperação que cada qual tenha levado para a sua sociedade.

Este princípio não é aplicado num bom número de cooperativas devido a uma série de fatores, entre os quais estão a freqüência com que se procedem liquidações de cooperativas, quando o ideal seria a concretização de incoporações e fusões; a ocorrência de má administração, nas mesmas cooperativas, conduzindo-as ao conseqüente endividamento e descapitalização; e o descontentamento dos associados devido à ineficiência de sua cooperativa.

4. *A falta de comunicação e educação.* A educação é um dos princípios cooperativistas, mas foi esquecido em nosso Estado e não tem contribuído para a formação de recursos humanos. Assim, não se formaram recursos humanos para dirigir, administrar e planejar a ação cooperativista, como também não se têm formado associados conscientes e prontos a atuar na gestão democrática e eficiência empresarial.

5. *A dependência do sistema cooperativista.* O cooperativismo é dependente, de pouca coragem, quase sempre solicitando favores e privilégios, ao invés de programar-se, integrada e solidariamente o próprio sistema cooperativista gaúcho nos dá o triste exemplo de desarticulação, de desintegração e de como não se deve cooperar. Por outro lado, peca por não saber utilizar, com adequada racionalização, os recursos técnico-científicos-organizacionais, gerando uma estrutura claudicante e, desta forma, onerando e prejudicando seus cooperados.

As instituições de representação do sistema cooperativista devem munir-se, implementar-se e organizar-se com recursos humanos qualificados, com instrumentos e mecanismos hábeis e ágeis, para proceder efetivamente como representações autênticas dos legítimos anseios e aspirações de sua clientela-alvo.

Se hoje o cooperativismo gaúcho sente-se descapitalizado, sem recursos econômicos e financeiros para cumprir seus objetivos e finalidades, tal não se deve tanto à falta de subsídios creditícios e ao peso da tributação, mas, isto sim, à não utilização de sua força viva, expressiva, capaz, se organizada e satisfeita, de gerar a maior parte da receita necessária ao seu real desempenho e à consecução de seus ideais.

Acreditamos, no entanto, na força expressa e ainda latente do sistema cooperativista que, por uma auto-avaliação e conseqüente autocrítica, corajosas, à expressão e profundidade de que nos inspira e ensina a própria doutrina cooperativista, terá condições de rearticular-se, redescobrir o seu rumo, partindo para a sua autonomia e independência, consolidando-se como real instrumento de mudanças e justiça social.

Com o que foi exposto, poderá parecer que estejamos sendo irreverentes em relação a todos quantos já trabalharam em favor do cooperativismo e, de outra parte, poderá parecer que estamos desconsiderando os bons serviços já prestados pelo cooperativismo, tanto a nível internacional como nacional. Mas não pensamos desta forma.

A verdade, que experimentamos, nos diz que determinado número de cooperativas apenas cresceu institucionalmente, e outras, pelos fatores acima referidos, não cresceram — ambas ensejando delicadas e precárias condições para cumprir os ideais cooperativistas.

* Interventor do INCRA no exercício da presidência da Cooperativa dos Estudantes de Porto Alegre. (Cepal)

DIVERSIFICAÇÃO

Em busca de uma solução

Há quatro anos, quando elaborou um estudo chamado *Considerações sobre a integração Lavoura-Pecuária,* divulgado pela Cotrijuí, o agrônomo Renato Borges de Medeiros foi acusado de radical pelas previsões quase apocalípticas que fazia, caso os produtores da região noroeste do Rio Grande do Sul persistissem plantando apenas o trigo e a soja. Ele previa, por exemplo, o aumento do êxodo rural, os desgastes da lavoura provocados pelo plantio ininterrupto destas duas culturas e pela utilização excessiva e desorientada de produtos e máquinas agrícolas, e apontava como saída a diversificação agrícola.

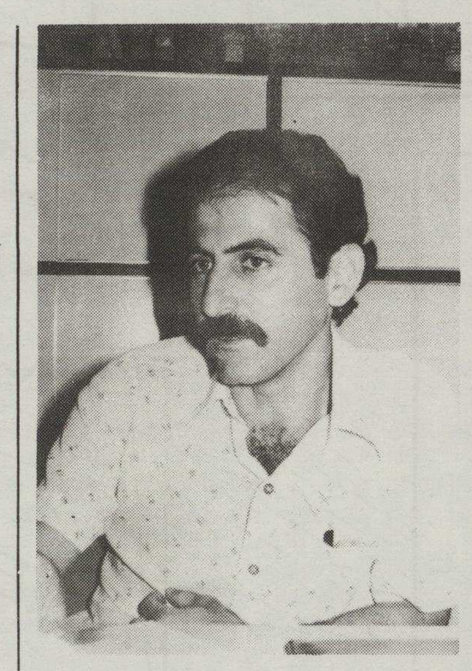
Agora, promovido ao cargo de diretor do Departamento Técnico da Cotrijuí — a principal cooperativa gaúcha, com 20 mil sócios e área de ação englobando 16 municípios —, Medeiros tem a chance de colocar em prática suas idéias, antes tidas até como uma tentativa de subverter a ordem estabelecida pela política oficial, de incentivo aos grãos exportáveis. E ele já faz afirmações ousadas: "A tendência atualmente é de ocorrer uma redução na área de plantio da soja que a médio prazo, deixará de ser a cultura principal da região".

Por enquanto, a soja ocupa mais de 300 mil hectares de lavoura na chamada região Pioneira, uma vasta área onde 80 por cento das propriedades são inferiores a 25 hectares. Sobre os produtores da região foi jogado todo o peso da propaganda oficial e dos incentivos fiscais para que o país tivesse os grãos que um dia equilibrariam a sua até hoje desequilibrada balança comercial.

"Foi assim que uma tecnologia americana, que nunca tinha sido vista por nosso produtor foi colocada na lavoura, enquanto atividades de igual ou até maior importância que a soja, como a cultura de subsistência, ficaram marginalizadas", sustenta Medeiros. "Nos primeiros anos de euforia, o agricultor aderiu ao consumismo, trafegou em carros do ano e passou a comprar verduras nos supermercados da cidade".

A TERRA VIROU PÓ

Até hoje ninguém sabe avaliar os prejuízos determinados por este modelo agrícola que só agora deixa de ser colocado em suspeita apenas em cochichos e rodas fechadas para centralizar um debate mais amplo. Além do grande número de famílias



Medeiros: prognosticando o fim da soja

que abandonaram o campo, talvez o maior prejuízo tenha sido o do solo, segundo o diretor da Cotrijuí: "O crescimento horizontal da lavoura, com a incorporação de novas áreas desmatadas fez com que a terra virasse pó. Há solos que não serão recuperados a curto prazo. As lavouras perderam suas matérias orgânicas e, em breve, estariam transformadas num deserto. E com uma terra pobre, o agricultor também é pobre".

Medeiros defende a definição de uma política científica do uso do solo no Brasil. "Só a partir deste raciocínio é que se poderá considerar os erros cometidos na exploração intensiva da lavoura", justifica . Ele comenta que algumas de suas previsões de 77 estão se materializando, como a ampliação da área destinada ao milho — que já tomou cerca de 16 mil hectares da lavoura de soja, no último verão; —, puxando a criação de suínos, a formação de pastagens e o conseqüente aumento da produção de leite. Atualmente há três mil associados da Cotrijuí envolvidos com a produção de leite.

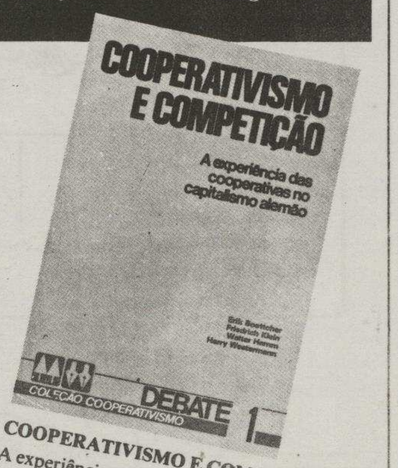
A VEZ DOS "OUTROS"

Uma amostragem realizada entre 1977 e 1978 com 265 produtores da região revelou que a soja tinha 65,25 por cento na renda bruta das famílias, enquanto o trigo participava com 20,95 por cento. O item *outros* — atividades não especificadas por serem inexpressivas — tinha apenas 9,80 por cento. "Agora é a vez dos *outros*", anuncia Medeiros. "As pequenas áreas de alho , por exemplo, com mais de 200 produtores com acompanhamento técnico, e todos os hortigranjeiros que, nos últimos anos, o produtor adquiriu nas feiras começa a retomar seus espaços. Tudo complementado com a formação de pomares e a criação de aves, para que a mão-de-obra familiar volte a ter ocupação e as rendas sejam mais estáveis".

No ano passado, a área de cultivo do trigo, no noroeste do Estado, foi de 177 mil hectares. Este ano, estima-se que não chegue a 100 mil hectares. Essa queda brusca foi causada, segundo o diretor técnico da Cotrijuí, não somente pelo desestímulo da política financeira, manifestada no baixo preço mínimo e baixo custeio, mas como efeito do debate estabelecido em torno do assunto.

Moisés Mendes

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS



COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.
Coleção Cooperativismo
Selo Debate nº 1
Cr$ 200,00

Héber

abre seu voto: é do PT

Héber Pires da Silva, 27 anos, casado, dois filhos é o centroavante reserva de Baltazar, no Grêmio. Goiano de Palmeira de Goiás, ele entra, agora, para o pequeno grupo de jogadores de futebol que apresenta, de vez em quando, algo mais que o contato diário com a bola. Inquieto, querendo aprender mais sobre a realidade que está por fora dos estádios, Héber já tem opinião formada sobre assuntos tão diversos como índios, religião e política. Eventual freqüentador de teatro, leitor de Fernando Gabeira e de jornais, ele confessa não estar preparado, ainda, para levar mais a fundo certas discussões. Nem por isso, porém, esconde sua vontade de manifestar o que pensa. Inclusive sobre futebol, quando diz que está na hora dos jogadores ganharem mais liberdade de ação dentro de campo. Visto da arquibancada, Héber, quando tem oportunidade de jogar, mostra que não é um reserva comum. Em muitos grandes times brasileiros ele poderia ser facilmente titular. Com uma mistura do futebol rompante de Serginho, e técnico, de Reinaldo — dentro de certos limites, é claro — é um centroavante de dupla ação, um gênero bastante raro: capaz da jogada individual em direção ao gol e, ao mesmo tempo, capaz de preparar um lance ou enganar um zagueiro para o gol do companheiro. Não é um jogador genial, mas suficientemente voluntarioso. Tanto com a bola quanto para dar uma entrevista, na qual fala até de assuntos delicados, como, por exemplo, a guerrilha do Araguaia.



Sobre Araguaia: "A gente ia combater, mas sem um ideal. Podia matar alguém sem saber por quê".

Treinando: "É preciso soltar o jogador, para o drible, para o gol. Arriscar mais".

— Como foi o início de sua carreira de jogador?

— Foi com 19 anos no Atlético de Goiás. começou tudo errado. Eu jogava no Atlético como juvenil desde os 17 anos. Quando voltei do Exército houve uma eleição para Presidente da Federação e eu fui profissionalizado para ser emprestado ao Goiatuba, do interior. Se eu não fosse, o Goiatuba mudaria seu voto. Fui, fiquei treinando, mas quando o campeonato começou meu contrato tinha voltado para o Atlético.

— Quer dizer, tua carreira já começou influenciada pela política dos cartolas?

— Exatamente. Isso me pegou de surpresa. Depois, no fim do ano (73) houve uma mudança política no clube e me deram passe livre. Fui parar no Independente de Goiás Velho, fiquei um ano, fui artilheiro do time e o Goiânia me contratou. Fiquei até 79 e aí fui contratado pelo Goiás. De lá vim para o Grêmio.

— Esse início, sendo manipulado, te marcou muito?

— Fiquei chateado, vi que não eram minhas qualidades que estavam em jogo. Alegaram um monte de coisas para me dar passe livre, que era mau caráter, essas coisas, para justificar para a torcida, para os conselheiros. E o Atlético foi o time em que eu mais fiz gols. Achei aquilo muito sujo.

— Quais foram as conseqüências disso para o jogador Héber?

— Me deu intranqüilidade. E, depois, na hora de fazer contratos sempre deu problemas, nunca quiseram me pagar o que eu pedia. No Goiás, quando meu contrato terminou, me deram uma carta proibindo de treinar lá, porque o pessoal da imprensa vinha falar comigo. Isso me chocou também, porque eu vinha arrebentando, fazendo gols. E o que faz a minha cabeça é jogar bem.

— E a experiência no Exército, como foi?

— Aquela época foi barra, em 72... aconteceu muita coisa.

— Você foi para a selva, não?

— Fui, só que noutra turma. Fui só para marchar na inauguração da Transamazônica, andei dois mil e tantos quilômetros. Se eu já não jogasse no time lá, tinha ido pra selva mesmo... me borrando de medo.

— Sabias o que estava acontecendo por lá naquela época, a guerrilha do Araguaia?

— Olha, eles faziam a cabeça da gente: que era o maior perigo, que os caras eram os maiores criminosos, que eram capazes de tudo. Mas, depois, a gente consumiu aquela história toda, passa um ano, dois anos e vai tomando consciência, conhecendo outro tipo de pessoas, que foram presas, que não participaram da guerrilha mas que eram ativas desde 68, e que tinham família, que eram gente boa.

— Não chegaste a combater a guerrilha diretamente?

— Não, mas fui preparado para entrar na selva.

— Como era essa preparação?

— Essas coisas de rastejar, tiro-ao-alvo e altas coisas na tua cabeça.

— Qual era o ambiente entre os soldados, garotos de 18 anos e com toda a doutrina em cima?

— Era defender, era o que fazia a cabeça da gente. E aí, ficava naquela, não podia nem ver uma figura e já tremia por dentro, por qualquer coisa a gente podia dar um tiro. Isso em qualquer lugar que a gente estivesse.

— Colegas seus entraram em combate, o que é que vocês ficavam sabendo?

— Num ponto a gente ficou sabendo o que estava acontecendo, a guerrilha, apareceram uns camaradas presos, eram caras bons... mas, sabe como é, no futebol tem mil preconceitos... a gente fica meio restrito para falar.

— Mas essa experiência deve ter provocado alguma coisa em vocês. O que é que mudou?

— Na época a gente tinha medo de tudo, da família ser atingida de alguma forma. Vivia intranqüilo no quartel, em casa e nas ruas. Até quando ia pro colégio ficava com medo das pessoas, de expor suas idéias. Passei a não acreditar no futuro, na coisa toda. Porque era um tipo de inimigo que você não conhecia, foi jogado pra você, não sabia qual a finalidade da coisa. Então, você ia combater determinado tipo de pessoa, mas sem um ideal. Podia matar alguém sem saber por quê.

— Você chegou a ter contato com algum preso?

— Não. Sabe como é, até na hora de entregar o prato com o rango os caras estavam virados contra a parede, de braços pra cima. A gente colocava o prato assim meio de lado, de olho aberto. Mas, depois, conheci um professor, pai de um colega nosso, que esteve preso, um senhor inteligente. Ele contou como a coisa estava preta. Ele foi solto porque o filho dele falou lá no clube e um cara do futebol falou com um coronel.

— E quando você saiu do Exército recebeu alguma recomendação especial?

— Sempre teve... tem muita coisa, sabe, mas a gente tá no futebol, pode ser prejudicado.

— O futebol tem dessas histórias. A do Afonsinho, que é mais antiga e outros jogadores que foram prejudicados. Agora está aí o Reinaldo sendo visado. Você tem medo disso?

— Tenho medo porque você pode notar pela minha história aí que eu nunca fui aproveitado. Agora o Reinaldo tá bem lá no Atlético, altas granas em cima, então ele tem mais é que aproveitar, soltar suas idéias. Eu estou com ele, porque futebol mesmo é ali dentro das quatro linhas, foi ali que ele nasceu.

— A imprensa não seria a culpada em certos casos, confundindo a figura do profissional com a pessoa e suas idéias?

— É, a imprensa faz parte do sistema, às vezes ela pega no pé pra derrubar mesmo, ou pra querer tirar de você mais coisas do que você pode dar com tranqüilidade.

— Estar num clube de futebol seria mais ou menos como estar no Exército?

— É mais ou menos isso. Sabe como é, a política de um clube é a política do País concentrada.

— Mas não existe também o cartola que não liga pra essas coisas? O cartola que diz: "Não interessa, o que importa é que o cara entra em campo, joga bem, faz gol"?

— Tem. Não é por estar no Grêmio, mas o Grêmio é um clube que não tem preconceito. Ele trouxe o Paulo César (o Caju) desprestigiado e deu condições para ele jogar. E teve o Éder, o Manga, entendeu? É um time que tem condições, por isso está sendo campeão. O Grêmio tá mais preocupado com meu trabalho, com o que eu posso criar.

— E entre os jogadores? É claro que jogador não é mais analfabeto como antigamente, mas como é?

(continua na página anterior)